



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA



DANIELE LUCIANO SANTOS

**AS SÓCIO-ESPACIALIDADES E RESSIGNIFICAÇÕES DAS CAVALGADAS –
ITAPORANGA D’AJUDA/SE**



São Cristóvão/SE
Abril de 2018

DANIELE LUCIANO SANTOS

**AS SÓCIO-ESPACIALIDADES E RESSIGNIFICAÇÕES DAS CAVALGADAS –
ITAPORANGA D’AJUDA/SE**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação em
Geografia da Universidade Federal de Sergipe, como
requisito para obtenção do título de mestre em Geografia.

Orientadora: Maria Augusta Mundim Vargas

São Cristóvão/SE
Abril de 2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237s Santos, Daniele Luciano
As sócio-espacialidades e ressignificações das cavalgadas -
Itaporanga d'Ajuda/SE / Daniele Luciano Santos ; orientadora
Maria Augusta Mundim Vargas. – São Cristóvão, 2018.
136 f. : il.

Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal
de Sergipe, 2018.

1. Geografia cultural. 2. Territorialidade humana. 3. Cultura
popular – Itaporanga d'Ajuda. 4. Cavalgada – Itaporanga d'Ajuda
(SE). I. Vargas, Maria Augusta Mundim, orient. II. Título.

CDU 911.3:394.24(813.7)

DANIELE LUCIANO SANTOS

**AS SÓCIO-ESPACIALIDADES E RESSIGNIFICAÇÕES DAS CAVALGADAS –
ITAPORANGA D’AJUDA/SE**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação em
Geografia da Universidade Federal de Sergipe, como
requisito para obtenção do título de mestre em Geografia.

Aprovado em ____/____/____

Membros da Banca

Presidente - Prof^ª. Dr^ª. Maria Augusta Mundim Vargas

Interno - Prof^ª. Dr^ª. Maria Geralda de Almeida

Externo à Instituição - Prof^ª. Dr^ª. Auceia Matos Dourado

AGRADECIMENTO

Acredito que não chegamos sozinhos ao sucesso, para crescermos, em qualquer aspecto da vida, contamos com o amor, o apoio, os ensinamentos, o conhecimento, a experiência e os conselhos daqueles que estão ao nosso lado. Considero a gratidão um dos sentimentos mais bonitos, ser grata significa que tenho consciência da importância de cada um na minha jornada, por isso sinto que preciso agradecê-los.

Agradeço a minha família, em especial aos meus pais Ademar e Damares, por me amarem incondicionalmente, por todos os seus sacrifícios em garantia da minha educação, por me ensinarem que nos estudos estaria a melhor chance de realizar meus sonhos, por me mostrarem que esforço e humildade são os segredos para conquistarmos o respeito pelo o que fazemos. Agradeço aos meus irmãos Adriana e Danilo, por todo amor “descomplicadamente complicado”, por me ajudarem, mesmo inconscientemente, a esquecer das preocupações e a viver momentos descontraídos que me davam forças para seguir em frente. Agradeço ao meu sobrinho/afilhado João Miguel, a luz da minha vida, por todas as vezes que me fez sentir especial e que me presenteou com o seu sorriso, pequenos sopros de vida, carinho e amor. Agradeço ao meu cunhado/compadre João Paulo por todas as vezes que demonstrou interesse pela minha pesquisa, sua curiosidade nata me ajudou a pensar e articular sobre ela como em um pequeno ensaio.

Agradeço a minha orientadora Maria Augusta Mundim Vargas por ter me recebido no Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura onde aprendi a ser pesquisadora, por cada ensinamento e por todas as “minhoquinhas plantadas em minha cabeça”, aprendi lições valiosas todas as vezes que me deu a oportunidade de escolher e de seguir com meus próprios pés. Agradeço por me abraçar como orientanda, por acreditar na minha proposta de pesquisa e por todas as vezes que se disponibilizou em me acompanhar nos trabalhos de campo, me senti mais segura com suas orientações. Obrigada profundamente por me ajudar a crescer.

Agradeço as professoras Maria Geralda de Almeida e Sônia de Souza Mendonça Menezes pelas importantes contribuições durante a minha qualificação. Cada um dos seus comentários, questionamentos e sugestões me ajudaram no processo de escrita da minha dissertação.

Agradeço a Roseane Cristina Santos Gomes que enquanto professora da graduação foi uma das primeiras a acreditarem em meu potencial, por ajudar a me convencer da minha

capacidade de ingressar no mestrado, por cada oportunidade de aprendizado e por nossas parcerias acadêmicas. Agradeço ainda pela amizade e o carinho que sempre demonstrou por mim, por me oferecer um lugar para dormir todas as vezes que precisei madrugar na universidade, teria sido muito mais difícil sem seu apoio, obrigada.

Agradeço ao professor Genésio José dos Santos, padrinho da primeira turma do curso noturno de Geografia, por todas as vezes que advogou por nós. O seu reconhecimento me ajudou a perceber que eu poderia ir mais longe do que eu mesma imaginava. Obrigada por toda confiança e incentivo.

Agradeço a César que me acompanha desde o primeiro período da graduação, por todas as vezes que doou seu tempo e ouviu minhas preocupações, meus medos, minhas inseguranças. Agradeço ao companheirismo e por todas as horas de estudos juntos, com você aprendi que “dividir o fardo nos ajuda a carrega-lo”. Obrigada por tudo.

Aos Colegas do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura pelas experiências e conhecimentos compartilhados, tanto os que passaram, Auceia, Angela, Eliéte, Rodrigo Herlles e Ronilse, quanto os que estão, Jorgenaldo, Luan, César, Vanessa, Rodrigo, Daniella e Edivaldo. Em especial a Edivaldo que me ajudou na aplicação de questionário em um dos meus trabalhos campos. Muito obrigada a todos.

Agradeço a todos que creditaram em mim, que compartilharam seus conhecimentos, suas experiências, que me apoiaram, me ajudaram, e que de alguma forma contribuíram para realização desse meu um sonho. Obrigada.

Daniele Luciano Santos

RESUMO

A variação ocorrida desde a década de 1990 na composição e na estrutura da cavalgada em Itaporanga d'Ajuda/SE levou-nos a questionar sua manifestação como prática festiva tradicional e contemporânea. Nesse contexto, tivemos por objetivo analisar os territórios das cavalgadas no município pelas práticas sócio-espaciais mantenedoras e propulsoras de sua realização. E, como objetivos específicos: i) traçar a linha do tempo das cavalgadas e seus cortejos; ii) apreender os sujeitos e as relações empreendidas para a realização das cavalgadas; iii) compreender as práticas sócio-espaciais dos produtores e dos participantes das cavalgadas; iv) e averiguar as bases materiais e simbólicas dos territórios da cavalgada. Para tal, fundamentamos o território tanto ao poder no sentido concreto quanto no sentido simbólico, pois interessa-nos averiguar a produção e manutenção das cavalgadas pelas relações de poder e pelos interesses de grupos políticos locais. As sócio-espacialidades das cavalgadas foram apreendidas e discutidas com auxílio de autores que destacam a construção do espaço social e do espaço cultural pela organização, significação da produção e valorização dos aspectos simbólicos. Discutimos a multidimensionalidade do território pelas práticas políticas, culturais e econômicas que reconduzem a cavalgada como tradição ressignificada e determinam seus territórios em Itaporanga d'Ajuda. A pesquisa é de natureza qualitativa ao eleger o fenômeno cavalgada como objeto de estudo e ao buscar compreendê-la por meio das práticas sócio-espaciais que a mantêm e que se desenrolam no território. Além da revisão bibliográfica, adotamos como metodologia a pesquisa documental em sites e jornais e a pesquisa de campo com uso da observação, realização de entrevistas, aplicação de questionários e registro fotográfico. Discutimos e expomos as representações e os territórios das cavalgadas como festa popular e como evento político. A festa é apreendida como manifestação tradicional ressignificada que dá sentido e valoriza os aspectos simbólicos dos povoados. Enquanto evento político, embora prática antiga, ressignificou-se como prática mercadológica, como “moeda de troca de favores políticos”. A festa e o evento que se produzem nas cavalgadas se distingue ainda, respectivamente, pelo sentido de patrimônio apropriado pelo saber fazer popular e pelo patrimônio instituído por normas legais.

Palavras-chaves: Etnogeografia; Cavalgada; Socio-espacialidades; Tradição, Ressignificação.

ABSTRACT

The variation that occurred since the 1990s in the composition and structure of the cavalcade in Itaporanga d'Ajuda / SE led us to question its manifestation as a traditional and contemporary festive practice. In this context, we had the objective of analyzing the territories of the cavalcade riding in the city by the socio-spatial practices that maintain and propel them. And, as specific objectives we had: i) trace the time line of the cavalcade and their corteje; ii) apprehend the subjects and the relations undertaken for the accomplishment of the yours routes; iii) understand the socio-spatial practices of horseback riders and yours produces; iv) and ascertain the material and symbolic bases of the territories of the cavalcade. To this end, we base the territory on both power in the concrete sense and in the symbolic sense, because we are interested in ascertaining the production and maintenance of cavalcade by power relations and the interests of local political groups. The socio-spatialities of cavalcade were seized and discussed with the help of authors who emphasize the construction of social space and cultural space by organization, significance of production and appreciation of symbolic aspects. We discuss the multidimensionality of the territory by political practices, cultural and economic factors that conduct the cavalcade as a re-signification tradition and determine their territories in Itaporanga d'Ajuda. The research is of qualitative nature when electing the cavalgada phenomenon as object of study, in seeking to understand it through the socio-spatial practices that maintain it and that unfold in the territory. In addition to the bibliographic review, we adopted as methodology the documentary research in websites and newspapers and the field research using observation, conducting interviews, applying questionnaires and photographic records. We discuss and expose the representations and territories of the cavalcade as a popular feast and as a political event. The feast is apprehended as a traditional manifestation that gives meaning and value to the symbolic aspects of the villages. As a political event, although an old practice, was resignified as market practice, as "currency of exchange of political favors.". The feast and the event that takes place in the cavalcades is still distinguished, respectively, by the sense of appropriate patrimony as popular know-how and by the patrimony instituted by legal norms.

Key words: Ethnogeography; Cavalcade; Socio-spatiality; Tradition, Re-signification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Percurso da Cavalgada do Povoado Tapera.....	67
Figura 2 - Percurso da Cavalgada do Povoado Gravatá	69
Figura 3 - Percurso da Cavalgada do Povoado Nova Descoberta	70
Figura 4 - Percurso da Cavalgada do Povoado Caueira	71
Figura 5 - Percurso da Cavalgada do Povoado Rio Fundo do Abaís	72
Figura 6 - Percurso da Cavalgada do Povoado Campos.....	73
Figura 7 - Percurso da Cavalgada do Povoado Sapé	74
Figura 8 - Percurso da Cavalgada do Povoado Ipanema	75
Figura 9 - Percurso da Cavalgada de Itaporanga d'Ajuda.....	76
Figura 10 - Percurso da I Cavalgada Top	78
Figura 11 - Percurso da I Cavalgada dos Amigos	79
Figura 12 - Cavalgada da Nova Descoberta	85
Figura 13 - Cavalgada na Estrada do Povoado Nova Descoberta	85
Figura 14 - Cavalgada na estrada do Povoado Tapera	87
Figura 15 - Gracinha Garcez na Cavalgada.....	87
Figura 16 - Fazenda Haras Proveito no Povoado Costa	88
Figura 17 - Show da Cavalgada na Praça César Mandarino	88
Figura 18 - Programação e apoio da Cavalgada D'ajuda.....	89
Figura 19 - Divulgação de pontos de venda e valor do ingresso	89
Figura 20 - XI Cavalgada d'Ajuda	90
Figura 21 - Panfleto eletrônico de divulgação da Cavalgada da Amizade	91
Figura 22 - Faixa de divulgação da Cavalgada Top	91
Figura 23 - Síntese da Cadeia Produtiva da Cavalgada.....	97
Figura 24 - Existência e Permanência da Cavalgada de Itaporanga d'Ajuda – Sujeitos e Atores	100
Figura 25 - Praça do Povoado Salvador	102
Figura 26 - Praça do Povoado Tapera	102
Figura 27 - Praça do Povoado Nova Descoberta.....	102
Figura 28 – Praça do Povoado Salvador antes da cavalgada.....	103
Figura 29 – Praça da Estação durante a cavalgada.....	103
Figura 30 – Praça do Povoado Gravatá depois da cavalgada.....	103
Figura 31 - Tri elétrico à frente da cavalgada.....	104
Figura 32 - Polícia Montada na segurança da cavalgada	104

Figura 33 - Atração artística da cavalgada	104
Figura 34 - Cavalo com faixa do Rancho Mourão	104
Figura 35 - Cavalo com crina trançada.....	104
Figura 36 - Cavalos com faixa e acessórios de couro.....	104
Figura 37 – Caminhão descarregando cavalos I.....	105
Figura 38 – Caminhão descarregando cavalos II	105
Figura 39 – Caminhão descarregando cavalos III	105
Figura 40 - Cavalgada D’Ajuda.....	106
Figura 41 - Cavalgada da Tapera.....	106
Figura 42 - Cavalgada do Gravatá.....	106
Figura 43 - Camisa “Amigos da Sela”	106
Figura 44 - Camisa “Rancho Mourão”	106
Figura 45 - Camisa “Rancho Urbano”.....	106
Figura 46 - Casa enfeitada no na Tapera	107
Figura 47 - Famílias assistindo a cavalgada	107
Figura 48 - Pessoas aguardando a cavalgada.....	107
Figura 49 - Show após a cavalgada no Sapé	108
Figura 50 - Show após a cavalgada de Itaporanga d’Ajuda	108
Figura 51 - Panorâmica da praça de eventos na sede	108
Figura 52 - Disposição Espacial dos Elementos da Praça de Eventos de Itaporanga d’Ajuda .	110
Figura 53 - Vendedor ambulante	111
Figura 54 - Barraca de Bebidas	111
Figura 55 - Vendedor Ambulante.....	111
Figura 56 - Prefeito, Deputado e Senador no Camarote.....	112
Figura 57 - Governador e Artistas	112

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Espacialização do Município de Itaporanga d’Ajuda.....	20
Mapa 2 – Espacialização das Cavalgadas em Sergipe 2009 e 2017.....	53
Mapa 3 – Percursos das Cavalgadas.....	64
Mapa 4 – Território das Cavalgadas.....	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese dos procedimentos da pesquisa.....	34
Quadro 2 - Tipologias das Manifestações / Itaporanga d'Ajuda	35
Quadro 3 - Perfil dos Entrevistados.....	42
Quadro 4 - Cavalgadas do Brasil / 2012-2016	48
Quadro 5 - Marcos da Cavalgada de Itaporanga D'ajuda	59
Quadro 6 - Síntese dos Percursos das Cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda-SE – 1997-2017 ...	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Significado da Cavalgada para os Participantes	109
Gráfico 2 - Significado do Show para os Participantes	109
Gráfico 3 - Relevância do Show pra os participantes.....	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. CAMINHOS PARA ENTENDER AS CAVALGADAS.....	20
1.1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	22
1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
2. NOS “TROTES” DAS CAVALGADAS: A LINHA DO TEMPO	46
2.1 AS CAVALGADAS NAS FESTAS DE SERGIPE	50
2.2 AS CAVALGADAS EM ITAPORANGA D’AJUDA	56
2.3 ROTEIROS E SUAS ESPECIFICIDADES	63
3. CAVALGANDO ENTRE AS DIMENSÕES DOS TERRITÓRIOS.....	82
3.1 DOS SUJEITOS E DAS RELAÇÕES.....	82
3.2 TRADIÇÃO E ESPETÁCULO.....	101
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: “PARA QUE NOVAS ESTRADAS SEJAM CAVALGADAS”.....	114
5. REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS	118
6. APÊNDICES.....	123
7. ANEXOS.....	130

INTRODUÇÃO



AS SÓCIO-ESPACIALIDADES E RESSIGNIFICAÇÕES DAS CAVALGADAS – ITAPORANGA D’AJUDA/SE

INTRODUÇÃO

Na Geografia as dimensões políticas, econômicas, culturais e simbólicas emergiram como alicerce de estudos sobre o território, em especial para aqueles que consideram a indissociabilidade da materialidade e da imaterialidade na sua constituição. Diante disto, propomos analisar os territórios das cavalgadas no município de Itaporanga d'Ajuda/SE pelas práticas sócio-espaciais mantenedoras e propulsoras de sua realização. Para tanto, foi preciso traçar a linha do tempo das cavalgadas e seus cortejos; apreender os sujeitos e as relações empreendidas para a realização das cavalgadas; compreender as práticas sócio-espaciais dos produtores e dos participantes das cavalgadas; e averiguar as bases materiais e simbólicas dos territórios da cavalgada.

A escolha dessa temática se deu tanto por motivos pessoais quanto acadêmicos. Pessoalmente, somos motivados pela memória dos festejos juninos de Itaporanga d'Ajuda e pelo desejo de “mergulhar” em um objeto que tivesse significado pessoal. Em face disso, nossas lembranças do São João em Itaporanga d'Ajuda, desde as mais remotas, revelam as cavalgadas como marca de suas festividades. Do ponto de vista acadêmico, somos motivados pela oportunidade de pesquisar um objeto inédito no âmbito da Geografia. Aliando a isso, compreender as cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda torna-se para nós um desafio no que diz respeito a complexidade das práticas, das relações, dos atores e dos sujeitos envolvidos em sua realização e que determinam a multidimensionalidade dos seus territórios. A vivência e posteriormente o aprofundamento teórico nos permite enxergar as sócio-espacialidades que garantem a existência e a permanência das cavalgadas no município.

Ao refletirmos a cavalgada com suas sócio-espacialidades e pela materialização no território, pudemos compreender o espaço indissociado das relações de diferentes dimensões, empreendidas na realização desta manifestação, que por sua vez constituem territórios. No tocante a sócio-espacialidade nos fundamentamos em Souza (2013), usando o conceito como indicativo de que estamos nos referindo ao espaço e as relações sociais de forma inseparável. Sobre o território, consideramos que sua constituição envolve aspetos tanto da materialidade quanto da imaterialidade. Por este motivo pautamos nossas discursões nas ideias de autores que reconhecem o território em sua multidimensionalidade, preponderantemente em Haesbaert (2004a; 2004b; 2007a; 2007b; 2009a; 2009b e 2012).

Ao considerar estas discursões teóricas entendemos as cavalgadas como manifestação tradicional ressignificada tal como Vargas e Neves (2009), pois ao longo da sua história sofreram variações em sua finalidade, estrutura e forma, se desprenderam de determinadas características como a religiosidade e aderiram novas como a mercantilização. Para compreendemos esta manifestação foi necessário discutirmos sobre festa popular e evento político, a primeira ligada à espontaneidade e de cunho cultural e indenitário, e o segundo ligado à estratégias que objetivam a visibilidade política partidária.

Para a consecução deste estudo de caso optamos pela pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica. Além da revisão bibliográfica, adotamos como metodologia a pesquisa documental em sites e jornais e a pesquisa de campo com uso da observação, realização de entrevistas, questionários e registro fotográfico. A presente dissertação foi metodologicamente construída conforme os resultados do planejamento da pesquisa, que por sua vez foi composto por três momentos: procedimentos introdutórios, coleta de dados e análise de dados. Para tal fundamentamos em autores como Godoy (1995); Ferreira (2002) Mattos (2015); Prodanov e Freitas (2013); Lakatos e Marconi (1991); Fontanella; Ricas e Turato (2008); Falkemabach (1987); Triviños (1987), Gil (2008), entre outros.

Além da introdução, a dissertação está estruturada em quatro partes. No primeiro capítulo - **Caminhos para Entender as Cavalgadas** - apresentamos nossas reflexões teórica-metodológicas sobre a categoria, conceitos e procedimentos adotados durante os dois anos de pesquisa. Nossas discursões consideraram os objetivos traçados, os fundamentos epistemológicos e geográficos, por este motivo, apontam a multidimensionalidade como elemento chave para entendermos os territórios das cavalgadas e trazemos as contribuições dos autores Haesbaert (2004a; 2004b; 2009a; 2009b; 2012; 2014), Raffestin (1993), Claval (2013; 2014), Bonnemaïson (2002) e Saquet (2013). No mesmo capítulo, refletimos sobre a sócio-espacialidade em Souza (2013); sobre festa em Brandão (1974; 1989), MARQUES e BRANDÃO (2015) e Castro (2012; 2015); e sobre evento em Santos (2000; 2006), Fonseca (2012) e Vargas e Neves (2009).

No capítulo - **Nos “Trotos” das Cavalgadas: A Linha do Tempo** – resgatamos a histórias das cavalgadas desde as Cruzadas da Europa na Idade Média, seguida pelas peregrinações à cavalos, perpassando pela sua chegada ao Brasil com os colonizadores, sua expansão associada aos tropeiros, seu processo de ressignificação, suas múltiplas faces nas diferentes regiões, sua expressividade no estado de Sergipe e suas especificidades no

município de Itaporanga d'Ajuda. Neste capítulo, comparamos dados publicados pelo inventário elaborado por Vargas e Neves (2009) com as informações que levantamos em sites e plataformas digitais no período de outubro de 2016 a janeiro de 2017 a respeito das cavalgadas no estado de Sergipe, além, de mapearmos os treze roteiros de cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda que ocorreram entre a década de 1990 e o ano de 2017, assim como, suas características, suas peculiaridades, os povoados, os atores e os sujeitos envolvidos.

O capítulo - **Cavalgando entre as Dimensões dos Territórios** – remete primordialmente às ideias de Haesbaert (2004a; 2004b; 2007a; 2007b; 2009a; 2009b e 2012) e que nos permitem compreender as dimensões política, econômica e cultural/simbólica dos territórios das cavalgadas. Nele resgatamos parte da história das famílias com tradição política em Itaporanga d'Ajuda, abordando a forma como cada uma constituiu seus territórios de influência no município, assim como os vereadores, os ex-vereadores, a prefeitura e os empresários. Isso nos permitiu analisar como a política, as disputas de poder e as conformações de territórios influenciam na permanência e manutenção das cavalgadas no município. Em seguida, guiados em Cosgrove (2004) e Tuan (2013) descrevemos as diferentes paisagens destacando as várias formas de festejar, expressões festivas e sensações no contexto das cavalgadas e dos shows.

Encerramos a dissertação com as **Considerações Finais**, dialogamos com cada objetivo traçado e os resultados alcançados. Respondemos questionamentos como: o que de fato compreendemos das cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda? Qual sua essência? E o que elas representam e significam para os atores e sujeitos? Os questionamentos nos direcionam para a conclusão da dissertação, mas não das possíveis inúmeras discursões a respeito das cavalgadas. Portanto, esperamos atender as expectativas do leitor ao construir uma análise na qual, elementos e dimensões da Geografia de abordagem cultural/fenomenológica sejam enfatizados e, sobretudo, que elucidem as tessituras que envolvem as sócio-espacialidades, a conformação de territórios, a institucionalização e a ressignificação da cavalgada, e sua expressividade enquanto festa popular e evento político.

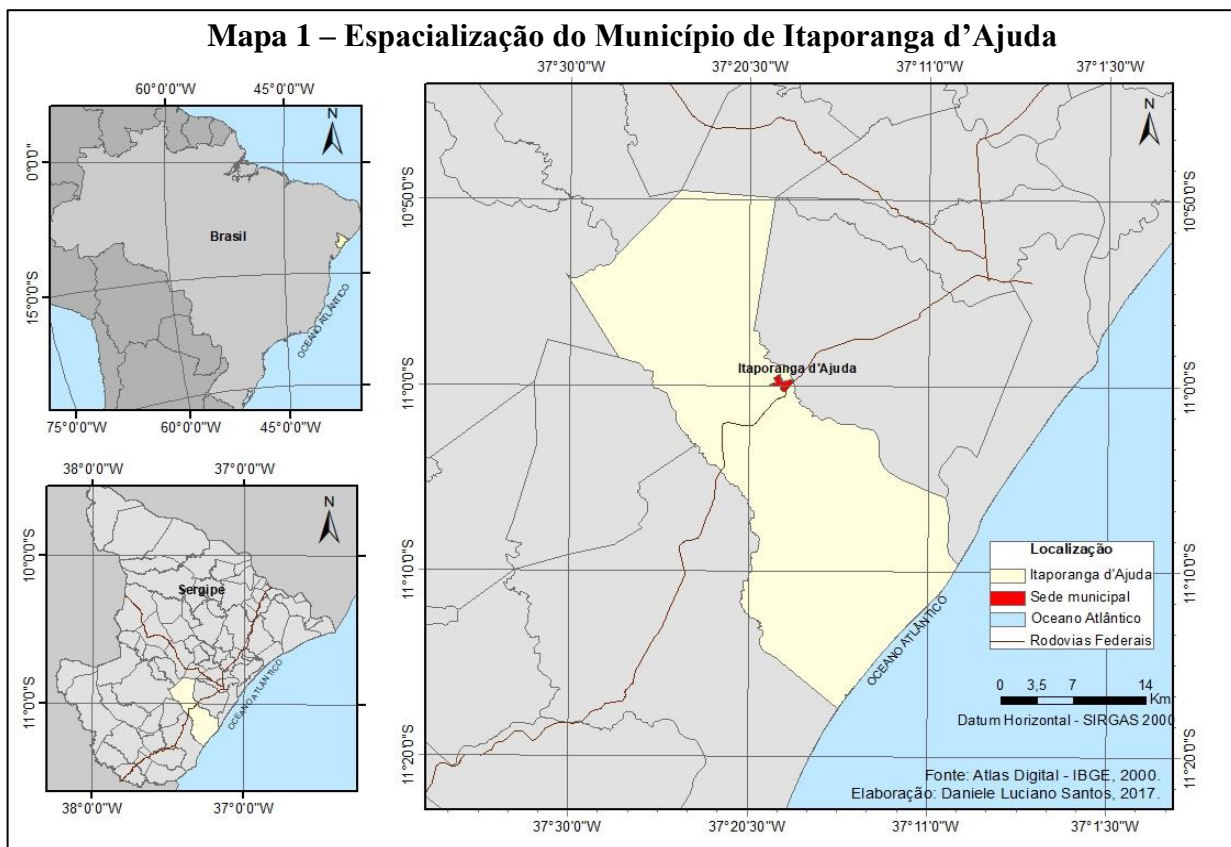
CAMINHOS PARA ENTENDER AS CAVALGADAS



1. CAMINHOS PARA ENTENDER AS CAVALGADAS

As etapas da metodologia que adotamos foram eleitas considerando aquilo que Pessoa (2012, p. 2) afirma sobre a escolha do “caminho” metodológico. A autora destaca que esta tarefa é de responsabilidade do pesquisador e deve estar em “[...] consonância com seus princípios filosóficos e posturas frente à realidade em que vive [...]”, portanto, o processo investigativo suscita olhares diferenciados de acordo com o propósito da pesquisa.

Primeiramente destacamos que esta dissertação é fruto de uma pesquisa que se caracteriza como estudo de caso que segundo Gil (2008) consiste no estudo profundo e exaustivo do objeto ou realidade específica, permitindo seu conhecimento detalhado, ou seja, o estudo de caso “[...] é uma categoria de pesquisa qualitativa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente [...]” (TRIVIÑOS, 1987, p.133). No nosso caso uma investigação aprofundada das cavalgadas do município de Itaporanga d’Ajuda, que localiza-se no Leste sergipano entre os municípios pertencentes a Grande Aracaju¹ com sede situada à margem direita do Rio Vaza Barris e população de aproximadamente trinta e dois mil habitantes (Mapa 1).



² Política do café com leite - Período político da República Velha em que os presidentes que assumiram o comando do Brasil representavam os interesses dos estados de São Paulo – grande produtor de café e de Minas

As cavalgadas são reconhecidas como parte da cultura do município, uma manifestação formada e estruturada pelos itaporanguenses que trás características próprias da sua localidade. Embora seja secular, o grau de elementos introduzidos, especialmente após a década de 1980, conduziu ao enquadramento dessas cavalgadas como manifestação tradicional ressignificada, ou seja, “[...] aquela cuja evolução apresenta variações na composição e na estrutura [...], mas também o novo, recentemente apropriado [...]” (VARGAS; NEVES, 2009, p.10).

Destacamos que desenvolvemos nossa pesquisa sob abordagem do método fenomenológico que segundo Heidegger (1988) busca resgatar não só o sujeito e a compreensão do fenômeno, mas também a própria experiência de mundo como um valor a ser agregado à compreensão do mundo e do outro. O método fenomenológico enfatiza o mundo da vida cotidiana, valorizando não apenas o observável, mas também o significado e o contexto do objeto de estudo, indo além da aparência por meio da vivência e da experiência. Neste sentido, nossa pesquisa também é de natureza qualitativa ao eleger o fenômeno cavalgada e ao buscar compreendê-lo por meio das práticas sócio-espaciais que o mantêm e que se desenrolam no território.

Sobre pesquisa qualitativa Godoy (1995, p. 21) destaca que nesta modalidade “um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada”; que o pesquisador precisa ir a campo “buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes”. Essas colocações suscitam que vários tipos de dados devem ser coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Para tanto, a seguir apresentamos a discursão teórica acerca de sócio-espacialidade em Souza (2013); de território em Haesbaert (2004a; 2004b; 2007 a; 2007b; 2009a; 2009b; 2012; 2014), Raffestin (1993), Claval (2013; 2014), Bonnemaïson (2002) e Saquet (2013); de festa em Brandão (1974; 1989), MARQUES e BRANDÃO (2015) e Castro (2012; 2015); e de evento em Santos (2000; 2006), Fonseca (2012) e Vargas e Neves (2009). Esses autores nos auxiliaram compreender a complexidade do território das cavalgadas em seu contexto bem como as relações que envolvem os atores e os sujeitos no processo de sua ressignificação em Itaporanga d’Ajuda.

1.1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A compreensão da complexidade das cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda perpassa o entendimento do espaço e das relações de diferentes dimensões e escalas que compõem suas sócio-espacialidades. Consideramos que na Geografia as discursões abrangendo o espaço são extensas, que há diversas possibilidades de se pensar a natureza das inter-relações que o envolve, delimitamos nossa compreensão de sócio-espacialidade tal como Souza (2013) quando referimo-nos simultaneamente ao espaço e às relações sociais. Nas palavras do autor:

Para compreendermos e elucidar o espaço, não basta compreendermos e elucidar o espaço. É preciso interessar-se, profundamente, e não somente epidermicamente, também pelas relações sociais. [...] E é aqui que entra em cena o sócio-espacial, no qual o “sócio”, longe de apenas qualificar o “espacial”, é para além de uma redução do adjetivo social, um indicativo de que se está falando, direta e plenamente, também das relações sociais (SOUZA, 2013, p. 16).

Em sociedade as práticas sócio-espaciais se distinguem entre atores, entre sujeitos e entre ambos, os distintos interesses que cada um possui determinam suas ações. Por meio de suas relações territorializam, apropriam-se materialmente e simbolicamente daquilo que configura seus territórios. Partimos das discussões teóricas do território enquanto resultado das relações de poder que envolvem as esferas política, econômica e cultural da sociedade em um determinado espaço. Isto é, compreendemos o território como produto das inter-relações entre a natureza e a sociedade, entre as esferas econômicas, política, e cultural, envolvendo estratégias de controle e poder, apropriação funcional e simbólica, tal como exposto pelos autores apresentados a seguir.

Saquet (2009) ressalta a relevância do conceito de território na Geografia e em outras áreas da ciência. Ele destaca que a abordagem do conceito tem assumido tanto um caráter crítico/analítico ligado ao arcabouço epistemológico e teórico, quanto empírico voltado para o histórico, o político, o econômico e o cultural. Segundo o autor, é por este motivo que o território passou também a ocupar um papel de ferramenta explicativa das problemáticas ligada à sociedade e um dispositivo de intervenção deste contexto, que envolve diversos tipos de atores e sujeitos. Apesar do conceito de território ser marcado pela influência da ação do Estado-Nação, no decorrer da história e em decorrência das particularidades do espaço e do tempo, ele passou a exprimir abordagens que valorizam os processos e as relações sociais, suas transformações também se deram em decorrência dos distintos referenciais teóricos

existentes, porém as ideias de apropriação, de relação de poder e de conflito permaneceram em sua essência.

O cenário de debates sobre os conceitos essencialmente geográficos é marcado ao longo da história por diferentes interpretações sobre o território. Segundo Deleuze e Guattari “[...] apesar de datados, assinados e batizados, os conceitos têm sua maneira de não morrer, e, todavia são submetidos a exigências de renovação, de substituição, de mutação [...]” (apud HAESBAERT, 2014, p.19). Neste sentido, todo conceito trás características do contexto histórico do seu criador e tende à anteder determinados problemas ou fenômenos da sua época.

Bonnemaison (2002) esclarece que o conceito de território surge influenciado pelas Ciências Biológicas e definido pelo comportamento animal. A princípio ligado à ideia de apropriação biológica, o território é delimitado por fronteiras e exclusivo à determinada espécie. Posteriormente, alguns estudiosos ampliaram a análise do território ligada ao comportamento humano. E acrescenta que as sociedades humanas concebem o território de forma diferenciada, pois para elas não é obrigatoriamente fechado como o território advindo da Biologia, nem sempre é um tecido espacial contínuo e nem induz a um comportamento necessariamente estável. Ele afirma ainda que os territórios das sociedades humanas são ao mesmo tempo, “espaço social” e “espaço cultural”, produzido e vivenciado, “concebido em termo de organização e produção” e “em termos de significação e produção simbólica” (ibidem, p. 104), portanto o território nesta concepção está associado tanto à função social quanto à função simbólica.

Na ciência geográfica a origem do conceito de território marca o período de institucionalização da Geografia enquanto disciplina no ano de 1870. Como mencionamos anteriormente, o conceito foi construído tendo o Estado como referência, associado à ideia de soberania nacional e de afirmação de Estado-Nação. Claval (2013) destaca que Friedrich Ratzel teve o processo de unificação do Estado alemão como referência e foi um dos primeiros geógrafos a utilizar o conceito de território nessa perspectiva geopolítica. Para ele o território é indispensável ao alcance dos objetivos políticos; é a expressão legal e moral do Estado e, por este motivo, é justificável a sua defesa e manutenção assim como a conquista de poder mediante disputa para incorporação de novos territórios.

De acordo com Saquet (2013) além do espaço concreto em si, com seus atributos naturais e socialmente construído, ocupado e apropriado por um grupo social: “[...] o território seria o resultado das ações dos homens em sociedade, demarcando e organizando o espaço tanto jurídico quanto cultural e economicamente” (SAQUET, 2013, p. 69). O uso social ou as formas de apropriação do espaço determinam o território. Nesse contexto, além da materialidade das relações econômicas e políticas, também deve ser levada em consideração a “valorização” dos aspectos simbólicos. Para Bonnemaïson (2002) o território é constituído como um sistema de símbolos, organizado e hierarquizado para corresponder às necessidades e funcionalidades assumidas pelo grupo que o constitui. Assim, a forma como o território e as territorialidades se apresentam determina como cada grupo organiza seu espaço conforme suas necessidades e sua cultura.

Haesbaert (2014) também destaca que a origem e formação do território implicam simultaneamente aspectos materiais e simbólicos. Para ele em qualquer acepção o território incorpora poder, disputas e conflitos envolvendo aspectos da materialidade e da imaterialidade, por este motivo o território é sempre múltiplo, diverso e complexo. O autor ao considerar o território produto de relações de poder na sua perspectiva concreta e simbólica, categorizou o conceito em três dimensões de análise. Para ele a constituição do território "desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica'" (HAESBAERT, 2012, p. 95). Neste sentido, o território deve ser analisado considerando as suas dimensões política, econômica e cultural, e não apenas uma delas.

Para analisar os territórios das cavalgadas em Itaporanga d’Ajuda pelas práticas sócio-espaciais mantenedoras e propulsoras de sua realização, comungamos com as contribuições dos autores Haesbaert (2004a; 2004b; 2007a; 2017b; 2009a; 2009b; 2012; 2014), Saquet (2013), Bonnemaïson (2002) e Claval (2014), quando afirmam que as múltiplas relações em diversas escalas produzem territórios pelo o exercício do poder no sentido de apropriação funcional e/ou ideológico-cultural. Ou seja, o poder inerente ao território corresponde tanto ao de dominação das relações econômico-políticas quanto ao simbólico de apropriação das vivências e valores culturais e, por este motivo partimos do pressuposto que território e poder não devem ser analisados de forma isolada.

Haesbaert (2012) identifica que o território vem sendo abordado principalmente em duas perspectivas, ora materialista e ora idealista. Segundo o autor os estudos desenvolvidos

no âmbito da perspectiva materialista têm privilegiado a dimensão físico-concreta que por sua vez é compartimentada em três concepções naturalista, jurídico-política e econômica. Na naturalista o território é analisado com base nas relações entre sociedade e natureza, na jurídico-política o território é delimitado e controlado por meio do poder em especial o estatal, e na econômica o território é recurso e produto das relações conflituosas entre classes e do trabalho. No âmbito da perspectiva idealista ele afirma que os estudos priorizam a dimensão abstrata-imaterial e o território é visto, sobretudo, como fruto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu *espaço vivido*, que segundo Bonnemaïson (ibidem, p. 110) trata-se de “um espaço de reconhecimento e familiaridade ligado à vida cotidiana”. Foi considerando estas perspectivas de análise e compartimentação do território que Haesbaert (2004b) categorizou as dimensões do território em jurídico-política, econômica e cultural-simbólica.

As abordagens referentes à dimensão jurídico-política do território tradicionalmente possuem destaque na Geografia. Nesta vertente o território está relacionado ao espaço controlado e delimitado por relações de poder, em especial por aquelas institucionalizadas pelo o Estado, ou seja, o território nasce das estratégias de controle necessárias à vida social. Neste contexto, Claude Raffestin (1993) critica a geografia política clássica na qual o Estado é o único detentor do poder, pois para ele há poder político desde o momento em que uma organização, não apenas o Estado, luta contra a desordem. Raffestin (Ibidem) fundamentou-se em Foucault para afirmar a multidimensionalidade do poder, e sua postura incentivou um olhar para as relações cotidianas, para as relações de poder em todas as escalas, dentro e fora do território nacional.

Segundo Raffestin (1993), existe o poder e o Poder. O Poder (com letra maiúscula) é a soberania do Estado, ou seja, são fins que garantem a sujeição dos cidadãos ao Estado. O poder (com letra minúscula) é aquele que está presente em cada relação, na curva de cada ação, que utiliza as fissuras sociais para se infiltrar. Porém, é mais influente o poder que não se pode ver, que se manifesta em cada comunicação entre dois polos, fazendo face ou confrontando-se um ao outro sem que os indivíduos ou sujeitos percebam. Diante disso, ressaltamos que ao tratar das cavalgadas levaremos em consideração que o poder, assim como o território, é multidimensional.

De acordo com Haesbaert (2007a) o enfoque que valoriza os aspectos econômicos focaliza a espacialização das relações econômicas, e nesta concepção é no território que

ocorrem os conflitos entre classes sociais a partir da relação capital-trabalho. Isso corresponde às contribuições de Santos (2006) quando ele destaca que o território é sinônimo de recurso, frente às relações instituídas entre capital-trabalho ou da divisão territorial do trabalho.

Na vertente cultural, Haesbaert (2012) afirma que o território resulta da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao espaço, a valorização dos aspectos culturais e identitários possibilita a compreensão do território como espaço de referência cultural. Por outro lado, Bonnemaïson (2002, p. 102-102) destaca que “é pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço”. Neste sentido, a ideia de cultura não deve ser separada da ideia de território. De acordo com Claval (2013, p. 125) “a dimensão simbólica do território torna-se um dos temas essenciais da Geografia, no momento em que se desenvolvem as pesquisas sobre o espaço vivido nos anos de setenta e oitenta”, quando a Geografia volta o seu foco para o sentido de enraizamento, laços afetivos e morais que os grupos tecem com o solo onde eles e seus antepassados nasceram, foram e serão sepultados, pois segundo o autor os grupos só existem pelos territórios com os quais se identificam, portanto o território aparece como essencial e forte referencial simbólico para àqueles que o habitam.

A categorização em dimensões de análise feita por Haesbaert (2012) agrupa as principais ideias apresentadas nos diversos conceitos de território. O autor destaca que essas concepções não devem ser tomadas para análise de forma isolada, pois o que se sabe é que a construção do território é “dinâmica, processual e relacional”. Considerando estas perspectivas de análise, o autor sugere trabalhar o território sob o binômio materialista-idealista, uma visão “integradora” que envolve conjuntamente a esfera natural, econômica, política e cultural-simbólica. Desta forma o território não pode ser enxergado como um espaço exclusivamente natural, ou estritamente político, econômico ou cultural. Segundo o autor o território é concebido de forma a integrar as diferentes dimensões que envolvem a sociedade e a natureza. Esta leitura integradora do território ainda é tida como não convencional diante das várias abordagens “unidimensionais”. É nesse sentido que há a necessidade de uma visão de território que parta da concepção híbrida de espaço geográfico, concebido pela imbricação de múltiplas relações de poder material-simbólico.

Haesbaert (2014) afirma que apesar da multidimensionalidade do território ser levada em consideração por inúmeros estudos geográficos, a compreensão dos processos de

territorialização volta-se enfaticamente à dimensão material, focalizando, especialmente, uma ordem jurídico-política. Apenas recentemente passou-se a considerar de forma enfática, nos estudos territoriais, o papel da dimensão imaterial, de caráter simbólico cultural, além do “papel desempenhado pelos valores, pelas representações, pelo sentido de pertencimento, e pela identidade espacial” (Ibidem, p.43).

Segundo Coelho Neto (2013) diante das possíveis abordagens do território há autores que reconhecem a sua multidimensionalidade, porém privilegia uma das dimensões em detrimento das outras. Há aqueles que advogam uma anterioridade da dimensão simbólico-cultural, outros assumem a nuclearidade da dimensão política, ou ainda, os que centralizam seus estudos na dimensão econômica. Alguns geógrafos, por exemplo, põem em segundo plano o campo cultural e acreditam que ao discutirem o sistema social estão exaurindo aspectos da cultura, certa conduta é essencialmente redutora, restringi a cultura à um simples “resíduo” e separa o homem de uma parte de si mesmo.

Buscamos centralizar nossas reflexões e análises nos autores que defendem a inseparabilidade das dimensões materiais-simbólica na compreensão do território, cientes de que o debate sobre a complexidade da multidimensionalidade situa-se no âmbito teórico-metodológico, pois “[...] o estabelecimento de dimensões para compreensão da realidade é uma operação que se realiza no plano da análise, informadas pelas problemáticas efetivas sobre as quais nos debruçamos e delimitamos nosso foco” (COELHO NETO, 2013, p.47). Os argumentos que convergem para a multidimensionalidade nos permite pensar na complexidade dos contextos geográficos e históricos que contornam e atribuem particularidades às problemáticas delimitadas. Nesse contexto, Haesbaert (2009a) sugere a leitura da territorialização a partir de um *continuum* de articulação territorial que reconhece a imbricação das múltiplas dimensões e confronta a ideia e a existência de territórios exclusivamente funcionais/materiais ou culturais/simbólicas. Neste sentido,

Considerando os dois extremos (que, se existissem seria apenas como ‘tipos ideais’), diríamos que não é possível conceber territórios puramente funcionais (já que sempre, por menos expressiva que seja, estará neles contida uma dimensão simbólica) nem territórios puramente simbólicos (neste caso, alguma referência a um espaço material, por alguns, denominado espaço – ou território – ‘de referência identitária’, deverá estar presente) (HAESBAERT, 2009a, p. 106).

Portanto, considera-se concomitantemente “o tempo, o espaço e o território, e aspectos da economia, da política e da cultura ([i]materialidade)” (ibidem, p. 127), para

desenvolver uma abordagem geográfica do território. É nesta perspectiva da multidimensionalidade que iremos analisar os territórios das cavalgadas e tentar compreender a natureza das práticas sócio-espaciais estabelecidas para a sua manutenção e permanência. Ou seja, fundamentados em Bonnemaïson (2002), Haesbaert (2012) e Saquet (2009) assumimos a análise do território considerando duas dimensões básicas e indissociáveis na construção do mesmo, tidas como a dimensão material e a dimensão imaterial. Em outras palavras consideramos tal como Haesbaert (2004b, p.03) que “[...] todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar ‘funções’ quanto para reproduzir ‘significados’”. Os posicionamentos dos autores supracitados convergem para a ideia de multiplicidade do território, e as dimensões inerentes a ele são condicionantes e condicionadas às relações territoriais.

Antes de desvelar os territórios das cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda é preciso compreendermos as sócio-espacialidades que as envolvem, que por sua vez se diferencia conforme os atores, sujeitos e relações submergidas. Nesse sentido, dependentemente do ponto de vista e do contexto em que estão inseridas, as cavalgadas podem ser compreendidas como festa popular e como evento político. Anterior à análise, trazemos a discussão conceitual de festa fundamentada principalmente nas ideias de Castro (2012; 2015) e Brandão (1974; 1989) e evento em Santos (2006) e Fonseca (2012). Em seguida traçamos a linha do tempo da cavalgada transpondo a Europa da Idade Média, o Brasil colônia, o Sergipe das festas, seus marcos e percursos no contexto de Itaporanga d’Ajuda, a diante abordamos a sobreposição de territórios e como as práticas sócio-espaciais de caráter político, econômico e cultural determinam a ocorrência das cavalgadas no município.

De acordo com as colocações, nos debruçamos sobre as sócio-espacialidades da cavalgada enquanto manifestação contemporânea ressignificada, que contém ao mesmo tempo aspectos de festa popular e evento político. Tendo em conta que a festa é um elemento cultural, vimos à necessidade de antes discutirmos o que entendemos sobre cultura.

Os principais conceitos de cultura a descrevem a partir das singularidades e peculiaridades do indivíduo. Paul Claval teceu importantes contribuições a respeito da cultura e segundo o autor ela é “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e em outras escalas, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte.” (2014, p.71). A partir dessa definição

ele afirma que a cultura é uma construção coletiva, transmitida de uma geração a outra, que molda e é moldada pelos indivíduos. Neste sentido, ela é inventiva, é histórica, é processo e mudança, tal como MARQUES e BRANDÃO (2015) a define.

Culturalmente nossa vida é marcada por situações únicas como o nascimento e a morte, situações raras como o casamento e o nascimento de filhos, ou até mesmo de situações repetidas como os aniversários. Únicos, raros e repetidos nos quais festejamos ou somos levados a festejar (BRANDÃO, 1989). Segundo Brandão o que faz as sociedades festejarem varia, pois há aquelas que comemoram com ênfase certos acontecimentos, e aquelas que os deixam em segundo plano e atribuem importância a outros. Para o autor, em decorrência de diversos motivos, a cultura na qual estamos inseridos interrompe a sequência cotidiana que marca nossas vidas e define os momentos de festejar. Neles somos individualmente ou coletivamente chamados a lembrarmos de si, de alguém, ou de algo que constitui sentido de vida e/ou ordem do mundo. Para que em um breve e especial momento possamos festejar, aquilo ou aquele que damos ênfase mostra-se como símbolo. Segundo Corrêa (2009) os símbolos constituem traços fundamentais do ser humano, este vive em uma “floresta” de símbolos socialmente criados, que expressam significados às diversas esferas da vida.

Brandão (1989) destaca ainda que a ênfase que dada àquilo que é festejado normalmente recai em situações em que se atesta o momento em que algo ou alguém transita de uma posição a outra na sociedade. A festa também demarca o restabelecimento de laços, visto que festejamos aquilo ou aquele que nos faz parte, segundo o autor ela torna “suportável o inevitável e sua consciência antecipada”, ou seja, ameniza o stress causado por aquilo que não queremos, mas que sabemos que irá acontecer e não podemos evitar, visto que com ela comemoramos a possibilidade disto e de tudo ser compreensível e compreendido. Neste contexto, Castro (2012) enfatiza as ideias do autor Cox sobre festividade quando afirma ser um momento reservado para a expressão plena do sentimento e do viver intensamente, propicia-nos breves tréguas das tarefas diárias, sem a qual a vida seria insuportável. Destaca que a participação em festas e eventos, dissociado das práticas cotidianas, tem a função de suavizar as tensões resultantes da imensa funcionalização, formalização e burocratização do homem moderno.

A festa toma para si os sujeitos, objetos, estruturas e relações cotidianas, toma posse da rotina sem rompê-la, porém excedendo sua lógica. Neste processo Brandão (1989) afirma que as pessoas são levadas ao ritual da transgressão, em outras palavras, momentaneamente

mostram-se invertidas ao que é socialmente esperado. Ao descrever uma festa popular ele afirma que:

É a mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada de momentos de rezar, cantar, dançar, desfilar, ver, torcer [...]. Enfim, de “festar”, palavra brasileira que deliciosamente e sabidamente resume tudo o que se deve fazer em uma festa popular. (BRANDÃO, 1989, p. 3).

Neste sentido, a conduta individual e coletiva se expressa de forma diferenciada em uma festa e associando as ideias de Brandão (1989) com as de Castro (2012) compreendemos que nos ambientes festivos há a possibilidade dos excessos e o limite entre o lícito e o ilícito é comprometido. No ato de “festar” nos desvinculamos dos comportamentos comuns ao cotidiano e nos conectamos ao momento de celebrar o que queremos dar ênfase. Brandão (1989) afirma que ao olhar uma praça de uma cidade em festa podemos capturar o espetáculo da combinação de corpos, de gestos, de vestimentas e de situações. Para ele, guardadas as proporções e as diversidades regionais, há pouca variação no sentido e estrutura da festa. O autor também destaca que o Brasil é culturalmente festivo, aqui misturamos tudo e todos em grandes e pequenos festejos, estes direcionados para nós, para o que criamos, para o que produzimos, para o que cremos. E comumente ocorre a sobreposição de diferentes festejos, e até mesmo, em algumas localidades, a junção destes.

Sobre o significado social da festa Brandão (1974) fundamenta-se em Buechler para explicá-la como um sistema social institucionalizado, que ao mesmo tempo conserva aquilo que lhe é tradicional e incorpora elementos novos. A junção entre o tradicional e o novo ocorre com as modificações da sociedade ou de grupos sociais onde é realizada ou promovida a festa. O autor também entende que a festa é socialmente integrativa, gera e expressa normas sociais pela participação de pessoas, como e em rituais, ou seja, os rituais da festa “são mensagens que transportam da sociedade significações e preceitos a respeito das estruturas e das relações da sociedade” (BRANDÃO, 1974, p.4).

Para o autor a festa é um acontecimento social de efeito identificador. Este pode ser expresso pelo menos em três níveis. Primeiramente, a festa é uma forma encontrada pela sociedade de homenagear, horar e rememorar os personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais ela e seus indivíduos se identificam. Segundo, mesmo quando incluem aspectos de outras sociedades, elas são feitas por pelo menos algumas formas e conteúdos simbolicamente exclusivos, contrastivos e identificadores. Terceiro, os rituais da festa simbolizam de forma simplificada a vivência, e expõe a organização social e o modo de ser da

sociedade que a produz, ou como o autor destaca, é o “orgulho” pela posse e uso dos elementos “tradicionais” e “exclusivos” de suas festas. Deste modo, a festa transcende a exposição da cultura de uma sociedade, ela é a exposição da própria sociedade, de seus preceitos e de sua história, que ela rever, rememora e conserva (BRANDÃO, 1974).

Segundo o autor a festa cria situações que suspende a rotina dos “dias normais” na qual as pessoas, seus comportamentos e atitudes são postas sob vigília e controle, ou seja, fora da rotina os indivíduos estão autorizados a descobrirem e incorporarem comportamentos e motivações proibidos nos “dias normais”. Para ele a rotina conserva a ordem das relações sociais e se expressa no cotidiano, onde as pessoas agem e se relacionam de acordo com os padrões reconhecidos por elas como normais no modo de vida da sociedade. A festa por sua vez, “se instala em uma faixa de cotidiano que ela altera como acontecimento periódico (mas quase nunca rotineiro), ou eventual (em certo caso único)” (BRANDÃO, 1974, p. 8). Por conseguinte a ideia de festa está ligada a uma “visão anti-cotidiana da vida”, ou seja, sua concretização busca “romper com o *continuum* da vida diária”, mas ao mesmo tempo “O ritual defende a ordem do cotidiano porque permite a saída dele, mas só depois de garantida a volta à rotina e à ordem que a controla” (Ibidem, p. 6).

Brandão (1974) entende a festa como um acontecimento de ritualizações. O conceito de acontecimento é utilizado pelo autor para dar uma ideia situacional, de algo (festa) incluído dentro de uma continuidade (rotina), que por determinado tempo modifica e altera. Ele chama a festa de acontecimento de ritualização porque ela é em si um ritual complexo, constituído por outros rituais situacionais que expressam comportamentos opostos aos produzidos na rotina. Para facilitar a compreensão, os rituais situacionais que compõe a festa são chamados pelo autor de evento-ritual ou apenas evento. Os eventos são expressões concretas, que normalmente recebem nomes, pelos quais a festa pode ser dividida. E possuem atributos, momentos e objetivos diferentes para cada uma deles, os diferenciando dentro de uma mesma festa.

Santos (2006) que traz a discussão filosófica sobre evento. Segundo o autor, o termo possui diversas acepções e sentidos e, há quem o trate como momento, ocasião ou sucessão de instantes. Destaca que em uma teoria geográfica do evento “se consideramos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um veículo de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo” ou em uma formação social mais limitado que o mundo (SANTOS, 2006, p.93).

Fonseca (2012) por sua vez afirma que não existem muitos estudos sobre as tipologias e conceitos de evento. O autor fundamenta-se em Getz para afirmar que eles são de ocorrências temporárias e planejadas, podendo ser únicos ou periódicos com tempo limitado. Como diria Santos (2006, p. 94) “os eventos são, todos, presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que eles qualificam”, ou ainda “um instante do tempo dando-se em um ponto do espaço” (Ibidem, p. 93). Nesse contexto, entendemos que evento é uma expressão da exceção na cotidianidade.

Destacamos que todo evento normalmente possui um tema base, uma comissão organizadora e um planejamento bem definido e estruturado, e os participantes são um elemento essencial. Ele acrescenta que um evento possui como “principal objetivo a projeção da imagem, notoriedade e atrativos do local ou região onde está inserido” (FONSECA, 2012, p. 6). Portanto, independente de ser um evento desportivo, cultural, religioso, comercial, turístico ou político eles são pensados para satisfazer as necessidades ou conquistar as atenções dos participantes.

Segundo Castro (2012) o enfoque lúdico-cultural da festa essencialmente popular carregada de simbolismo, se distingue do evento de entretenimento temporário assentado no lazer e na diversão. As festas de rememoração possuem vínculos intensos com práticas do passado enquanto que o caráter mercadológico e espetacular dos eventos desassocia o ato de festejar da rememoração, eles são fundamentalmente prática presenteísta, tanto no tempo quanto no espaço, que possuem o objetivo de promover o lazer, a diversão ou celebrar algo do presente. De acordo com Castro (2015) tornou-se corriqueiro o uso de expressões como “megafesta” ou “festa espetáculo” para referir-se aos eventos, isso revela uma confusão conceitual entre eventos “que geralmente são verticais, formais, racionalmente programados e espacialmente delimitados” (Ibidem, p.43) e festas populares “que não deixam de ser espontâneas, horizontais e apresentam determinadas peculiaridades lúdicas, estéticas e culturais” (Ibidem, p.43), mesmo em situações que são pensadas e/ou instituídas espaço-temporalmente por uma instituição.

As cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda também podem ser compreendidas como eventos de organizações públicas tendo em vista que é a Prefeitura Municipal que produz e realiza. E é um evento local mantido por meio do interesse político pela notoriedade da gestão municipal e projeção da imagem dos festejos juninos do município no estado de Sergipe. Segundo Vargas e Neves (2009) os palanques destas festas/eventos de massa tornaram-se

também palanques de visibilidade política para os homens públicos, ajudando a explicar em parte o apoio dado pelos governos do estado e dos municípios para estes eventos. Neste sentido, as cavalgadas também podem ser classificadas como “evento político” considerando os interesses imbuídos em sua realização.

Após essa discussão conceitual trazemos os procedimentos metodológicos que adotamos, fundamentais a análise dos territórios das cavalgadas no município de Itaporanga d’Ajuda. A seguir traçamos a linha do tempo da cavalgada transpondo a Europa da Idade Média, para o Brasil colônia e para o estado de Sergipe; os marcos e percursos no contexto do município; os territórios e as práticas sócio-espaciais de caráter político, econômico e cultural que determinam a ocorrência das cavalgadas.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos que escolhemos para investigação científica são expostos a seguir estão didaticamente subdivididos em três categorias que englobam instrumentos e técnicas, quais sejam: **i) procedimentos introdutórios; ii) coleta de dados e iii) análise de dados** cujas técnicas e atividades estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Síntese dos procedimentos da pesquisa

PROCEDIMENTOS INTRODUTÓRIOS		
Primeiras Ações	Caracterização do objeto	Ferreira (2002) Mattos (2015) Prodanov e Freitas (2013) Santos (2007)
	Estado da arte	
	Levantamento bibliográfico	
	Primeira aproximação	
Balizamento dos Procedimentos	Definição da amostra	Lakatos e Marconi (1991) Fontanella; Ricas e Turato (2008)
	Elaboração das técnicas e instrumentos	
	Pré-teste	
COLETA DE DADOS		
Pesquisa Documental	Documentos públicos	Lakatos e Marconi (1991)
	Mídia digital – 72 sites	
Trabalho de Campo	Diário de campo	Lakatos e Marconi (1991) Falkemabach (1987) Belz (2011) Guran (2012) Triviños (1987)
	Observação	
	Registro fotográfico	
	Realização de entrevistas (10) e questionários (45)	
ANÁLISE DE DADOS		
Análise de Conteúdo	Pré-análise	Gil (1989) Bardin (1977)
	Exploração do material	
	Tratamento dos resultados: inferência e interpretação	

Organização: SANTOS, Daniele Luciano. 2016.

Nos **procedimentos introdutórios** realizamos a caracterização do objeto que nos permite o reconhecimento das principais características das cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda. Procuramos identificar quais as práticas sócio-espaciais que influenciaram e influenciam a ocorrência de mudanças na manifestação, e quais delas são primordialmente ou unicamente referentes aos atos dos atores e dos sujeitos envolvidos com a produção das cavalgadas. Tal como Turato (2003), entendemos por 'sujeito' o ser pensante e atuante, na posição de participante como objeto de qualquer estudo sobre seres humanos e por 'ator' o sujeito enquanto aquele que desempenha seus papéis na sociedade. Aqui referimo-nos sujeitos os participantes das cavalgadas (cavaleiros, amazonas, vendedores ambulantes, donos de barracas e espectadores) e atores os produtores das cavalgadas (políticos, gestores públicos e empresários).

Durante a caracterização das cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda pudemos identificar sua linha do tempo, seus principais marcos e as diferentes tipologias assumidas ao longo do tempo, como por exemplo, as expressões missa do vaqueiro, casamento caipira, casamento

dos tabaréus e por fim cavalgada. Para facilitar nossa compreensão o Quadro 2 trás sinteticamente quatro tipologias identificadas e breves descrições.

Quadro 2 - Tipologias das Manifestações / Itaporanga d'Ajuda

TIPOLOGIA	BREVE DESCRIÇÃO
Missa do vaqueiro	Celebração religiosa com versos e aboios que homenageia o vaqueiro.
Casamento caipira	Encenação teatral cômica de casamento tradicional no período junino.
Casamento dos tabaréus	Nome dado à festa que conjuga a missa do vaqueiro e o casamento caipira.
Cavalgada	Nome dado ao casamento dos tabaréus após a institucionalização pela prefeitura.

Fonte: Trabalho de campo, 2016 - 2017.

Organização: SANTOS, Daniele Luciano. 2017.

O levantamento e sistematização do estado da arte foram necessários e nos possibilitou a análise comparativa do nosso objeto com outras pesquisas que abordam território e manifestações tradicionais. Segundo Ferreira (2002) o estado da arte é uma metodologia de caráter inventariante e descritiva da produção acadêmica e científica sobre o tema em investigação. Com ela investigamos se o fenômeno cavalgada havia sido estudado com a abordagem e objetivos que propusemos de início, e podemos identificar vários trabalhos na Geografia sobre território, mas nenhum que fizesse referência às cavalgadas.

Ampliamos a procura para outras áreas da ciência e encontramos trabalhos sobre as cavalgadas nas Ciências Biológicas, porém com o foco completamente distinto do nosso debruçando-se sobre os animais usados nas cavalgadas e não sobre as cavalgadas como manifestações e práticas sócio-espaciais. Quando direcionamos o levantamento do estado da arte para temáticas que se aproximassem da nossa nos deparamos com trabalhos que abordam outras formas de manifestação tradicional/ressignificada entre eles destacamos duas dissertações orientadas por Almeida (2012 e 2009), a primeira de Teixeira (2012) “*Espaços e territorialidades do “festar” da catira no estado de Goiás*” que contém discussões envolvendo a categoria território e territorialidade e nos forneceu referências sobre elementos da cultura e territorialidades de tradições. A segunda de Lagares (2009) “*A festa de São João Batista: da genealogia dos lugares às redes sociais e a (re)conformação do território*” também contém discussões envolvendo a categoria território e territorialidade e contribuiu com referências sobre a festa de São João na qual em determinadas localizadas são realizadas cavalgadas.

Também encontramos os artigos Rodrigues (2013) “*A cavalgada de São Sebastião em Cambira – PR*”, de Bispo (2012) “*Das cavalgadas do Divino de zonas rurais inglesas à música de banda em Manchester e na integração de portugueses no universo britânico de Hong Kong*”, de Silva (2012) “*Cavalaria Jacuba e a Valorização da Identidade Camponesa: Patrimônio Cultural e Imaterial de Iporá-Go*”, todos eles contribuíram com reflexões sobre a origem das cavalgadas.

Ainda a produção da professora Vargas, como por exemplo, o relatório “*Inventario Cultural de cada um dos oito Territórios de Sergipe e elaboração de um Atlas da Cultura Sergipana*” (2009) que nos ajudou com a tipologia de manifestações tradicional enraizada e ressignificada/contemporânea em Sergipe, e os artigos “*Territórios de identidade nos territórios de planejamento*” (2011) que trás a exposição de metodologia de inventário, e “*Olhares sobre identidade e festas em Sergipe*” (2011) que trás a representatividade de manifestações e festas em Sergipe. Diante do exposto o estado da arte foi fundamental, porque por meio dele percebemos o caráter de ineditismo da nossa proposta.

Sobre a revisão bibliográfica ou literária Mattos (2015) destaca que é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento na procura por resposta a uma pergunta específica. Esta busca cobre todo o material relevante que é escrito em livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e entre outros. Segundo Prodanov e Freitas (2013) a revisão bibliográfica permite situar o seu trabalho dentro da grande área de pesquisa da qual faz parte. Portanto, está atividade foi fundamental durante todo o processo de execução da pesquisa e construção da dissertação sobre as cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda.

Sequencial e imbricada a todos os momentos da pesquisa, a revisão bibliográfica é geralmente apresentada como um dos procedimentos iniciais. No entanto, sempre estivemos conscientes de que a revisão bibliográfica nos esclarece os fundamentos teóricos e nos direciona durante todo o processo da pesquisa. Para nós a compreensão sobre território e sócio-espacialidade enquanto conceitos e categorias foi necessária para descortinarmos o que e como queríamos pesquisar. No planejamento levamos em consideração as práticas sócio-espaciais, sejam elas de ordem política, econômica ou cultural que reconduzem a cavalgada como tradição desde o século XIX e a reafirmam como manifestação ressignificada. Ao iniciarmos a revisão bibliográfica constatamos com Castro, Gomes e Corrêa (1995) que os estudos na Geografia se debruçam sobre a sociedade utilizando categorias que se referem à

ação humana modeladora da superfície terrestre, cada uma dessas categorias têm sido debatidas sob as várias interpretações correspondentes as diferentes correntes do pensamento geográfico.

É necessário lembrar que abordamos o território considerando sua multidimensionalidade. Segundo Haesbaert (2004a), em qualquer acepção, o território está relacionado com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder mais simbólico, de apropriação afetiva de algo. Por este motivo, ao fazer a leitura das cavalgadas procuramos identificar quais as práticas sócio-espaciais estão relacionadas ao processo de ressignificação. Como apresentado anteriormente utilizaremos principalmente as discussões de Haesbaert (2007a), ao analisar o território em três vertentes: jurídico-político, culturalista e econômica.

De acordo com as reflexões teóricas desenvolvidas sobre o fenômeno cavalgadas e considerando que as três dimensões do território estão no mesmo nível e relacionam-se mutuamente, direcionamos nossos esforços no sentido de compreender de que forma as práticas políticas, culturais e sociais reconduzem as cavalgadas como tradição ressignificada.

Para analisar as relações políticas relacionadas à manutenção das cavalgadas, encontramos em Raffestin (1993) a compreensão sobre as relações de poder inerentes às relações sociais que se efetivam na prática cotidiana, sejam elas de controle ou de dominação sobre os homens e as coisas. Nesse contexto e fundamentado em Haesbaert (2007b), destacamos que os territórios são produzidos pelo o exercício de poder por determinado grupo ou classe social, ou seja, pelas territorialidades cotidianas. E que o poder não está estritamente ligado às práticas sociais concretas, mas também às representações que elas veiculam e, de certa forma, também produzem. Assim, não há separação entre o poder político e o poder simbólico, pois segundo Haesbaert (2007b), o território é construído na dinâmica entre o material e imaterial, entre o concreto e o abstrato, o funcional e o simbólico.

No tocante a territorialidade Saquet (2009) afirma que corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas, envolvendo as relações econômicas e culturais nas mais diversas dimensões e extensões *do* e *no* espaço geográfico com suas edificações e relações. Portanto, a territorialidade efetiva-se em todas as relações sociais cotidianas, políticas, econômicas e culturais. Sobre a dimensão territorial simbólica Bonnemaïson (2002) destaca o território enquanto valor cultural que resulta de um modo específico de apropriação do

espaço. Para o autor, o território não deve ser associado apenas ao exercício de poder político, socioeconômico ou de legitimação de um estado nacional, é importante associá-lo também aos processos identitários e aos diferentes vínculos relacionados à subjetividade, intersubjetividade, afetividade, ao simbólico, ou seja, da dimensão vivida da experiência territorial. Nesse sentido, o fenômeno cavalgada constitui-se como manifestação tradicional ressignificada e é de nosso interesse desvelar as práticas sócio-espaciais que contribuíram e contribuem para este processo e, portanto, compreendermos os territórios e as territorialidades.

No momento da primeira aproximação, em outubro de 2016, pudemos conhecer a secretária e o diretor de cultura de Itaporanga d'Ajuda, para os quais apresentamos nossa pesquisa e pudemos obter as primeiras informações oficiais sobre as cavalgadas no município. Santos (2007) destaca que a primeira aproximação visa criar familiaridade em relação ao fenômeno, esta familiaridade pode ser estabelecida por meio da sondagem de materiais que possam nos informar a real importância do problema, o estágio das informações já disponíveis, e encontrar novas fontes de informações. Foi durante a primeira aproximação que estabelecemos contatos com representantes dos órgãos públicos municipais, e conseguimos indicações para entrevistas posteriormente realizadas.

Após as primeiras imersões empíricas com os sujeitos, atores e as cavalgadas demos início ao balizamento dos procedimentos com a definição do universo da pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (1991) o universo é o conjunto de seres que possuem pelo menos uma característica em comum, no nosso caso os produtores (prefeitura, vereadores e empresários) e os participantes (cavaleiros, Amazonas, vendedores ambulantes, donos de barracas e espectadores) das cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda. Referente à amostra, porção ou parcela convenientemente selecionada do universo, *a priori* não estabelecemos um número preciso por entendermos que não se mede a qualidade da pesquisa por meio da expressividade numérica dos dados obtidos. Por este motivo escolhemos a técnica de saturação para estabelecimento da nossa amostra. Sobre o fechamento amostral por saturação nos fundamentamos em Fontanella et.al. (2008, p. 17), pois enfatiza que “é a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição”, nesse sentido, definimos a nossa amostra no decorrer da pesquisa de campo.

Depois da determinação da amostra demos continuidade ao planejamento da pesquisa com a elaboração e organização das técnicas e instrumentais. Nessa fase construímos o roteiro de observação (APÊNDICE A), o roteiro de entrevista (APÊNDICE B), o questionário da festa (APÊNDICE C) e preparamos os instrumentos de observação e registro das informações como gravador, câmara fotográfica e diário de campo. É importante destacar que, após a qualificação, todos os roteiros anteriormente citados passaram por reformulações aprimorando os questionamentos mais relevantes aos nossos objetivos. Com as técnicas e instrumentais definidos pudemos realizar o pré-teste, que consistiu em testar os instrumentos da pesquisa sobre uma pequena parte da população do "universo" ou da amostra.

Para Lakatos e Marconi (1991) a realização do pré-teste pode evitar que a pesquisa chegue a um resultado falso, portanto, o seu objetivo é verificar até que ponto esses instrumentos têm, realmente, condições de garantir resultados isentos de erros. Por meio do pré-teste averiguamos a validade das questões postas no roteiro de entrevista e de questionário, se elas eram pertinentes a cada um dos grupos da amostra (produtores e participantes), e se estavam encadeantes com os objetivos traçados. Estendemos o pré-teste ao roteiro de observação para sabermos se conseguiríamos compreender as diferentes dinâmicas entre o cotidiano e as cavalgadas. Esse momento nos foi revelado como um dos mais importantes durante a pesquisa, porque o que era para ser a entrevista de pré-teste tornou-se para nós uma rica fonte de informação sobre o histórico das cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda, pois começamos a identificar os marcos da manifestação no município.

Efetivamos a **coleta de dados** por meio de pesquisa documental e pesquisa de campo com diário de campo, observação, registro fotográfico e realização de entrevistas e questionários. Conforme Lakatos e Marconi (1991) na pesquisa documental a fonte de coleta de dados é restrita a documentos, e pode ser realizada no momento ou depois que o fenômeno ocorre. Definimos que investigaríamos documentos com informações históricas, bibliográficas e estatísticas em arquivos públicos e particulares; registros em geral; documentação pessoal (diários, memórias, autobiografias); panfletos e mídias digitais, ou seja, qualquer documento acessível referente às cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda e que pudessem contribuir com a nossa pesquisa. Porém, na prática, encontramos inúmeras dificuldades para ter acesso a estes documentos, posto que a prefeitura de Itaporanga d'Ajuda não possui nenhum documento oficial sobre as cavalgadas do município, nem mesmo na Secretária de Cultura e Turismo e na Biblioteca Municipal encontramos registro da história

das cavalgadas. Constatamos que os registros, arquivos e a memória não são práticas das gestões municipais, sobretudo quando a sucessão é oposição à gestão anterior. Como alternativa, procedemos buscas na plataforma digital da prefeitura e em sites de notícias como o Infonet Notícias de Sergipe, SE Notícias e Folha Laranjeirense.

O levantamento de informações na internet sobre as cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda e do estado de Sergipe ocorreu entre outubro de 2016 a janeiro de 2017. Durante os três meses, visitamos 72 sites com destaque para as 69 prefeituras que dispõem desse veículo, e descobrimos a ocorrência de cavalgadas em pelo menos 68 dos 75 municípios sergipanos. Arelado a pesquisa em mídias digitais utilizamos as informações disponíveis no relatório *“Inventario Cultural de cada um dos oito Territórios de Sergipe e elaboração de um Atlas da Cultura Sergipana”* (VARGAS; NEVES, 2009). O inventário foi realizado em todos os municípios do estado de Sergipe e àquela época, registrou a ocorrência de cavalgadas em 38 municípios.

O trabalho de campo nos foi fundamental e como colocam Lakatos e Marconi (1991, p. 186) foi utilizado “com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. Consistiu na observação direta do fenômeno, na coleta de dados a ele referentes e no registro informações consideradas relevantes para nossa análise. Havíamos planejado pesquisa de campo em todas as cavalgadas realizadas nos povoados e sede de Itaporanga d'Ajuda, porém em 2017 a prefeitura municipal manteve apenas um dos treze percursos identificados, somado ao que é realizado pela Produtora de Eventos BS Produções. Diante desse contratempo, readequamos nosso planejamento de acordo com a realidade que tínhamos, realizamos visitas de campo entre outubro de 2016 e agosto de 2017, **antes** das cavalgadas nas repartições públicas de Itaporanga d'Ajuda (Prefeitura, Câmara de Vereadores e Secretaria de Cultura e Turismo); **durante** a cavalgada junina da sede municipal (pública) e a Cavalgada D'ajuda (privada); e em treze povoados do município **após** a realização das cavalgadas citadas.

Aliado ao trabalho de campo, utilizamos o diário para anotações de informações. De acordo com Falkemabach (1987) este recurso é um registro completo e preciso das observações dos fatos concretos, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do pesquisador, suas reflexões e comentários. Com o diário de campo criamos o habito da observação, da descrição e da reflexão atenta dos acontecimentos envolvidos com as cavalgas

de Itaporanga d'Ajuda. Sobre a observação dos fatos e das correlações entre eles, Lakatos e Marconi (1991) ressaltam que é uma fonte rica para a construção de hipóteses, uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Para nós consistiu em ver, ouvir, e examinar as cavalgadas em seu contexto. Entendemos o diário de campo e a observação como distintos, porém complementares, enquanto a observação foi realizada seguindo o roteiro do APÊNDICE A, o registro no diário de campo acontecia de forma espontânea sobre qualquer coisa que fugia do roteiro de observação, como por exemplo, reações, sensações e dificuldades encontradas envolvendo tanto sujeitos e atores, quanto a nós pesquisadores.

O registro fotográfico foi útil na demonstração e análise das cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda. Segundo Belz (2011) seu uso é constante e em larga escala como forma de apoio às diversas esferas da pesquisa e no processo de produção científica. Outros autores, como Guran (2012), destacam que a fotografia pode ser o ponto de partida ou o resultado de uma reflexão, e por natureza é eminentemente descritiva, sem prejuízo das suas dimensões simbólicas e opinativas. Por este motivo utilizamos as fotografias não apenas como ilustração, mas também como conteúdo analisado. A nossa experiência em campo com as fotografias foi desafiadora, tivemos inúmeras dificuldades em conciliar a aplicação do questionário da festa, a observação, o uso do diário de campo e o registro fotográfico, principalmente em meio ao ambiente festivo das cavalgadas com todas as suas dinâmicas em ação, o que ocorreu nas duas cavalgadas que participamos.

No tocante às entrevistas Lakatos e Marconi (1991) destacam que é uma conversação de natureza profissional utilizada na investigação social com o objetivo principal de obter informações sobre determinado assunto ou problema. Neste contexto, utilizamos entrevistas semiestruturadas com roteiro previamente elaborado (APÊNDICE B), acrescido de perguntas conforme surgia a pertinência e necessidade do momento. Esse tipo de entrevista tem como característica fazer emergir informações de forma mais livre, pois as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

O autor Triviños (1987) destaca que na linha teórica fenomenológica, o objetivo da entrevista semiestruturada é o de atingir o máximo de clareza nas descrições dos fenômenos sociais. Assim, as perguntas descritivas tiveram grande importância para a descoberta dos territórios, dos significados da cavalgada para atores e sujeitos, dos comportamentos, e das relações. Todas as entrevistas foram realizadas dias antes ou depois das cavalgadas, foi uma

estratégia usada para otimizar nossa interação com o informante. A princípio iríamos direcionar as entrevistas aos produtores das cavalgadas, porém devido às dificuldades em contatá-los e pela indisponibilidade, decidimos entrevistar os sujeitos nos povoados. Os sujeitos, residentes nos povoados onde ocorrem as cavalgadas, são os detentores de conhecimento sobre sua origem, realização, composição, mudanças, dentre outros. Chegamos ao quantitativo de 1 entrevista na Secretaria de Cultura e Turismo, 3 entrevistas no povoado Tapera, 2 no povoado Rio Fundo do Abaís e 1 em cada um dos povoados Sapé, Nova Descoberta, Caueira e Gravatá, totalizando 10 entrevistas realizadas.

Em cada povoado escolhemos, entre os entrevistados, aquele que dispunha de mais conhecimento para preencher o Quadro dos Elementos da Cavalgada (APÊNDICE C), cujo o objetivo era detalharmos a composição da cavalgada, suas características, seus espaços, as músicas, as vestimentas entre outros elementos. Além disso, houve a preocupação ética de adotar um termo de consentimento e autorização do uso das informações cedidas em entrevistas (APÊNDICE D) que resguarda tanto os informantes quanto nós pesquisadores.

No Quadro 3 especificamos o perfil dos entrevistados. Salientamos que os 10 sujeitos apresentados no quadro são os que assinaram o termo de consentimento expresso no APÊNDICE D. Em muitos povoados tais como, Tapera, Nova Descoberta, Caueira, Rio Fundo do Abaís e Sapé outras pessoas, que já estavam no local ou foram chegando na medida em que a entrevista evoluía, participaram com comentários, informações e até mesmo com correção de informação.

Quadro 3 - Perfil dos Entrevistados

OCUPAÇÃO	TEMPO DE RESIDÊNCIA	SEXO	QUANT.
Diretor de Cultura do Município	55	Masculino	1
Dono de Haras	57	Masculino	1
Dono de Bar	53	Masculino	1
Comerciante	56	Masculino	1
Sanfoneiro	33	Masculino	1
Lavrador	46/50	Masculino	2
Balconista	20	Feminino	1
Enfermeira	30	Feminino	1
Desempregado	42	Masculino	1
TOTAL			10

Fonte: Trabalho de campo, 2016 - 2017.

Organização: SANTOS, Daniele Luciano. 2017.

Usamos o questionário aberto para conseguir informações junto aos participantes, os cavaleiros e as Amazonas, durante as cavalgadas. Fizemos esta escolha devido a experiências

de pesquisas anteriores e por saber que normalmente em ambientes festivos os sujeitos resistem responder aos roteiros longos. Segundo Triviños (1987) o questionário aberto deve ser composto por poucas perguntas, claras, precisas e expressas numa linguagem natural, adequada ao ambiente no qual se realiza a pesquisa e devem apontar os assuntos essenciais do problema. Aplicamos 49 questionários, composto por sete perguntas (APÊNDICE E) sobre a forma de participação, o significado da cavalgada e do show para participantes com idades entre 15 e 62 anos.

Na **análise de dados** que segundo Gil (2008, p. 156) tem por “objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação”, seguimos a metodologia de análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (1977) em três momentos bases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados por meio da inferência e interpretação.

Na pré-análise organizamos o material a ser analisado, que coletamos por meio da pesquisa documental, da revisão bibliográfica, das entrevistas e dos questionários. Para isso, foi necessária a leitura flutuante (dinâmica) com o objetivo de apreender e organizar de forma não estruturada aspectos importantes para as fases seguintes da análise. Organizamos o material de forma intuitiva seguindo os critérios como tema (cavalgada, ressignificação, festa, evento, entre outros), conteúdo (político, econômico, cultural), e a relevância para a nossa pesquisa (tradição, ressignificação, novo). A exploração do material, segundo Bardin (1977, p.101),

Não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efetuadas [...] mecanicamente. Esta fase, [...] consiste essencialmente de operações de codificação, e enumeração, em função de regras previamente formuladas.

Ou seja, consistiu em operações de codificação, quantificação, refutação justificada de determinado conteúdo, ordenamento das respostas das entrevistas e questionários sobre as cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda considerando o passado e o presente.

Na etapa do tratamento dos resultados por meio da inferência e interpretação Bardin (1977) afirma que nós pesquisadores precisamos tornar os resultados brutos significativos e válidos. Segundo a autora a interpretação deve ser além do conteúdo manifesto dos documentos e o que nos interessa é o sentido que se encontra por trás do imediatamente apreendido, por sua vez a inferência é uma técnica de tratamento dos resultados que busca

indicadores sobre o tema pesquisado. Durante a interpretação dos dados foi preciso retornar às reflexões teórico, para fundamentarmos nossa análise e darmos sentido à nossa interpretação. Deste modo, por exemplo, conseguimos identificar nos relatos dos entrevistados elementos que indicam quando, onde e como começaram ocorrer mudanças nas cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda.

Diante das inúmeras possibilidades que a pesquisa qualitativa coloca à nossa disposição, procuramos mostrar neste capítulo a importância do planejamento que adotamos, bem como nosso esforço para a condução teórico-metodológica com coerência para o alcance de nossos objetivos. Destacamos que mesmo com o planejamento, assumimos a liberdade de altera-lo diante das necessidades que surgiam, como ato de responsabilidade para com a produção do conhecimento. Por fim, entendemos que planejar significa organizar as atividades a serem cumpridas, criar as técnicas, os instrumentais e vislumbrar seu percurso e sua finalização, todavia, isso não garante um percurso sem contratempos e dificuldades.

NOS “TROTES” DAS CAVALGADAS: A LINHA DO TEMPO



2. NOS “TROTES” DAS CAVALGADAS: A LINHA DO TEMPO

Antes de tratarmos das cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda nos propomos resgatar a história da manifestação no contexto geral. Qual sua origem? Como e o que motivou suas mudanças? De que forma chegou ao Brasil? Quais são suas principais finalidades? Como se popularizou em Sergipe? E finalmente quais as especificidades das cavalgadas itaporanguenses?

A cavalgada enquanto percurso intencional de cavaleiros teve origem em práticas completamente distintas das que a motivas na atualidade, suas finalidades também se adequaram ao contexto histórico e cultural em que estão inseridas. Por esse motivo as cavalgadas de ontem não são as mesmas de hoje, as da Europa não são as mesmas do Brasil, elas se diferem entre continentes, países, regiões, estados, municípios e até mesmo entre localidades de um mesmo município. O Brasil com suas dimensões continentais abriga inúmeras variações na forma de fazer a cavalgada, a nomenclatura pode ser diferente de um local para outro, assim como os seus sentidos e os seus significados.

A motivação da realização das cavalgadas varia na linha do tempo entre finalidades bélicas, religiosas, festivas, desportivas dentre outras conforme destacaremos a seguir. O que se afirma é que o fenômeno da ressignificação da cavalgada não é único e exclusivo do município de Itaporanga d’Ajuda, ele acompanha as mudanças do seu entorno, da sociedade e das relações entre atores e sujeitos.

Segundo Costa (2017) a cavalgada tem sua origem ligada à práticas militares na Península Ibérica durante a Idade Média. Estabeleceu-se enquanto forma de guerra e, a princípio era considerada uma invasão com o objetivo de causar danos, sem ocupar ou conquistar o território do oponente. Aos poucos as cavalgadas medievais da Europa ganharam outras características conforme os objetivos de quem as lideravam. De acordo com Bettencourt (2007) as cruzadas, por exemplo, foi um movimento religioso-militar que teve início com o Papa Urbano II em 1095 com o objetivo de reconquistar a Terra Santa. As oito Cruzadas contaram com a participação de cavalaria formada por milhares de homens de exércitos, aventureiros, colonos e mendigos que juntos entraram em disputas sangrentas pela Terra Santa. E em 1270 as cruzadas foram abaladas pela morte de um de seus principais líderes São Luiz, mas antes das cavalgadas medievais serem definitivamente encerradas no século XV, elas causaram um rastro de destruição e morte por onde passaram.

Concordamos com Bispo (2012) de que as cavalgadas tenham surgido devido a influência das cruzadas, pois as cavalgadas de peregrinação tornaram-se prática dos habitantes camponeses cristãos por toda a Europa e chegam ao Brasil, trazidas por seus colonizadores portugueses, principalmente aqueles advindos da região dos Açores. De acordo com Silva (2012), no Brasil as cavalgadas ganharam adeptos durante o processo de ocupação do território entre os séculos XVII e XVIII, e permaneceram com finalidades religiosas e de cumprimento de promessas em várias partes do país, principalmente onde a pecuária e o uso do cavalo fizeram parte do cotidiano. Na época, os cavaleiros saíam em comitiva percorrendo trilhas rurais durante dias e, os locais de parada para descanso eram marcados pela fartura de alimentos, encontros, celebrações, pedidos de proteção e agradecimentos ao santo homenageado.

Com o passar do tempo, em determinados lugares, as cavalgadas distanciaram-se das referências religiosas e, em outros, novos e antigos costumes passaram a coexistir. Atualmente encontramos cavalgadas em todas as regiões do Brasil e, segundo Barros (2015), elas podem ser de transporte, festiva, religiosa, ecológica, histórica, de lazer, de velocidade e de regularidade.

Segundo Omena (2016) o Brasil é um dos países com maior potencial para todos os tipos de cavalgadas, devido ao seu tamanho, sua diversidade natural e cultural, além de possuir um dos maiores rebanhos equinos do mundo. No Quadro 4 destacamos algumas das maiores cavalgadas do Brasil e suas tipologias.

Quadro 4 - Cavalgadas do Brasil / 2012-2016

TIPO	ESTADO	DENOMINAÇÃO
Religiosa	GO	Cavalgada de Pirinópolis
Religiosa	MG	Cavalgada Padre Libério
Religiosa	MA	Cavalgada da Serra
Religiosa	BA	Cavalgada de Santo Antônio
Histórica	RS	Cavalgada de Mar a Mar
Histórica	MG	Cavalgada da Trilha dos Inconfidentes
Festiva	MG	Cavalgada Feminina
Festiva	BA	Cavalgada da Rádio Canabrava
Festiva	BA	Cavalgada de Ribeira do Pombal
Ecológica	MG	Cavalgada de Ibitipoca
Ecológica	RN	Cavalgada do Parque Nacional da Serra da mesa
Ecológica	RJ	Cavalgada das Serras de Búzios
Lazer	CE	Cavalgada de Boa Viagem
Lazer	BA	Cavalgada das Praias
Lazer	MS	Cavalgada Travessia Pantanal
Lazer	MG	Cavalgada da Estrada Real
Lazer	PR	Cavalgada Caminho das Tropas
Lazer	RJ	Cavalgada das Trilhas de Darwin
Lazer	RS	Cavalgada Travessia Aparados da Serra
Lazer	SP	Cavalgada das Fazendas Históricas
Lazer	AM	Cavalgada da Exposição Agropecuária,
Aventura	PA	Cavalgada Travessia do Marajó

Fonte: SILVA (2012); OMENA (2016); CAVALGADAS DO BRASIL (s/d).
Organização: SANTOS, Daniele Luciano. 2017.

De acordo com a tipologia destacada pelos autores Barros (2015) e Omena (2016) no Brasil há o predomínio da cavalgada do tipo **lazer** praticada enquanto atividade prazerosa, normalmente seguindo roteiros de paisagens naturais ou locais turísticos. A do tipo **religiosa** corresponde àquelas cavalgadas tradicionais que reverenciam santos ou são realizadas em peregrinações. A do tipo **histórica** é feita em comemoração a datas históricas, em referência a história de um povo ou de um lugar. A do tipo **ecológica** é realizada em trilhas naturais com o objetivo de chamar atenção para os problemas ambientais e a importância da proteção dos recursos naturais. A de **aventura** é uma modalidade de esporte ou turismo realizada em trilhas acidentadas e locais de difícil acesso. A do tipo **festiva** é também considerada de lazer, porém segue a ordem, o contexto e a atmosfera da festa. Em Sergipe são as desse tipo que predominam se comparadas as demais citados, inclusive as de Itaporanga d'Ajuda correspondem à essa categoria.

Para Barros (2015), no Nordeste as cavalgadas são qualificadas de forma diferente do restante do país podendo ser designadas como cavalgada de voltinha, de passeio, extensiva, de enduro, aventureira, de agência, de planilha e de desfile. A **cavalgada de voltinha** é o ir e voltar de um ponto a outro em um percurso de até 10 km de extensão. A **cavalgada de passeio** é a mais comum no Nordeste, consiste em percorrer uma extensão entre 10 e 50 km de um ponto a outro, mormente em trechos rurais. A **cavalgada extensiva** também conhecida como cavalgada de viagem, apresenta as mesmas características da de passeio, porém se estende por mais de um dia e exige pernoite. A **cavalgada de enduro** segue regulamentos de competição e corresponde à percursos de 40 a 160 km de extensão em velocidade. A **cavalgada aventureira** é uma prática solitária, de aventura que se estende por dias, meses e até mesmo anos. A **cavalgada de agência** possui caráter de negócio, é organizada por empresas nacionais e internacionais, composta por vários trechos que podem ser realizados em qualquer parte do mundo. A **cavalgada de planilha** é uma competição (rali) de cavalos com trechos e tempo pré-determinados. E, ainda, identifica a **cavalgada de desfile** que pode ser festiva, religiosa e política, e acontecem preponderantemente em trechos urbanos e curtos. De acordo com o autor todas essas cavalgadas podem ainda ser **aberta** - bastante divulgada e de participação livre ou **fechada** – com número de cavaleiros reduzidos e convidados pelo realizador.

As denominações acima citadas correspondem apenas ao contexto nordestino estudado pelo autor, podendo existir tantas outras pelo restante do Brasil. Dado o exposto, trataremos das cavalgadas como uma manifestação cultural e, como tal, como manifestação tradicional ressignificada, ou seja, “[...] aquela cuja evolução apresenta variações na composição e na estrutura [...], mas também o novo, recentemente apropriado” (VARGAS; NEVES, 2009, p.10). E, considerando que estas variações podem gerar peculiaridades distintas na conformação das cavalgadas de diferentes localidades, nos debruçamos sobre o estudo de caso das cavalgadas no município de Itaporanga da d’Ajuda – SE.

2.1 AS CAVALGADAS NAS FESTAS DE SERGIPE

Para melhor compreensão das cavalgadas no estado de Sergipe bem como sobre o significado de sua ocorrência no contexto das dimensões sócio-espaciais, tomamos como referência os dados publicados em 2009 pelo inventário elaborado por Vargas e Neves (2009) e pelas informações que levantamos em sites e plataformas digitais no período de outubro de 2016 a janeiro de 2017.

Vargas e Neves (2009) fundamentam em Geertz ao entenderem que existem múltiplas culturas nas sociedades e os indivíduos interpretam e conferem diferentes sentido a elas e por isso as culturas são passíveis de diferentes formas de apropriação e interpretação. Neste sentido, as manifestações culturais elencadas no inventário foram consideradas como expressões culturais e possibilidades identitárias. Sobre tais assuntos destacamos que:

As práticas culturais têm uma história, fruto de um processo de longo ou médio prazo, que se materializam em produtos materiais, práticas gestuais ou linguajares, atividades coreográficas e musicais, vínculos religiosos, modos de pertencimento, etc. Já as identidades são os discursos que fortalecem sentimentos de pertencimento entre os membros de uma sociedade. Enquanto tais, as identidades podem ser construídas a partir de expressões culturais específicas, adotadas ou não por todos ou por uma parte da população (VARGAS; NEVES, 2009, p. 3).

Com isso, eles afirmam que as identidades podem estar mais vinculadas a certas práticas culturais que a outras, ou que as manifestações culturais podem ou não serem produzidas em torno de identidades. Deste modo, é destacada a possibilidade tanto de múltiplas expressões culturais quanto de múltiplas identidades. Ainda neste contexto, os autores destacam que o trabalho de levantamento das manifestações culturais em Sergipe não nos permite ter acesso à base cultural identitária do estado, mas sim entender como a cultura é pensada e praticada pela população, que produz cultura e práticas culturais no seu cotidiano em forma de tradição ou ressignificação. O inventário, portanto considera que as manifestações/expressões/práticas culturais não estão necessariamente vinculadas à identidade e que as culturas relacionam-se tanto com o passado expresso pela tradição, quanto com o presente-futuro manifesto pela criação ou ressignificação de práticas culturais.

Vargas e Neves (2009, p.10) estabeleceram duas tipologias para as expressões culturais de Sergipe: as expressões tradicionais enraizadas que correspondem “aquelas herdadas e mantidas tal como apropriadas no passado” e, as expressões ressignificadas/contemporâneas como já colocado anteriormente, “aquelas cuja evolução

apresenta variações na composição e na estrutura [...], mas também o novo, recentemente apropriado”. A metodologia estabeleceu como base o depoimento de 349 entrevistados em todos os 75 municípios, identificando quais expressões culturais que: i) expressam, mobilizam e correspondem à imagem do lugar; ii) são muito importantes, mas mobilizam apenas os grupos ou indivíduos que a produzem; iii) foram importantes no passado e deixaram de ocorrer e; iv) se são realizadas pelas prefeituras.

De acordo com o inventário cultural, as festas nas suas mais diversas formas possuem importância no modo de vida dos sergipanos, “Sergipe é uma festa, pois a vida cultural do estado vive em grande medida em torno das festas, sejam elas tradicionais enraizadas ou ressignificada/contemporâneas” (VARGAS; NEVES, 2009, p. 136). Os autores acrescentam, que a importância das festas como expressão cultural não está relacionada apenas com a ruptura do cotidiano, mas também com o encontro com raízes fundantes, com a ampliação de redes de sociabilidades dos sujeitos, e com as repercussões econômicas. Destacam ainda que as festas propiciam momentos de comemorações e de revelações identitárias, principalmente por parte dos representantes dos órgãos públicos o que justifica de certa forma o financiamento de festas ressignificadas/contemporâneas como micaretas, forrós, cavalgadas, carnavais, entre outros.

Em Sergipe entre as festas tradicionais enraizadas destacam-se aquelas ligadas às tradições religiosas, as manifestações de danças dos ciclos juninos e do ciclo natalino, expressões culturais que buscam reforçar a solidariedade pelos de traços culturais comuns. Na condição de ressignificadas/contemporâneas o estado possui uma vasta ocorrência de festas ligadas aos forrós, micaretas, vaquejadas, cavalgadas e eventos de massa, muitas vezes financiados pelo poder público, que busca o consumo destas manifestações culturais em uma lógica da indústria cultural de massa ou de atração turística que serve de base para a construção de discursos indenitários locais. Embora, como colocado anteriormente, o fato de haver manifestações culturais não significa que estas expressem identidades, para que isto ocorra é necessário que haja a criação de tradições e comunidades onde os indivíduos compartilhem signos e símbolos comuns que os fazem reconhecer-se como pertencentes a um mesmo espaço (VARGAS; NEVES, 2009; 2011).

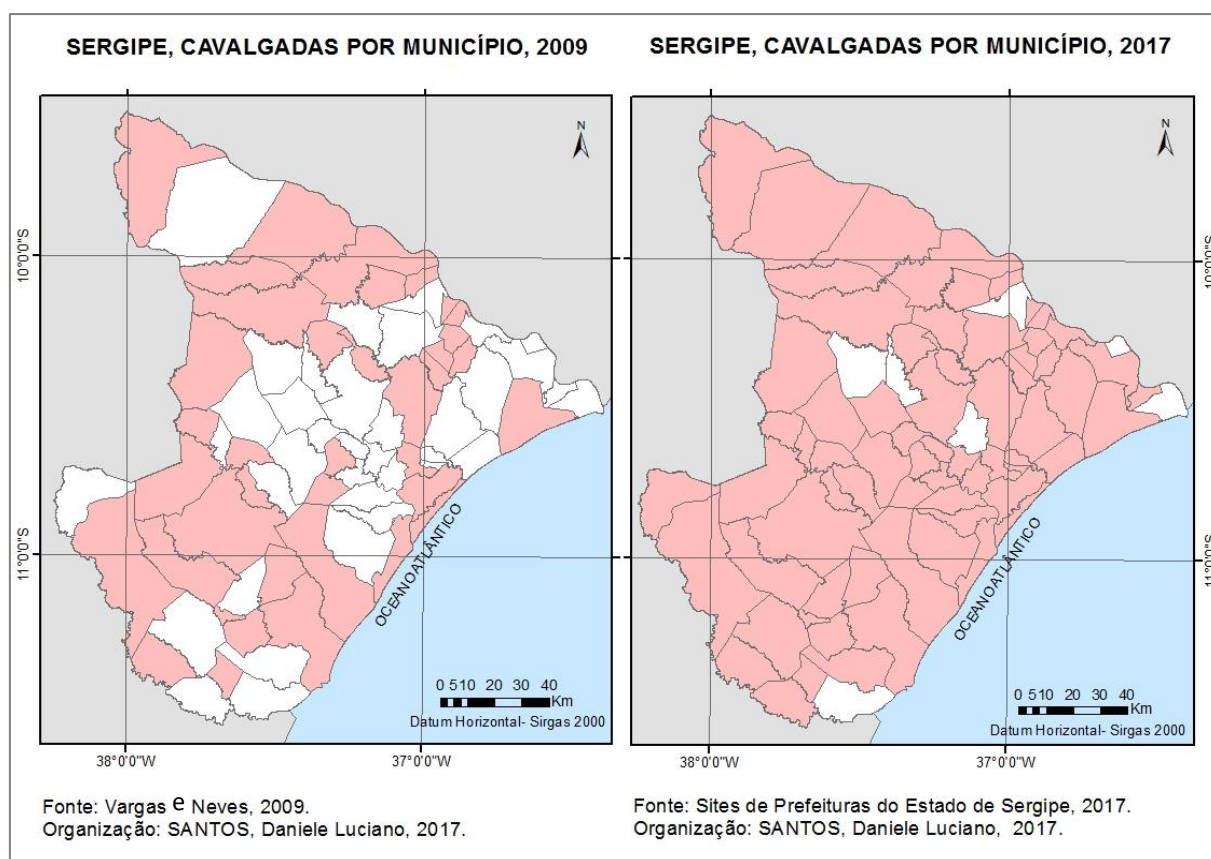
Dentre as 500 nomenclaturas levantadas, as cavalgadas foram consideradas como manifestação tradicional ressignificada devido à observância de sua ocorrência, de forma generalizada no estado, associada à introdução de novos elementos como venda de camisetas e

comércio de bebidas e comidas, dentre outros. Em 2009 a pesquisa do inventário identificou a ocorrência de cavalgadas em 38 municípios sergipanos, sendo que aparecem como mobilizadoras e como a imagem do lugar em 12; como importantes em 25; e como do passado em 1. Em parte, as cavalgadas são realizadas pela iniciativa de moradores, mas em outros 9 municípios já haviam sido declaradas patrocinadas pelas prefeituras, tal como em Itaporanga d'Ajuda.

É importante destacar que, para fins de análise, o inventário trata de algumas manifestações de forma conjunta, por esta razão os dados referentes às cavalgadas são abordados juntamente com os das vaquejadas, e por entendermos que ambas são manifestações distintas, com características e particularidades próprias, consultamos as fichas de campo para cada município nos quais identificamos os 38 municípios em que apareceu a cavalgada e, procedemos o levantamento em sites, que resultou no mapeamento explicado seguir.

O levantamento realizado em sites no período de outubro de 2016 a janeiro de 2017 teve por objetivo avaliar se a espacialização das cavalgadas permanece significativa no estado e, se ampliou o quantitativo de prefeituras patrocinadoras das mesmas. Todavia, nossas intenções foram frustradas, pois devido à insuficiência e discrepância de informações, não foi possível afirmar com certeza o aumento de patrocínio das cavalgadas pelas prefeituras. Dos 72 sites visitados (ANEXO A), com destaque para as 69 prefeituras que dispõem desse veículo, levantou-se a ocorrência de cavalgadas em 68 municípios. A diferença do número de cavalgadas de 2009 para 2017 se deu por dois motivos: i) a metodologia da pesquisa de 2009 realizou-se por meio de enquete nas prefeituras, com lideranças e pessoas reconhecidas do lugar, direcionada para os eixos de realização que considerou desde a mobilização como imagem do lugar até a sua realização pelas prefeituras. Nesse contexto, a realização de cavalgadas podem não ter sido consideradas; e ii) o aumento do interesse das cavalgadas pelos produtores (particulares ou dos governos municipais), observado pelo empenho em divulgá-las e apoiá-las conforme textos e fotos nos sites visitados. Para visualização, representamos de forma comparativa essas informações no Mapa 1.

Mapa 2 – Espacialização das Cavalgadas em Sergipe 2009 e 2017



Vargas e Neves (2009) destacam que em Sergipe as cavalgadas bem como as vaquejadas traduzem o modo de vida dos sertanejos e dos interioranos marcado pelas duras lidas com o cavalo, com o gado e com a roça. Ou seja, a produção agrícola e a pecuária remetem às manifestações de expressão de destreza e força dos vaqueiros e cavaleiros e, por esse motivo, vaquejadas e cavalgadas permanecem como tradição ressignificada, pois os shows, as camisas (abadás), as ornamentações “exageradas” dos cavalos e a descaracterização dos cavaleiros e amazonas são apontados como elementos que aos poucos vêm redefinindo a forma e estrutura de suas cavalgadas. As cavalgadas também possuem importância no setor econômico, beneficiando a circulação de dinheiro no comércio, garantindo renda para aqueles que trabalham como ambulantes nos pontos iniciais e finais do cortejo, assim como nos seguimentos de montagem da infraestrutura do palco, som, trio elétrico, iluminação, e propaganda, apontados na referida pesquisa de 2009 e constatado nas propagandas, fotos e textos dos sites visitados.

Apesar da importância cultural e de sua capacidade de traduzir a imagem de vários municípios sergipanos, em alguns, o número de cavalgadas começam a regredir, como nos

municípios de Tobias Barreto, Laranjeiras e Riachuelo. Este fato é explicado pela constante concorrência de manifestações de massa e, em determinados locais, pela perda de espaço para outras festas, como por exemplo, as vaquejadas e as micaretas citadas por Vargas e Neves (2009). Destacamos que tanto o inventário cultural de 2009 quanto o levantamento em sites e plataformas digitais em 2016 e 2017 não identificaram a presença de cavalgadas em Indiaroba, Siriri, Nossa Senhora Aparecida, São Miguel do Aleixo, Brejo Grande, Santana do São Francisco e Canhoba, que estão entre os municípios sergipanos de menores recursos financeiros, marcados por outras tradições e manifestações religiosas. A relevância deste levantamento está na possibilidade de compreendermos a cavalgada, a sua importância cultural e representatividade no contexto do estado de Sergipe.

No mundo contemporâneo de constantes mudanças a interpenetração entre o tradicional e o ressignificado cria, destrói e recria práticas culturais que se adequam às frequentes transformações do mundo. As modificações da sociedade sergipana “são perceptíveis no número de manifestações culturais que desaparecem deixando marcas apenas na memória dos grupos” (Ibidem, p. 138), ao mesmo tempo em que as ressignificações da cultura tradicional “explodem” em eventos de massa. Mas aquelas manifestações tradicionais e fundantes das atuais devem ser merecedoras de atenção e inspirar novos movimentos, linguagens, expressões, rituais, etc. Afinal, segundo os autores nas últimas décadas Sergipe atravessou profundas mudanças comportamentais advinda do processo de urbanização, de tal forma, não teria como passar ileso ao processo de ressignificação da sua cultura.

É importante esclarecer que tanto o governo do estado quanto determinadas prefeituras financiam em parte as manifestações/expressões folclóricas, com o discurso de valorização da cultura do estado. Porém, “[...] aquelas que por serem mais vendáveis no plano midiático [o forró, a micareta, a cavalgada], tornaram-se os alvos privilegiados das políticas públicas” (VARGAS; NEVES, 2009, p. 143), situação perceptível no apoio dado pelo governo do estado e pelas prefeituras para as festas desse tipo. Os autores não vêem como um problema o investimento do poder público em festas ditas de massa, porque estas oferecerem para parte da população possibilidades econômicas convenientes, mas criticam o fato dos órgãos públicos “esquecerem” as demais manifestações culturais em certa decadência e dependência econômica em relação aos grupos políticos locais.

Na contemporaneidade as práticas culturais não devem ser vistas exclusivamente como produtos vendáveis, descartáveis e sem densidade estética. Elas podem permitir a

projeção futura dos indivíduos reprodutores das manifestações tradicionais e/ou investidores/empreendedores de manifestações de massa, além de possibilitarem a valorização subjetiva com a elevação da autoestima dos envolvidos e do desenvolvimento de olhares positivos em relação a elas (Ibidem, 2009). E, a junção entre a autoestima e a visão positiva em relação a estas manifestações pode estimular e atrair investimentos econômicos produtivos e o consumo. Portanto, o que Vargas e Neves, (2009) destacam é que o investimento e o consumo das manifestações, sejam elas tradicionais ou contemporâneas/ressignificadas, deveriam aparecer como consequência da valorização das condições de vida e da cultura dos sergipanos. Para isto são necessárias políticas públicas que levem em consideração a pluralidade cultural do estado e, sobretudo não “esqueçam” aquelas manifestações ligadas ao cotidiano e as experiências da população sergipana, que podem sustentar uma autoestima positiva e a construção de territórios identitários.

Neste tocante, em todo o território sergipano as cavalgadas ora aparecem como expressão, mobilização e imagem do lugar ora como importante. Sua manutenção se dá em maior parte pela resistente satisfação dos sergipanos e pelo insistente interesse da iniciativa privada. Nos últimos 20 anos, também se destacou o financiamento das cavalgadas por parte dos gestores municipais e estaduais que enxergam nelas a oportunidade de visibilidade política. Essa manifestação ressignificada/contemporânea possui o importante potencial econômico local, beneficiando a geração de renda para aqueles que direta e indiretamente contribuem para a sua manutenção e permanência. Somos cientes do cenário competitivo que envolve os eventos de massa, e consequentemente as cavalgadas se adequam e dividem espaço, por exemplo, com as vaquejas e as micaretas. Pensávamos que a institucionalização da cavalcada pela prefeitura distinguisse Itaporanga d’Ajuda dos demais municípios sergipanos, apesar de não termos conseguido contabilizar, descobrimos que isso tem se tornado prática comum dos gestores públicos no interior do estado.

Conforme a tipologia apresentada nas páginas 45 e 46, no perfil das cavalgadas sergipanas predominam as de desfile que ocorrem em trechos curtos, que em sua maioria são do tipo festiva e aberta, ou seja, celebrações de ampla divulgação e participação livre. Porém, não são desprezadas as cavalgadas religiosas como a que homenageia Nossa Senhora Aparecida em Capela e Nossa Senhora da Guia em Umbáuba. Além de Itaporanga d’Ajuda alguns municípios chamaram atenção pelas informações dos sites como, por exemplo, Lagarto onde uma lei municipal Lei nº 704 de 22 de dezembro de 2016 instituiu a cavalcada no

calendário cívico-cultural da cidade. A lei visa garantir a permanência da manifestação que já acontece há dezenove em todo último domingo do mês de agosto. Outros municípios que também nos chamou atenção foi o de Porto da Folha onde a cavalgada aderiu elementos da vaquejada e normalmente ocorre associada a ela, e o de Japaratuba onde a cavalgada do povoado São José ocorre há pelo menos 35 anos. Com isso queremos afirmar que as cavalgadas em Sergipe são diversas, suas expressividades estão além do número de edições, perpassam as peculiaridades de cada localidade, a história, a cultura, o modo de vida, os atores e sujeitos envolvidos, as formas, as misturas e até mesmo as regulamentações que asseguram a realização de “cavalgadas e cavalgadas”.

2.2 AS CAVALGADAS EM ITAPORANGA D’AJUDA

Neste capítulo traçamos a linha do tempo das cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda, e seu processo de ressignificação. Destacamos seus principais marcos de mudança no espaço e no tempo, seus períodos de auge e de declínio, assim como os protagonistas e os coadjuvantes de sua realização. Utilizamos como principal fonte de informação as entrevistas realizadas com os sujeitos locais que vivenciaram ao longo dos anos as alterações na cavalgada do município.

De acordo com a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo - SMCT, não há registro exato de quando as cavalgadas começaram ocorrer no município de Itaporanga d’Ajuda. O que “se sabe” é que elas tiveram origem na junção entre o casamento caipira e a missa do vaqueiro, práticas tradicionais no município no período das festas juninas. No casamento caipira as pessoas ornamentavam suas carroças, charretes e cavalos com adereços coloridos e de palha, improvisavam fantasias rústicas e seguiam em comitiva até o local da encenação do casamento. Na missa do vaqueiro homens e mulheres iam até a igreja expressar a sua fé vestidos com indumentárias e acessórios de couros, cuja celebração era marcada por versos e aboios típicos dos vaqueiros. Até a década de 1960 ambos ocorriam em circunstâncias distintas, mas passaram a ser realizados no mesmo dia e, em sequência, deram origem à festa do casamento dos tabaréus no município que, posteriormente, passou a ser chamada de cavalgada. Esta, com o tempo, também sofreu mudanças, como por exemplo, o intenso

aumento do uso de cavalos concomitantemente à diminuição das carroças e charretes; a não realização da encenação do casamento caipira e o distanciamento das influências religiosas.

Segundo a Secretaria de Cultura e Turismo – SMCT na década de 1980 o casamento dos tabaréus assumiu um formato que se assemelha ao das atuais cavalgadas. No final do cortejo introduziram pequenas apresentações de trios pé de serra em meio a campos e praças onde as pessoas se aglomeravam. Em 1997, ano do primeiro mandato do então prefeito César Fonseca Mandarino, a prefeitura do município assumiu oficialmente a promoção do casamento dos tabaréus com o objetivo de marcar, no sentido de singularizar, os festejos juninos do município. Após sua institucionalização pela prefeitura, o casamento dos tabaréus passou a ser chamado de cavalgada. Em 1998 foi criado o I Circuito de Cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda, composto por até treze distintos percursos realizados pela prefeitura em vários povoados e sede municipal. A institucionalização das cavalgadas também foi marcada pelas mudanças nas atrações que passam a vir de outros municípios e estados, sempre organizadas e financiadas pela prefeitura.

Até 1996 os casamentos dos tabaréus eram organizados e realizados pelos líderes comunitários e sujeitos locais que habitavam a sede e os povoados do município. A prefeitura participava com apoio disponibilizando, por exemplo, iluminação, palanque e liberação do uso dos espaços públicos como as praças. Após 1997 a prefeitura assume todo o processo de organização, produção, divulgação, realização e pagamento das atrações. Segundo a SMCT o envolvimento da prefeitura favoreceu o aumento do número de cavalgadas que cresceu a cada ano. No ano de 2006 foi criada a Cavalgada D’ajuda pelo vereador e produtor de eventos Bruno Sobral, que normalmente ocorre um mês antes ou depois do início do Circuito de Cavalgada da prefeitura. A realização dessa cavalgada particular, de certa forma, foi facilitada pela posição de vereador do seu produtor, e mesmo sendo particular, a prefeitura de Itaporanga d’Ajuda se envolve no processo de organização enquanto órgão de apoio. Isso nos chama atenção para a “onipresença” da prefeitura nas cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda seja de natureza particular ou pública.

Em entrevista à Plataforma de Notícias no ano de 2016, a então prefeita Maria das Graças Souza Garcez salientou a importância das cavalgadas para o resgate da cultura e da tradição. Segundo ela trata-se de uma festa cultural que já faz parte do calendário junino do município, destacando ainda, que Itaporanga d’Ajuda tem tradição na organização de festejos importantes e marcantes na cultura de sergipanos e nordestinos (INFONET, 2013). Tal

depoimento contraria as informações cedidas pela SMCT, as quais indicam que a principal motivação para a realização das cavalgadas no município, seja na sede ou nos povoados, está ligada aos interesses políticos da prefeitura e das representações e lideranças comunitárias dos povoados, haja vista que com a aproximação do período junino as lideranças comunitárias e vereadores procuram os gestores municipais para expressarem seus interesses em realizar as cavalgadas em seus respectivos povoados. A cavalgada torna-se uma espécie de moeda de troca para a política local. Surpreendeu-nos que representantes de um órgão público expressem tal depoimento a respeito de uma festa popular e tradicional no município, ao mesmo tempo, eles também reconhecem a importância cultural da manifestação.

Neste sentido, o processo de ressignificação das cavalgadas é algo do qual não se pode fugir diante da nossa realidade contemporânea, aderir a novos elementos é uma forma de se moldar as mudanças da sociedade. Castro (2012) lembra que a dinamicidade da sociedade torna distintos ao longo do tempo o ato e os significados do festejar. No município de Itaporanga d'Ajuda o processo de ressignificação das cavalgadas também foi associado aos interesses políticos, ideia que imbrica a grandiosidade da manifestação tradicional ressignificada à força e imponência do poder político, ou seja, a cavalgada como um evento que promove os dirigentes públicos e ressalta a importância do poder político visto como os seus “mantenedores”. De acordo com a SMCT os interesses políticos influenciaram no crescimento do número de cavalgadas, que saem de um povoado a outro ou de um povoado para sede, envolvendo várias localidades ao longo do seu percurso, por isso dizem que elas ocorrem em quase todas as comunidades e povoados do município.

A seguir no Quadro 5 trazemos os marcos históricos das cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda. Nele destacamos as principais mudanças decorrentes, por exemplo, da institucionalização pela prefeitura, o afastamento do cunho religioso dos cortejos, as alterações na nomenclatura, os momentos de auge entre os anos de 2006 e 2015, o leve declínio em 2016, seguido de uma reação em 2017 com o surgimento de novas cavalgadas, o desaparecimento da cavalgada do povoado Tapera uma das mais antigas do município, a mudança dos realizadores que deixaram de ser moradores e passaram a ser os representantes políticos, e o claro envolvimento da prefeitura em todas as cavalgadas.

Quadro 5 - Marcos da Cavalgada de Itaporanga D’ajuda

						
QUANDO	(?) - Década de 1960	1960-1996	1997-2005	2006 - 2015	2016	2017
O QUÊ	Missa do Vaqueiro Casamento Caipira (aconteciam separadamente)	Casamento dos Tabaréus (Missa do Vaqueiro e o Casamento Caipira aconteciam em sequência)	Circuito de Cavalgadas (A prefeitura assume a realização e amplia para outras localidades)	Circuito de Cavalgadas Cavalgada D’ajuda (Surge a Cavalgada particular)	Circuito de Cavalgadas Cavalgada D’ajuda (Ano de crise e diminuição de percursos)	Cavalgada Junina Cavalgada D’ajuda (Na ausência da Prefeitura surgem novas Cavalgadas)
ONDE	Salvador – Sede Telha – Tapera Cham - Sapé	Salvador – Sede Telha – Tapera Cham - Sapé	Salvador – Sede Telha – Tapera Chan – Sapé Costa - Nova Descoberta Moita Verde – Caueira Pariporé - Rio Fundo do Abaís Assentamento 8 de Março – Ipanema	Salvador - Sede (Prefeitura) Salvador - Sede (Particular) Salvador – Campus Telha – Tapera Chan – Sapé Moita Formosa – Gravatá Pariporé - Rio Fundo do Abaís Moita Verde – Caueira Costa - Nova Descoberta Assentamento 8 de Março – Ipanema	Salvador - Sede (Prefeitura) Salvador - Sede (Particular) Salvador – Campus Telha – Tapera Moita Formosa – Gravatá Moita Verde – Caueira Pariporé - Rio Fundo do Abaís Assentamento 8 de Março – Ipanema	Salvador - Sede (Prefeitura) Salvador - Sede (Particular) Caueira - Praia Caueira (I Cavalgada Amigos da Caueira) Nova descoberta – Assentamento Dorcelina Folador (I Cavalgada Top) Chan – Sapé (I Cavalgada da Amizade)
REALIZAÇÃO	Moradores Locais	Moradores Locais	Prefeitura Vereadores	Prefeitura Vereador /Promotor de Eventos	Prefeitura Vereador /Promotor de Eventos	Prefeitura (Apenas 1) Vereadores Promotor de Eventos Moradores Locais
APOIO	Prefeitura	Prefeitura	Prefeitura	Prefeitura Vereadores Comerciantes locais Indústrias Locais Bancos	Prefeitura Vereadores Comerciantes locais	Prefeitura

Fonte: Trabalhos de Campo 2016 – 2017.
Organização: SANTOS, Daniele Luciano. 2017.

As cavalgadas da sede municipal e dos povoados apresentam características similares quanto à distância percorrida pelo cortejo, as atrações em trios elétricos, cavaleiros e amazonas de todas as idades, e a culminância com shows de bandas contratadas. No ano de 2016, devido à crise financeira que o Brasil já atravessava e diante dos cortes e reduções dos recursos financeiros destinados ao setor público, os governos municipais tiveram restrições para a realização de eventos, consequentemente a prefeitura municipal de Itaporanga d'Ajuda também enfrentou dificuldades para organizar, contratar atrações e realizar as cavalgadas no município. Segundo a SMCT, a prefeitura buscou estratégias que diminuíssem os gastos, como por exemplo, a diminuição da programação dos festejos juninos da cidade e contratação de bandas com cachês mais acessíveis às contas da prefeitura. No entanto, deixar de promover as cavalgadas ficou fora de questão, pelo fato delas não serem uma manifestação fixa e envolverem várias comunidades do interior do município. Como mostra o Quadro 5 em 2017 a prefeitura se retira como realizadora (com exceção da sede) e líderes locais e vereadores mantêm, no local, o interesse político e garantem a permanência das cavalgadas.

A criação do calendário que define as datas e a ordem de acontecimento das cavalgadas também é de responsabilidade da prefeitura. O início do Circuito de Cavalgadas coincide com a data em que se comemora o São João, sendo que 24 de junho marca a abertura dos festejos juninos em Itaporanga d'Ajuda. Sobre os espaços de concentração para o início das cavalgadas constatou-se que normalmente são em praças e na ausência delas é feita em campos ou em frente a estabelecimentos de venda de bebidas, ou seja, em ambientes que possibilitem a aglomeração e comportem a demanda de participantes. Entendemos como participantes das cavalgadas não só os cavaleiros e amazonas, mas também os vendedores ambulantes, donos de barracas e espectadores.

A tradição da realização das cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda assegura o envolvimento dos participantes em todas as edições. A tradição também é expressa pela permanência do trajeto realizado pelas cavalgadas. Mesmo após anos de ocorrência, com a inserção de novos elementos em sua estrutura, as cavalgadas mantêm rigorosamente o mesmo percurso. Entendemos por tradição tal como Hobsbawm (2002), o conjunto de práticas, ritos e símbolos construídos no passado e que continuam a ser aceitos e atuantes no presente. O autor afirma que “muitas vezes, ‘tradições’ que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas”, o termo tradição inventada faz referência tanto “as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de

tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez” (ibidem, p. 9).

Segundo Marques; Brandão (2015) a ressignificação das festas populares pode ser desencadeada a partir do momento que determinados fenômenos como a modernização, o sistema capitalista e suas atividades comerciais bem como a formação de redes de interação e comunicação se infiltram e alteram o sentido das mesmas. A forma como a modernização influencia no processo de ressignificação das festas populares pode ser notada durante os seus preparativos com a substituição de equipamentos e formas de produção rudimentares por outras mais modernas que facilitam o preparar e o fazer. Nas cavalgadas em Itaporanga d’Ajuda, por exemplo, observa-se a inserção dos trios elétricos para a animação durante o percurso, o transporte dos cavalos em caminhões até o local de saída da cavalgada, anúncios de divulgação da festa em carros de som, em panfletos e em mídias digitais e eletrônicas. É importante destacar que a modernização facilita o preparo da festa, mas ao mesmo tempo também pode modificar a sua essência e estética (MARQUES; BRANDÃO, 2015). Neste sentido as práticas populares podem ser perdidas na medida em que são substituídas por práticas modernas. Como observamos, ocorreu com o casamento caipira que não mais se realiza, e segundo os autores, frente a crescente demanda, as festas populares em geral se adequam as tecnologias como forma de se manterem, acrescentando ainda:

[...] É inegável que as modificações alteram as dinâmicas da festa. No entanto, o novo e o moderno não anulam a essência do que já existe. Ao contrário, proporcionam novos movimentos, práticas e interações. Neste sentido, é importante relembrar que a cultura é maleável e por isso as transformações alcançadas pelas festas populares são, teoricamente, previsíveis e devem ser encaradas com cautela e parcimônia, pois interferir em seu curso pressupõe tirar-lhes a autenticidade. (MARQUES; BRANDÃO, 2015, p. 17).

No que se refere a mercantilização e as atividades comerciais, os autores afirmam que eles se inserem na festa visando comercializar bens e serviços. E, estas trocas econômicas possuem a capacidade de divergir o sentido primordial da maioria das festas populares, principalmente daquelas que possuem um elemento sagrado como eixo central. Um exemplo disto é o distanciamento entre as cavalgadas e a religiosidade. Como anteriormente citamos as cavalgadas em Itaporanga d’Ajuda ocorriam no período junino associadas às missas do vaqueiro e que, com o tempo, deixaram de acontecer. Concomitantemente houve o aumento do número de comerciantes ambulantes e a venda de bebidas alcoólicas nos espaços da festa. Tentar explicar as ressignificações das cavalgadas apenas a partir da influência

descaracterizadora da mercantilização é uma redução de um fenômeno complexo. Apesar de muitas manifestações populares, como algumas festas, terem sido associadas à apropriação capitalista, “[...] é importante destacar o caráter reinventivo e inovador de muitas pessoas, que procuraram enxergar na festa não apenas uma forma de lazer ou de diversão, mas também uma atividade capaz de gerar renda” (CASTRO, 2012, p.50).

Segundo MARQUES e BRANDÃO (2015) a formação de redes de interação e comunicação também marca e dá dinamicidade à festa. Estas redes se estabelecem quando os sujeitos “[...] se misturam temporariamente às instituições, organizações privadas, entre corporações e juntos atuam na festa, cada um a seu modo, realizando suas funções e defendendo interesses próprios” (Ibidem, p. 15). Desta maneira, para eles a festa deixa de ser domínio exclusivo da comunidade e o popular passa a caminhar por novos rumos, ganhando novas influências, ou seja, se ressignificando. Neste sentido, os autores apontam a globalização, com suas redes de integração e comunicação, como fator que modifica diretamente a cultura popular e as festas, pois com as novas formas de comunicação e de redes um novo público é integrado a elas. Esta nova demanda se liga à festa popular por razões que muitas vezes se diferem das tradicionais, atribuindo-lhe um novo sentido e reforçando a sua maleabilidade e flexibilidade.

No contexto da globalização Santos (2000) enfatiza que ela influencia, direta e indiretamente, todos os aspectos da vida econômica, da vida cultural, das relações interpessoais e da subjetividade humana. Sobre a cultura de massas e a cultura popular, o autor destaca a função homogeneizadora do mercado que impõe verticalmente os elementos da cultura de massa, indiferente às heranças e às realidades atuais dos lugares e das sociedades. No entanto, a cultura preexistente resiste às investidas homogeneizadoras da globalização e produz nos lugares “formas mistas sincréticas”, oferecidas como espetáculo, e chamadas pelo autor de cultura popular domesticada. Seria então a cavalgada parte de uma cultura domesticada? Ousamos afirmar que ela é composta pela sobreposição do antigo e do novo, da tradição e da ressignificação, do político/econômico e do cultural/simbólico. O descortinar de todo esse enredar de características se sucederá a seguir no capítulo 4.

A “evolução” das cavalgadas revela que a realização dessas não é mais tarefa exclusiva dos indivíduos interioranos como um modo de vida típico do ambiente rural, nem se quer dos vaqueiros do campo, ou demais habitantes comuns do município de Itaporanga d’Ajuda, intervêm também em sua organização os líderes comunitários, vereadores,

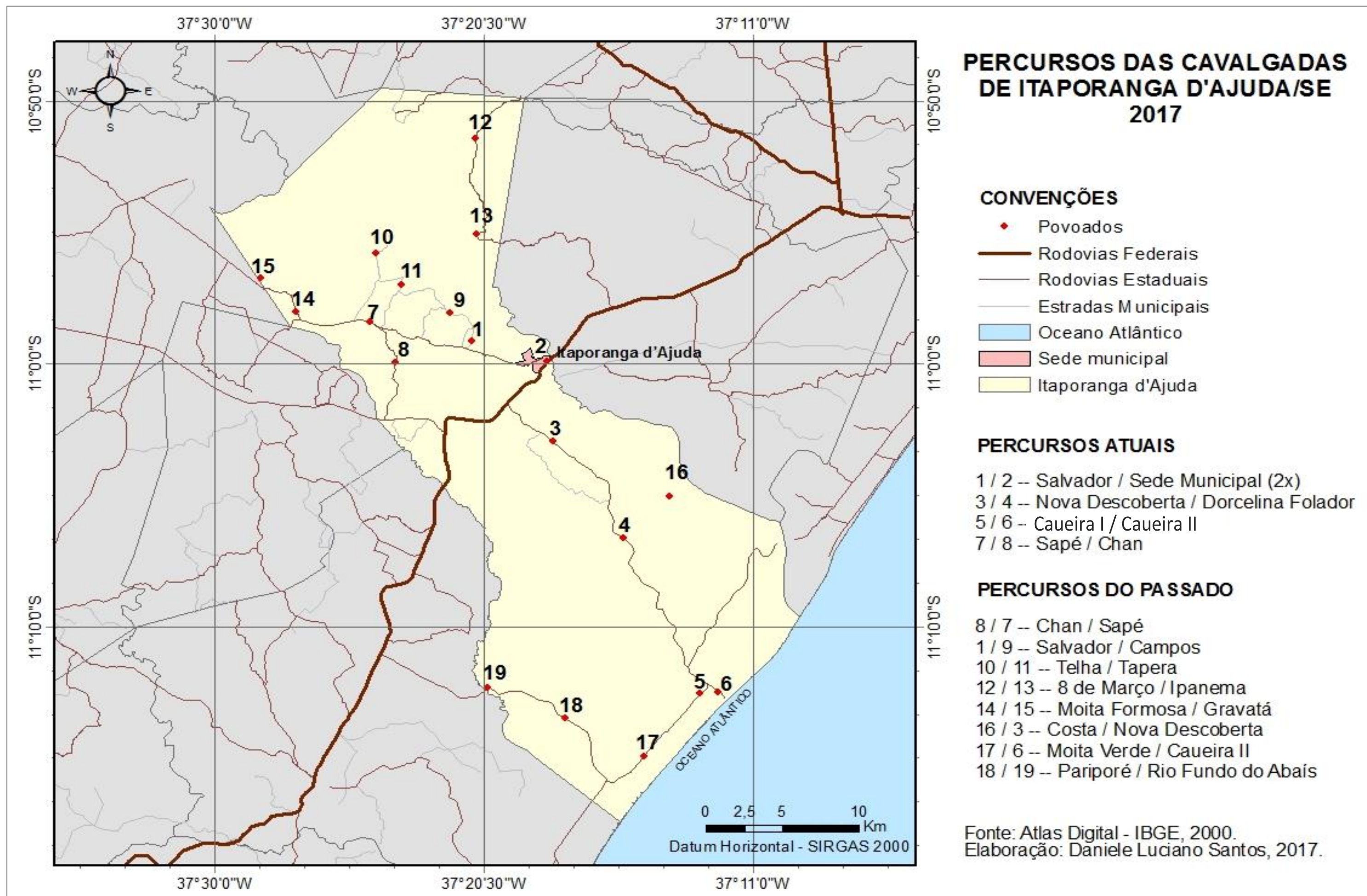
empresários e principalmente a prefeitura municipal. Essa multi-intervenção, segundo MARQUES e BRANDÃO (2015), movimenta e possibilita aos participantes da festa novos usos, interesses e percepções, que podem alterar o seu sentido. Para os autores “é necessário que o domínio e autonomia da festa popular continuem com a comunidade, caso contrário ela passará a sofrer as consequências da descaracterização moderna e perda da identidade” (MARQUES e BRANDÃO, 2015, p. 17). Por isso a importância do papel dos líderes comunitários em representar os sujeitos que “fazem” a festa, pois eles são os mediadores entre os grandes promotores e os participantes.

Acrescenta-se, a festa é um elemento cultural multável, e nesse sentido Claval (2014) afirma que a cultura é um sistema aberto e mutável de técnicas e comportamento, o contato entre diferentes culturas, algumas vezes conflitantes, constitui-se uma fonte de enriquecimento mútuo e de mudanças. As ideias do autor nos permite compreender o dinamismo das cavalgadas, que preservam o período de ocorrência, os percursos e os sujeitos locais como principal público, associados à modernização do modo de fazê-la enquanto manifestação cultural, tradicional ressignificada, com nuances de festa popular e evento político.

2.3 ROTEIROS E SUAS ESPECIFICIDADES

Nesse item enfatizamos o envolvimento da prefeitura municipal com as cavalgadas, ora enquanto apoio ora enquanto realizadora, e como sua presença perpassa a preparação de todas as cavalgadas, seja particular ou privada. Destacamos os diferentes roteiros que compõem o Circuito de Cavalgada e suas peculiaridades, os povoados, suas características, os atores e os sujeitos envolvidos. Itaporanga d’Ajuda possui aproximadamente 50 povoados e as cavalgadas acontecem em até dezessete deles além da sede municipal. Juntos eles correspondem a treze distintos percursos do circuito (Mapa 3).

Mapa 3 – Percursos das Cavalgadas



Os trajetos percorridos durante as cavalgadas, desde o local de saída até o de chegada, apresentam em média 5,5km de extensão e estiveram ou estão espacializados ao longo do município desde as localidades próximas ao litoral até as aquelas mais interioranas tal como observado no Mapa 3.

Os trajetos possuem entre si características, ora semelhantes ora específicas, da localidade e do período em que ocorrem ou ocorreram. A seguir apresentamos os treze percursos de cavalgadas que identificamos durante os trabalhos de campo realizados entre junho a agosto de 2017. Em ordem, são apresentadas as cavalgadas que aconteceram entre a década de 1990 e 2016, seguidas daquelas que aconteceram até 2017 e, por fim, aquelas que surgiram no ano de 2017 (Quadro 6). Assim, buscamos esclarecer a espacialização do fenômeno e entender quais os fatores determinantes para a permanência ou não dos diferentes percursos em Itaporanga d'Ajuda.

Antes, é importante ressaltar que no ano de 2016 aconteceram dez cavalgadas e oito delas não voltaram a ocorrer no ano seguinte, como já foi dito, devido às dificuldades financeiras enfrentadas pela prefeitura e em decorrência dos cortes nos recursos públicos. Observamos que sete delas faziam parte do Circuito de Cavalgadas realizado pela prefeitura municipal, são elas as dos povoados Tapera, Gravatá, Nova Descoberta, Caueira, Rio Fundo do Abaís, Salvador, Sapé, e Ipanema, além da particular Cavalgadas d'Ajuda.

Quadro 6 - Síntese dos Percursos das Cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda-SE – 1997-2017

	Cavalgada	Local de saída	Local de chegada	Percurso (km)	Realização
1	Cavalgada da Tapera	Praça do Povoado Telha	Praça do Povoado Tapera	4,5	Prefeitura
2	Cavalgada do Gravatá	Praça do Povoado Moita Formosa	Praça do Povoado Gravatá	4,5	Prefeitura
3	Cavalgada da Nova Descoberta	Sítio de Celinha Sobral no Povoado Costa	Praça do Povoado Nova Descoberta	6,8	Prefeitura
4	Cavalgada da Caueira	Bar do Nunun no Povoado Moita Verde	Quadra do Povoado Caueira	6	Prefeitura
5	Cavalgada do Rio Fundo do Abaís	Bar do Artema no Povoado Pariporé	Praça do Povoado Rio Fundo do Abaís	6	Prefeitura
6	Cavalgadado Campos	Praça do Povoado Salvador	Quadra do Povoado Campos	4,5	Prefeitura
7	Cavalgada do Sapé	Praça do Povoado Chan	Praça do Povoado Sapé	4,0	Prefeitura
8	Cavalgada do Ipanema	Quadra do Assentamento8 de Março	Praça do Povoado Ipanema	8	Prefeitura
9	Cavalgada Junina de Itaporanga d’Ajuda	Praça do Povoado Salvador	Sede Municipal	4,5	Prefeitura
10	Cavalgada D’ajuda	Praça do Povoado Salvador	Sede Municipal	4,5	BS Produções
11	Cavalgada Top	Praça do Povoado Nova Descoberta	Assentamento DorcelinaFolador	9	Vereador Walace da Nova Descoberta
12	Cavalgada dos Amigos	Galego’s Bar no Povoado Caueira	Espaço Caueira Beach	5	Moradores e comerciantes locais
13	Cavalgada da Amizade	Praça do Povoado Sapé	Praça do Povoado Chan	4,0	Vereador Neguinho do Sapé

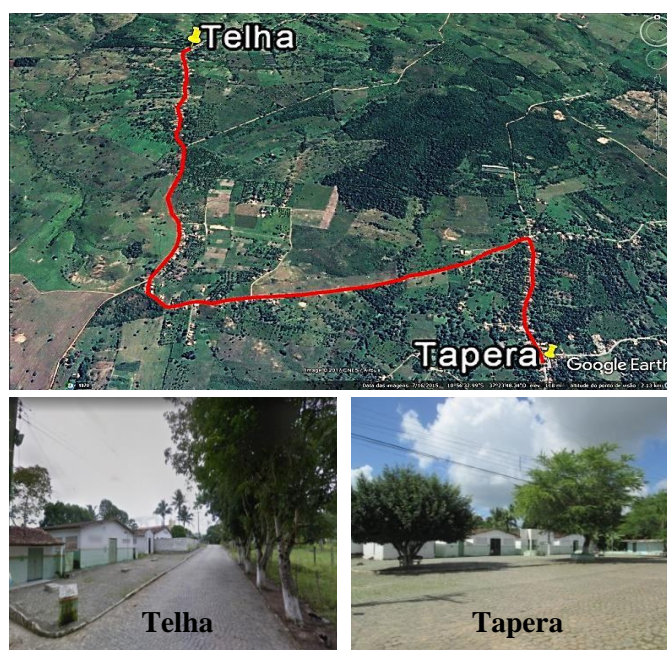
OCORRÊNCIA DAS CAVALGADAS

Década 1990 - 2016  Até 2017  Surgiu em 2017 

Fonte: Trabalhos de Campo, 2017.
Organização: SANTOS, Daniele Luciano.

A **cavalgada do povoado Tapera** ocorreu pela última vez em julho de 2016 e segundo os entrevistados é uma das mais antigas. O percurso tem como o local de saída o povoado Telha e o local de chegada o povoado Tapera, trajeto que corresponde a 4,5Km (Figura 1). No passado, quando ainda ocorria o casamento dos tabaréus, as pessoas se encontravam no povoado Telha onde os “noivos” enfeitavam suas roupas com fitas e retalhos de panos e as carroças ornamentadas com palhas saíam pelas estradas de terra em direção à Tapera, onde o padre esperava em um pequeno palanque para a celebração da missa do vaqueiro.

Figura 1 - Percurso da Cavalgada do Povoado Tapera



Fonte: Google Earth, 2017; Trabalho de Campo, 2017.
Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.

Ao término da missa todos assistiam a encenação do casamento caipira com a presença de alguns personagens cômicos como o “padre” vivido por Zé Orgines e posteriormente por Zé Ralino, antigos moradores do povoado; os “noivos” que eram escolhidos anualmente; o “Grilo” que também a cada ano era assumido por uma pessoa responsável por dar graça à encenação e a “Primeira Dama da Tapera” vivida por Dona Darcilene, lembrada por sua dança irreverente com forte batida dos pés no chão “levantando a poeira”. Isso nos faz lembrar Castro (2012) quando ele enfatiza que na realidade paralela e efêmera, criam-se sujeitos ou grupos imaginários que podem ser seres míticos ou mesmo grandes personalidades, nesse contexto um operário assalariado pode se transformar em um padre e uma dona de casa se transformar em primeira dama. Nessa perspectiva o autor

fundamenta-se em Da Matta e afirma que a festa se constitui em uma metamorfose transitória de papéis sociais consignando uma ruptura do cotidiano funcional. Com efeito, na cavalgada do povoado Tapera, após o casamento caipira a quadrilha local se apresentava e a festa era encerrada com o forró típico de trio pé de serra. No passado toda a organização ainda era responsabilidade das pessoas que moravam no povoado e seus líderes locais, mas a prefeitura participava enquanto apoio, por exemplo, disponibilizando o palanque e a iluminação.

Após a criação do Circuito de Cavalgadas na década de 1990 quando a prefeitura assumiu a realização da festa, a mudança do nome casamento dos tabaréus para cavalgada não foi a única. Com a prefeitura à frente da organização houve uma intensificação na divulgação, melhorias estruturais e funcionais como palanques melhores, banheiros químicos, ornamentação do espaço da festa, serviço de segurança, atendimento médico, registro e controle de vendedores ambulantes, contratação de atrações artísticas do próprio município, e do cenário estadual e nacional. Consequentemente ocorreram mudanças em relação ao público que foi ampliado, pois as cavalgadas passaram a atrair pessoas de outros povoados e municípios. Relacionamos estas mudanças com a reflexão de Marques e Brandão (2015), pois afirmam que a resignificação das festas populares pode ser desencadeada a partir do momento que determinados fenômenos como a modernização, a mercantilização, e a formação de redes de interação e comunicação se infiltram e alteram o sentido das mesmas.

Antes mesmo de todas essas mudanças, os padres começaram a se recusar a celebrar a missa do vaqueiro alegando que a festa havia se tornado mundana. Aos poucos, com o falecimento de alguns dos moradores mais antigos e a diminuição do envolvimento dos mais jovens, a encenação do casamento caipira também foi desaparecendo no município de Itaporanga d'Ajuda. É importante destacar que estas mudanças foram comuns em todos os povoados e que passaram a fazer parte do Circuito de Cavalgadas.

A última **cavalgada do povoado Gravatá** organizada pela prefeitura também ocorreu em julho do ano de 2016 e seu percurso original tem o campo do povoado Moita Formosa como local de partida e a praça do povoado Gravatá como local de chegada. No total, os cavaleiros e amazonas se deslocam num trajeto de 4,5 Km (Figura 2), em um percurso bem mais recente do que o do povoado Tapera. A proximidade do povoado Gravatá com os povoados Sapé e Tapera facilita a participação dos seus moradores, sendo prática comum sua participação em várias cavalgadas além da que é realizada em seu povoado.

Figura 2 - Percurso da Cavalgada do Povoado Gravatá



Fonte: Google Earth, 2017; Trabalho de Campo, 2017.
Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.

Na época em que ocorria o casamento dos tabaréus as pessoas se encontravam no povoado Moita Formosa, onde iam com suas carroças ornamentadas de bandeirinhas, fitas, retalhos e palhas. Homens com camisas xadrez e chapéus de palha, mulheres com vestidos de chita e cabelos trançados, cavalos com crinas enfeitadas de fitas coloridas e tranças, juntos se deslocavam pelas estradas de terra em “clima” de confraternização ao som de forró pé de serra até o povoado Gravatá. A ressignificação da forma e meios de realização da festa refletiu na padronização estrutural das cavalgadas em todos os povoados e sede municipal de Itaporanga d’Ajuda. Segundo Trigueiro (2007) a padronização estrutural é característica comum das festas populares que são institucionalizadas pelo poder público. Ele afirma que a indústria cultural brasileira necessitou retroalimentar-se continuamente na cultura popular, sendo que no setor do entretenimento muitos símbolos populares foram apropriados e submetidos à padronização típica da produção massiva.

A **cavalgada do povoado Nova Descoberta**, por sua vez, percorre um trajeto de 6,8 km, normalmente é uma das últimas do circuito e acontece entre os meses de julho e agosto. Os cavaleiros se encontram no povoado Costa, na Fazenda Pedra Grande do ex- vereador e atual prefeito Otávio Sobral ou na Fazenda e Haras Proveito da ex-vereadora Celinha Sobral, e seguem em comitiva pela rodovia estadual SE-270 em direção à praça do povoado Nova Descoberta (Figura 3). Há vinte anos quando não existia a praça a cavalgada findava na casa

do Sr. Augusto uns dos mais antigos moradores do povoado Nova Descoberta. A influência que os políticos da família Sobral possuem nesta cavalgada comprovam o que Vargas e Neves (2009) sinalizam, que as festas podem se tornar verdadeiros palanques eleitorais.

Figura 3 - Percurso da Cavalgada do Povoado Nova Descoberta



Fonte: Google Earth, 2017; Trabalho de Campo, 2017.
Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.

No povoado Nova Descoberta os sujeitos participantes não possuem o costume de enfeitar os cavalos como ocorre nas cavalgadas dos povoados Tapera e Gravatá, pois eles utilizam apenas acessórios específicos de montaria como sela, estribo, arreio, rédea, chicote e esporas. Por outro lado, as carroças possuem ornamentação irreverente e específica com palhas de coqueiro e folhas de bananeira. Seus cavaleiros e amazonas costumam usar roupas e adereços de couro que lembram os vaqueiros e, também, há aqueles que preferem usar o típico traje junino feito de chitão estampado ou xadrez, ou ainda camisas padronizadas usadas por grupo de amigos, famílias ou donos de fazenda. Conforme Carvalho (2007) isso comprova a diversidade existente nas festas populares e suas variações no tempo e no espaço porque traços se perdem, outros se adicionam, em velocidades variadas nas diferentes sociedades e localidades. A cultura não pode ser vista como estática, consequentemente, as manifestações culturais e as festas populares também não.

No percurso **da cavalgada do povoado Caueira** que correspondente à 6 km, a saída é do Bar do Nunun localizado no povoado Moita Verde e a chegada é na quadra de esporte do

povoado Caueira (Figura 4). A cavalgada ocorre em Julho logo após a comemoração do São Pedro, tradicionalmente dentro da programação do Forró do Praião que acontece na praia da Caueira, composto por três dias de shows, no qual o ápice é a cavalgada. O percurso do povoado Caueira possui outra peculiaridade que o diferencia dos demais: no meio do trajeto durante uma parada, o Esquadrão da Polícia Montada do estado de Sergipe realiza uma apresentação com evolução dos seus cavalos treinados. Neste trajeto o número de carroças é significativamente menor comparado à outros, nele são os cavalos enfeitados e penteados que se sobressaem juntamente com as camisas padronizadas de equipes organizadas.

Figura 4 - Percurso da Cavalgada do Povoado Caueira



Fonte: Google Earth, 2017; Trabalho de Campo, 2017.
Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.

A **cavalgada do povoado Rio Fundo do Abaís** normalmente acontece no mês de julho. Sai do Bar do Artema conhecido como o Bar da Moqueca no povoado Pariporé e segue pela rodovia do Abaís que liga os municípios de Estância e Itaporanga d'Ajuda, até a praça do povoado Rio Fundo do Abaís percorrendo 6 km de extensão (Figura 5). A cavalgada do Rio Fundo do Abaís foi criada por Antônio Francisco Sobral Garcez ex-deputado estadual e ex-prefeito de Itaporanga d'Ajuda, que após seu afastamento da vida política, a sua filha Maria das Graças Souza Garcez (Gracinha), também ex-prefeita do município, assumiu o compromisso de continuar a tradição iniciada por seu pai. Na década de 1990 o percurso

passou a fazer parte do Circuito de Cavalgadas e mesmo nos anos em que a prefeitura não incluiu o povoado na programação junina ela foi realizada por Gracinha Garcez.

**Figura 5 - Percurso da Cavalgada do Povoado
Rio Fundo do Abaís**



Fonte: Google Earth, 2017; Trabalho de Campo, 2017.
Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.

No passado o povoado Rio Fundo do Abaís sediava dois dias de festa que começava no sábado com almoço, moqueca de peixe e pirão no Bar do Artema. A confraternização se estendia até a noite quando ocorria a encenação do casamento caipira e, no dia seguinte a festa começava com churrasco e bebida, seguido pela cavalgada com início no meio da tarde. Com exceção da festa do padroeiro Santo Antônio, a cavalgada é a única festa que acontece no Rio Fundo do Abaís. Até a última edição, os cavaleiros e amazonas conseguiram manter a tradição dos trajes que remetem ao tipo caipira, a ornamentação dos cavalos com fitas, adereços e acessórios de couro assim como a irreverência das carroças enfeitadas com palhas de coqueiro e bandeirolas.

A **cavalgada do povoado Campos** também teve sua última edição em 2016, o trajeto percorrido era da praça do povoado Salvador até a quadra de esporte do povoado Campos, correspondendo a 4,5 km (Figura 6). Salvador, por sua vez, é onde a tradição das cavalgadas “pulsa” por mais tempo em Itaporanga d’Ajuda, pois dos treze percursos do Circuito de Cavalgadas pelo menos três contemplam o povoado, dois realizados pela

prefeitura e um pela produtora de eventos BS Produções. O cortejo entre os povoados Salvador e Campos é o único dos três que não se repetiu em 2017.

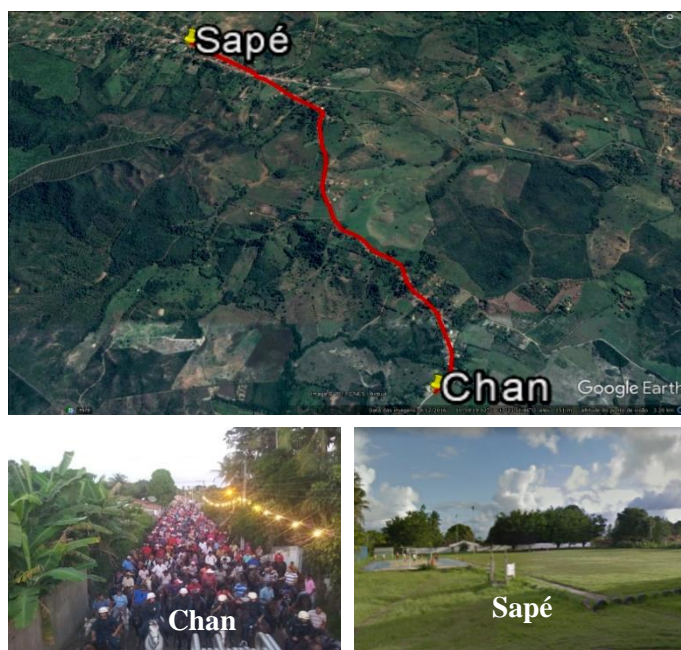
Figura 6 - Percurso da Cavalgada do Povoado Campos



Fonte: Google Earth, 2017; Trabalho de Campo, 2017.
Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.

A **cavalgada do povoado Sapé** percorre 4 km de extensão da praça do povoado Chan até a praça da quadra no Sapé (Figura 7), este trajeto está entre os três mais antigos do município. Apesar da sua localização próxima aos povoados que no passado havia o cortejo a cavalo e em seguida a missa do vaqueiro, como por exemplo, Tapera, Telha, Gravatá e Moita Formosa, no Sapé nunca houve registro de influências religiosas no casamento dos tabaréus e na cavalgada. Em 1996 Aliston de Badé, ex-vereador e proprietário do Haras Parque dos Coqueiros, foi quem organizou a primeira cavalgada do povoado Sapé nos moldes contemporâneos. Aliston se manteve na organização da festa até o ano de 2012 quando chegou ao fim o seu último mandato político. A partir de então foi o vereador José Freire Conceição conhecido como Neguinho do Sapé que juntamente com a prefeitura deu continuidade a realização da cavalgada.

Figura 7 - Percurso da Cavalgada do Povoado Sapé



Fonte: Google Earth, 2017; Trabalho de Campo, 2017.
Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.

Nas primeiras edições a cavalgada do povoado Sapé contava com a presença de carros de boi, carneiros, carroças, mulas, jumentos e cavalos no contexto do cortejo. Era composta por diversas atividades de premiações como concurso da vaqueira e do vaqueiro mais bonito, a carroça e o cavalo mais enfeitados, além de apresentações de quadrilhas. Apesar da ausência da encenação do casamento caipira, todos os anos havia no cortejo um casal de noivos caipiras. Com o passar dos anos, as mudanças na forma de fazer a cavalgada fizeram com que todas essas expressões da festividade local fossem desaparecendo, atualmente restando apenas o cortejo de cavalos seguido de show.

Foi no povoado Sapé que identificamos a existência de uma cavalgada de mulas que acontece há pelo menos 10 anos, saindo do povoado para Monte Santo município da Bahia, percorrendo uma distância de aproximadamente 300km. Segundo Aliston de Badé seu organizador, isso indica a existência de pelo menos duas modalidades de Cavalgadas, nomeadas por ele de **cavalgada de rua** e **cavalgada de mula**. A primeira refere-se as que são o foco do nosso estudo, que apresentam características ressignificadas e contemporâneas, que se distancia da religiosidade e assume caráter de festa espetáculo. A segunda preserva características ligadas à religiosidade, acontece como uma forma de peregrinação e pagamento de promessas dos fiéis católicos que se deslocam para a cidade baiana conhecida pela Romaria de Todos os Santos.

Há 242 anos no dia 10 de outubro, o município baiano de Monte Santo recebe romeiros no Santuário Santa Cruz para agradecer graças alcançadas, fazer e renovar pedidos e é justamente nesta ocasião que a cavalgada de mulas de povoado Sapé acontece sendo que ao longo do percurso os cavaleiros vão se reunindo com outros e seguindo em romaria. Apesar de existir há pelo menos uma década, a cavalgada de mulas é conhecida apenas pelos poucos que dela participam. Ela não faz parte do Circuito de Cavalgadas e não é o foco do nosso estudo, porém é importante apresentá-la para compreender a expressividade das cavalgadas em Itaporanga d’ajuda e que apesar das mudanças assumidas, ainda encontramos fortes traços de religiosidade.

A **cavalgada do povoado Ipanema** tem um percurso de 8km de extensão, sai da quadra do assentamento 8 de Março com destino a praça do povoado Ipanema (Figura 8). Este trajeto surgiu com a criação do Circuito de Cavalgadas na década de 1990 e sua última edição foi em agosto de 2016. Na época em que acontecia o casamento dos tabaréus, a organização inicial da festa era dos próprios moradores do povoado Ipanema e seus vizinhos do povoado Mata do Ipanema. Eles contavam com o apoio da prefeitura e vereadores, mas a partir do momento em que o casamento dos tabaréus tornou-se cavalgada a prefeitura assume a sua realização e vereadores locais, como Marizete da Mata, passaram a apoiar a prefeitura. O apoio dos vereadores dado à prefeitura varia entre auxílio na organização, na divulgação, na escolha do dia da festa e das atrações artísticas que agradam os moradores dos povoados, porém financeiramente, é a prefeitura que arca com todos os custos.

Figura 8 - Percurso da Cavalgada do Povoado Ipanema



Fonte: Google Earth, 2017; Trabalho de Campo, 2017.
Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.

Em 2017 houve uma redução significativa do número de cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda, explicada, como já exposto, pelo corte dos recursos destinados aos municípios, pela necessidade imediata da redução dos gastos públicos e pela crescente fiscalização jurídica que ameaçava cancelamento dos festejos juninos do município caso não houvesse o cumprimento do pagamento dos salários dos servidores. Nesse cenário de crise financeira do setor público, os gestores estaduais e municipais viram-se obrigados a honrar suas dívidas e pagamento de salários de seus servidores antes mesmo de organizar, divulgar e realizar eventos festivos. Em Itaporanga d'Ajuda isso foi evidente na redução do número de cavalgadas que em 2016 foram nove e em 2017 apenas uma realizada pela prefeitura municipal e, por este motivo, o Circuito de Cavalgadas que ocorria em vários povoados de Itaporanga d'Ajuda foi suspenso.

O trajeto que sobreviveu aos percalços gerados pela crise financeira no setor público foi o da **cavalgada da sede**, que sai da praça do povoado Salvador conhecido como Salvadozinho para a praça de eventos na sede municipal (Figura 9). Este percurso de 4,5km de extensão é considerado o mais antigo dentre todos os demais que faziam parte do Circuito de Cavalgadas, com maior capacidade de mobilização dos itaporanguenses e de geração de renda para vendedores ambulantes e comerciantes locais, pois ele atrai o maior número de cavaleiros e amazonas.

Figura 9 - Percurso da Cavalgada de Itaporanga d'Ajuda



Fonte: Google Earth, 2017; Trabalho de Campo, 2017.

Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.

A cavalgada de Itaporanga d'Ajuda tradicionalmente acontece em 24 de junho, dia em que se comemora São João e como tal, é improvável pensarmos os festejos juninos do município sem lembrarmos-nos das cavalgadas. Desde que o Circuito de Cavalgadas foi criado e mesmo em 2017 com a suspensão de oito dos nove percursos, o 24 de junho marca a abertura da temporada de cavalgadas, e aquelas que surgiram em decorrência da ausência da prefeitura deram continuidade a essa tradição. Adiante iremos descrever em detalhe os cortejos que surgiram em contraponto à suspensão do Circuito de Cavalgadas.

Todos os anos no dia de São João homens, mulheres, crianças, adultos e idosos dirigem-se para o povoado Salvador, alguns já montados em seus cavalos, outros fretam caminhões de transporte animal para levarem os cavalos até o local de saída. No passado a cavalgada do Salvador até a sede municipal era composta por carroças, cavalos, bois, jumentos, e caminhões pau-de-arara todos ornamentados com enfeites de palhas de bananeira, de coqueiro, ou de ouricurizeiro, com bandeirinhas coloridas, retalhos de saco de estopa ou chita; os animais com crinas trançadas, pintadas e presas com fitas coloridas e os participantes vestidos com roupas que faziam referência ao tipo “rústico” e “matuto”.

Nas últimas edições da cavalgada de Itaporanga d'Ajuda praticamente não se viu carroças, os cavalos cada vez mais imponentes com acessórios de couros e adereços bordados com o nome de fazenda ou haras, com crinas bem penteadas e aparadas. Os cavaleiros e amazonas abandonaram os trajes rústicos e aderiram à “moda do peão moderno” com calças ajustadas ao corpo, cintos de fivelas polidas, botas de couros bem engraxadas e lustradas. Isso nos faz observar a resignificação para além do fazer a cavalgada, porque vimos que as mudanças também são traduzidas nas diferentes formas de estar e participar dela.

Considerando ser essa cavalgada a única com término na sede do município, em 2006, o ex-vereador Bruno Sobral cria a **Cavalgada D'ajuda** seguida da sua produtora a BS Produções e apropria-se do percurso de maior importância, até então promovido pela prefeitura. Normalmente a Cavalgada D'ajuda acontece no último domingo do mês de maio, ou seja, é a primeira a ocorrer, com exceção da última edição que ocorreu em 06 de agosto de 2017 por conta do falecimento do pai do dono da produtora. Desde o início a Cavalgada D'ajuda apresenta características ligadas à contemporaneidade, pensada para atrair um público jovem. As atrações contratadas cantam e tocam músicas de sucesso do momento em ritmo de vaquejada para agradar o perfil dos participantes, e diferente daquelas que são

realizadas pela prefeitura é cobrada uma taxa de 10 reais a todos que assistem o show na praça de eventos de Itaporanga d'Ajuda.

Em 2017 em decorrência da ação do Ministério Público de Sergipe (MP/SE), que considerou os gastos com os festejos juninos incompatíveis com as prioridades do município, surgiu um fenômeno envolvendo as cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda. Obrigada a reduzir os gastos na realização dos festejos juninos, a prefeitura municipal resolveu manter apenas a cavalgada do dia 24 de junho, considerada a mais conhecida do circuito junino e que mais mobiliza a população. Na ausência dos gestores públicos, em três localidades surgiram novas cavalgadas que substituíram aquelas suspensas pela prefeitura. Surgiram a Cavalgada Top, a Cavalgada dos Amigos e a Cavalgada da Amizade. A Primeira **Cavalgada Top** ocorreu em 09 de julho, saiu da praça do povoado Nova descoberta percorreu o trajeto de 9 km até o assentamento Dorcelina Folador (Figura 10). Ela contou com o apoio do vereador Wallace da Nova Descoberta uma das lideranças políticas do povoado.

Figura 10 - Percurso da I Cavalgada Top



Fonte: Google Earth, 2017; Trabalho de Campo, 2017.
Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.

A Primeira **Cavalgada dos Amigos** ocorreu em 30 de julho dentro dos limites do povoado Caueira. Saiu do estabelecimento denominado Galego's Bar e dirigiu-se até o Espaço Caueira Beach com trajeto de 5 km (Figura 11). A Primeira Cavalgada dos Amigos foi realizada por um grupo de amigos que reside no povoado Caueira, que não possui ligação com a vida política local e os participantes pagaram o valor de 30 reais que foram usados para arcar com os custos.

Figura 11 - Percurso da I Cavalgada dos Amigos



Fonte: Google Earth, 2017; Trabalho de Campo, 2017.
Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.

A última cavalgada que surgiu em Itaporanga d'Ajuda foi a Primeira **Cavalgada da Amizade** em 13 de agosto de 2017, com o percurso de 4 km desde a praça do povoado Sapé até a praça do povoado Chan, ou seja, o trajeto inverso da cavalgada do Sapé realizada pela prefeitura e descrito anteriormente. Ela foi organizada por moradores de ambos os povoados e contou com o apoio do vereador e líder local Neguinho do Sapé.

É importante destacar que as três últimas cavalgadas que aqui abordamos apresentam características similares no que diz respeito a resignificação da sua composição, porque elas em pouco lembram as cavalgadas dos anos 1990. As músicas tocadas durante e após os percursos deixaram de ser o forró pé de serra, o ritmo das vaquejas e ou aboios, foram substituídos pelo arrocha, um gênero musical originário da Bahia proveniente da seresta e do estilo brega. Os trajes usados pelos cavaleiros e amazonas lembram os abadás e camisas

organizadas para os carnavais. Os adereços de couro, a ornamentação dos cavalos com fitas coloridas, as carroças e a espontaneidade da festa popular deixaram de ser visíveis nas três novas cavalgadas.

A importância deste capítulo está não só na possibilidade de entendermos a espacialização das cavalgadas, como também compreendermos que a ressignificação não está apenas na forma de fazer a cavalgada, mas ainda na forma de estar e participar delas, que dentro de um mesmo município ela possui especificidades, variações entre as distintas localidades e ou povoados. Não é porque a manifestação é contemporânea que ela não pode ser diversa, pelo contrário o fato de ser contemporânea lhe dá carácter de movimento, de mudança. Em Itaporanga d'Ajuda, a padronização das cavalgadas pela prefeitura deu-se de forma estrutural, porém as mudanças no seu processo de manutenção e permanência, assim como as diversas relações entre os sujeitos que produzem e participam, ao longo dos anos desencadeou ressignificações que transcendem o fazer e o manter, que estão também nos diversos sentidos de estar, fazer e participar da cavalgada.

CAVALGANDO ENTRE AS DIMENSÕES DOS TERRITÓRIOS



AS SÓCIO-ESPACIALIDADES E RESSIGNIFICAÇÕES DAS CAVALGADAS – ITAPORANGA D’AJUDA/SE

3. CAVALGANDO ENTRE AS DIMENSÕES DOS TERRITÓRIOS

Neste capítulo resgatamos parte da história das famílias com tradição política em Itaporanga d'Ajuda, abordando a forma como cada uma constituiu seus territórios de influência no município, assim como os vereadores, os ex-vereadores, a prefeitura e os empresários. Nesse sentido Haesbaert (2007a, p. 42) enfatiza que:

[...] os homens, ao tomarem consciência do espaço em que se inserem (visão mais subjetiva) e ao se apropriarem ou, em outras palavras, cercarem este espaço (visão mais objetiva), constroem e, de alguma forma, passam a ser construídos pelo território [...].

Assim, procuramos explicar como os interesses e ações dos atores e sujeitos podem determinar a conformação das cavalgadas nos povoados e na sede de Itaporanga d'Ajuda. O entremear da história e dos relatos dos entrevistados nos permitiu analisar como a política, as disputas de poder e a conformação de territórios influenciam na permanência e manutenção das cavalgadas no município. “Cavalgando” entre sujeitos e territórios procuramos entender as práticas sócio-espaciais na produção e manutenção das cavalgadas, assim como os diferentes significados que atores e sujeitos atribuem às cavalgadas de acordo com seus interesses.

Em seguida trazemos uma descrição fundamentada das diferentes paisagens, entre o início e o fim, entre a cavalgada e o show. Ao “cavalar” entre festas destacamos a existências de varias formas de festejar e expressões festivas no contexto das cavalgadas e dos shows. Diante disso, esse capítulo remete primordialmente às ideias de Haesbaert e nos permite compreender as dimensões política, econômica e cultural/simbólica dos territórios das cavalgadas.

3.1 DOS SUJEITOS E DAS RELAÇÕES

Os marcos das cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda nos permitiu visualizar a diversidade dos sujeitos e das relações empreendidas na sua produção e manutenção ao longo dos anos. Sujeitos e relações que aparecem na linha do tempo na posição de realizadores, de apoiadores e de participantes enquanto espectadores, vendedores, atrações artísticas, cavaleiros e Amazonas. Para compreender a complexidade dessas relações sejam elas de natureza religiosa (passado), política, econômica e simbólica, é preciso levar em consideração a

multidimensionalidade das relações e do poder em disputa que determinam os territórios das cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda.

No capítulo anterior mencionamos a existência de treze distintos percursos de cavalcada envolvendo pelo menos 18 localidades. A seguir direcionamos nossa análise para a compreensão de como estas localidades tornam-se territórios políticos, econômicos e ou simbólicos a depender dos sujeitos envolvidos e das práticas empreendidas na realização das cavalgadas. Durante os trabalhos de campo, observamos que a influência de determinadas famílias ou grupos político, dos vereadores ou ex-veredores e da prefeitura nos povoados demarcam os territórios do poder e determinam a ocorrência ou não das cavalgadas em benefício dos seus interesses políticos. Há também a ação da iniciativa privada, que por meio da produção de eventos encontrou na cavalcada potencial lucrativo correspondente aos seus interesses econômicos. E, ainda, os sujeitos locais presentes em todos os territórios, atribuem diferentes sentidos às cavalgadas conforme a maneira que participa delas. Há quem a vê como fonte de renda, como tradição, como esporte, como diversão, ou até mesmo de forma negativa.

A complexidade das cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda perpassa a multidimensionalidade das relações, dos interesses e dos territórios, multidimensionalidade que segundo Haesbaert (2012, p. 95) “[...] desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica". Nesse sentido, buscamos analisar os sujeitos, as relações e os territórios onde a cavalcada se manifesta atrelados a suas dimensões materiais e imateriais.

No contexto político Itaporanga d'Ajuda sempre foi palco de disputas entre determinados grupos políticos que correspondiam à famílias tradicionais locais. Entre elas destacam-se a Mandarin, a Garcez e a Sobral. Durante boa parte da história houve um “revezamento” entre estes três grupos políticos na gestão municipal e ao longo dos anos cada um deles foi conquistando admiradores e estabelecendo seus territórios de influência. Esses territórios vêm sendo mantidos por ações de cunho político, que em determinados momentos eram e são revestidos por justificativas filantrópicas, culturais e festivas. Cada grupo político possui um território foco de suas ações, que normalmente é onde detêm mais seguidores (eleitores), e para mantê-lo utilizam-se de mecanismos e estratégias que agradam o maior quantitativo possível de pessoas. Assim, as festas e eventos patrocinadas são oportunidades

indispensáveis a este fim e identificamos a cavalcada não só como festa popular de cunho cultural e tradicional ainda que ressignificada, mas como festa popular que sempre foi apropriada pela política itaporanguense.

Segundo Barreto (2006) o primeiro Mandarino a chegar às terras que hoje correspondem ao município de Itaporanga d'Ajuda foi o comerciante italiano Nicola Mandarino na década 1900, quando adquiriu a Fazenda Iolanda que serviu de residência e colégio dos padres jesuítas. Durante 50 anos de sua vida Nicola Mandarino recebeu do governo do estado a concessão para procurar ouro nas terras sergipanas, período no qual reuniu boa parte de suas riquezas. A fazenda Iolanda localizada no povoado Colégio, vizinho à Nova Descoberta, continuou com a família, através do filho Humberto Mandarino, da nora Ruth Mandarino e dos netos Victor, Guilherme, Clarisse e César Mandarino. Este último, no ano 1982, foi eleito para o cargo de vice-prefeito em Itaporanga d'Ajuda, em 1996 exerceu o cargo de prefeito pela primeira vez, para o qual foi reeleito em 2000 e, no ano de 2006, assumiu o mandato de deputado estadual interrompido em 2008, quando novamente assumiu a prefeitura municipal de Itaporanga d'Ajuda.

César Mandarino teve sua vida política assentada no município de Itaporanga d'Ajuda. Estabeleceu relações com outras famílias de influência política no município e mesmo quando não ocupava cargos políticos continuou atuando no município principalmente nos povoados circunvizinhos à Fazenda Iolanda como Costa, Nova Descoberta, Caueira e Moita Verde. Juntos estes povoados compõem o território de maior influência da família Mandarino em Itaporanga d'Ajuda. Nesse contexto, o poder tal como coloca Raffestin (1993) é advindo não só do Estado, mas de qualquer organização ou instituição, nesse caso a família Mandarino, que define regras, normas e condutas para viver em sociedade ou atuar no território.

Anteriormente mencionamos que 1997, durante o primeiro mandato do então prefeito César Mandarino, a prefeitura apropriou-se de forma explícita de todo processo de planejamento, organização e realização das cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda. Na época foi criado o Circuito de Cavalcada, com o objetivo de singularizar os festejos juninos do município. Desde então, nos últimos 20 anos, outros políticos que assumiram a prefeitura mantiveram as cavalgadas, mas os povoados que compõem o circuito sofreram alterações. Todavia, enquanto o César Mandarino esteve no poder os povoados Costa, Nova Descoberta,

Caueira, e Moita Verde, que são relativamente próximos sediaram suas maiores cavalgadas, tal fato é comprovado nas Figuras 12 e 13 e nas falas dos entrevistados.

Figura 12 - Cavalgada da Nova Descoberta



Foto e Fonte: Acervo digital da Prefeitura Municipal de Itaporanga d'Ajuda, 2016.

Sobre a promoção direta das cavalgadas pela prefeitura foi a partir do primeiro mandato do então prefeito César Mandarin. E aí criou-se aquela coisa de vamos fazer um São João de verdade, e no ano seguinte acabou virando o Circuito de Cavalgada que foi se alastrando e hoje acontece em quase todas as comunidades do município (Entrevistado A).

Figura 13 - Cavalgada na Estrada do Povoado Nova Descoberta



Foto e Fonte: Acervo digital da Prefeitura Municipal de Itaporanga d'Ajuda, 2016.

Aqui na Nova Descoberta as cavalgadas da época de Mandarin eram as maiores. Os prefeitos que vieram depois deram continuidade, mas não do mesmo jeito que César fazia (Entrevistado B).

O conteúdo nas falas revela a proximidade entre a política local e as cavalgadas nos povoado citados, o quanto um pode influenciar no outro e o quanto as relações de poder podem estar entremeadas na conformação de uma festa popular continuamente reinventada, e na conformação dos territórios. Ou seja, o território tal como Haesbaert (2009 b) define, como aquele que incorpora poder, disputas e conflitos envolvendo aspectos da materialidade e da imaterialidade em um *continuum*, sempre múltiplo, diverso e complexo.

Os Garcez por sua vez, sempre estiveram entre os grupos dominantes da política sergipana. Ocuparam cargos de deputado e presidente da província, deputado estadual e federal, governador, prefeito e vereador. De acordo com Leandro e Santos (2010) eles também estão envolvidos com a vida política em Itaporanga d'Ajuda desde as primeiras décadas do século XX quando Silvio Garcez era chefe político do município. Nomes como José Sobral Garcez, José Sobral Garcez Filho, Arnaldo Rollemberg Garcez e Maria das Graças Souza Garcez também já assumiram cargos de prefeito e vereador em Itaporanga d'Ajuda.

Os Garcez estabeleceram seus territórios no decorrer da história do município, pelas relações políticas, pelas disputas de poder, com a formação e quebra de alianças com os demais grupos políticos fixando com maior influência nos povoados Rio Fundo do Abaís e Pariporé localizados no extremo Sul de Itaporanga d'Ajuda, e Tapera, Telha, Salvador e Campos localizados ao Norte do município.

Integrantes da família Garcez fixaram residência na sede municipal e no povoado Camaçari. O antigo engenho da Fazenda Camaçari pertenceu ao ex-governador de Sergipe e ex-prefeito de Itaporanga Arnaldo Rollemberg Garcez, um dos prefeitos mais respeitados na história do município e cujas influências permaneceram mesmo após seu afastamento da política e anos depois da sua morte. A maioria dos moradores do povoado Camaçari e seus vizinhos Salvador e Campos até hoje se mantém firmes no apoio eleitoral às diferentes gerações dos Garcez.

Antônio Francisco Sobral Garcez, sobrinho neto de Arnaldo Garcez, era proprietário de terras nas redondezas dos povoados Rio Fundo e Pariporé. Segundo entrevistados foi ele quem primeiro realizou a cavalgada na localidade (na época casamento dos Tabaréus), depois que sua filha Maria das Graças Souza Garcez (Gracinha) ingressou na vida política ela deu continuidade às cavalgadas e conseguiu manter a fidelidade política dos moradores. A influência dos Garcez sobre os territórios dos povoados em destaque, assim como a participação na manutenção das cavalgadas é exposta na fala dos entrevistados, assim como, nas Figuras 14 e 15.

Figura 14 - Cavalgada na estrada do Povoado Tapera



Foto e Fonte: Acervo digital da Prefeitura Municipal de Itaporanga d'Ajuda, 2014.

A tradição acabou, hoje a gente da Tapera trabalha para os prefeitos, hoje não tem prefeito. César começou as cavalgadas, mas Gracinha foi quem fez festa boa. Agora dizem que não tem dinheiro. Antigamente tinha cavalos bons para andar montado, tinha festa boa, argolas para gente brincar e provas de tambor. Hoje em dia não tem mais ninguém para fazer isso por nós (Entrevistado C).

Figura 15 - Gracinha Garcez na Cavalgada



Foto e Fonte: Acervo digital da Prefeitura Municipal de Itaporanga d'Ajuda, 2014.

Quem começou a cavalgada no Rio Fundo foi o falecido seu Antônio Francisco, aqui ainda era uma tapera que só dava sapo. Ele começou e hoje é sua a filha Gracinha. Ela fez quando prefeita e continua fazendo no nome dela como tradição que não pode acabar (Entrevistado D).

Por um curto tempo, na década de 1990, a família Garcez esteve “aliada” à família Mandarino. Maria das Graças Souza Garcez iniciou sua vida política como vice-prefeita de Itaporanga d'Ajuda ao lado do então prefeito César Mandarino. Logo as famílias romperam a aliança e tornaram-se opositores políticos. Por anos os Garcez e os Mandarino se reversaram no comando da prefeitura, uma típica “política do café com leite”² que teve seu fim em 2017 quando Otávio Sobral assumiu a gestão municipal.

O atual prefeito, Otávio Silveira Sobral, há alguns anos se envolveu com a política de Itaporanga d'Ajuda, como foi vereador entre os anos de 2008 a 2016 e, em 2017, foi eleito

² Política do café com leite - Período político da República Velha em que os presidentes que assumiram o comando do Brasil representavam os interesses dos estados de São Paulo – grande produtor de café e de Minas Gerais – que se destacava com a produção de leite e derivados.

prefeito com o apoio dos Mandarinino. Sua irmã Urânia Silveira Sobral Leite também galgou o cargo de vereadora por alguns anos, assim como Celinha Vieira Sobral. Atualmente a influência política que os Mandarinino possuem sobre Itaporanga d'Ajuda se estende à família Sobral e consequentemente, o “controle” dos seus territórios. A aliança política entre as duas famílias serviu como estratégia de manutenção desse território, em especial sobre o povoado Costa onde Otávio, Urânia e Celinha Sobral possuem fazendas e na Nova Descoberta onde os Mandarinino já possuíam certa influência política. Os territórios se fortalecem ou não a depender da família que está na gestão do município e das alianças que são estabelecidas. Entre uma gestão e outra, entre alianças e disputas, as cavalgadas se reinventam em decorrência dos interesses políticos, da quantidade de investimento público e esforços que são destinados à sua realização, em alguns momentos a fala dos entrevistados revelaram tais fatos, do mesmo modo que as Figuras 16 e 17.

Figura 16 - Fazenda Haras Proveito no Povoado Costa



Foto: Celinha Sobral, 2016.

Fonte: Acervo digital de Celinha Sobral.

A cavalgada da Nova Descoberta sempre saiu da Costa onde tem as fazendas dos Sobral que já foram vereadores, e agora Otávio é o prefeito. César Mandarinino junto com os Sobral sempre fizeram festas boas aqui (Entrevistado E).

Figura 17 - Show da Cavalgada na Praça César Mandarinino



Teve anos que a cavalgada saiu da fazenda de Otávio Sobral, que é o atual prefeito, e teve ano que saiu da casa da ex-vereadora Celinha Sobral. E a chegada sempre foi aqui na Praça César Mandarinino, quando não existia a praça era na frente da casa de um senhor chamado Augusto, mas isso foi há 20 anos. A praça tem esse nome porque o bairro é conhecido como Humberto Mandarinino, ele era pai de César Mandarinino (Entrevistado F).

Foto e Fonte: Acervo digital da Prefeitura Municipal de Itaporanga d'Ajuda, 2016.

As falas demonstram as alianças políticas entre os Sobral e os Mandarino e as influências que as duas famílias possuem nas redondezas dos povoados citados. A influência dos Mandarino, por exemplo, está explícita na toponímia do bairro, da praça e também da escola do povoado Nova Descoberta. A autoridade que os Mandarinos representam nesses povoados e o respeito que os moradores locais possuem em relação à família são refletidos na forma como eles referem ao ex-prefeito, chamando-o de Doutor César.

No entanto, os interesses na manutenção das cavalgadas não são apenas de natureza política, elas também são vistas como potencial econômico e geradoras de renda pelos vendedores e comerciantes ambulantes e, como exposto, Bruno Ribeiro Barreto Sobral, em 2006, com o apoio da prefeitura realizou a Primeira Cavalgada D'ajuda a única de natureza particular no município. Os cavaleiros e amazonas não são cobrados financeiramente para participar do trajeto do povoado Salvador até a sede, mas para ter acesso à área do show após a cavalgada pagaram uma taxa no valor de 10 reais no ano de 2017. Em 2013, Bruno Sobral criou a produtora BS Produções e Eventos com a qual passou a realizar a Cavalgada D'ajuda, porém ainda contando com apoio funcional da prefeitura (cedeu o espaço da praça de eventos), e apoio financeiro de empresas, empresários e vereadores como mostra nos panfletos de divulgação da festa (Figuras 18 e 19).

Figura 18 - Programação e apoio da Cavalgada D'ajuda



Foto: SOBRAL, Bruno.
Fonte: BS Produções e Eventos, 2017.

Figura 19 - Divulgação de pontos de venda e valor do ingresso



Foto: SOBRAL, Bruno.
Fonte: BS Produções e Eventos, 2017.

A Cavalgada D'ajuda se tornou um dos maiores eventos realizados pela BS Produções e Eventos, e uma das mais conhecidas no estado no quesito evento particular. Na Figura 20 observamos o quantitativo de cavalos associado à fala de um dos entrevistados que reforça especificamente a grandiosidade desta cavalgada.

Figura 20 - XI Cavalgada d'Ajuda



Foto: SOBRAL, Bruno.

Fonte: BS Produções e Eventos, 2017.

Há alguns anos tem a Cavalgada d'Ajuda feita pelo ex-vereador Bruno Sobral, ele tem uma produtora, eu não sei bem como funciona, mas anualmente ele realiza a cavalgada. A prefeitura só realiza no período junino, essa particular é fora de época. Ela é mais moderna e bem produzida, tem mais jovem e a divulgação é maior do que as que são realizadas pela prefeitura, há quem diga que a Cavalgada d'Ajuda tem mais cavalos do que as da prefeitura (Entrevistado A).

A exposição do entrevistado demonstra que o interesse do empresário Bruno Sobral com a Cavalgada D'ajuda não é competir com as cavalgadas realizadas pela prefeitura, mas sim aproveitar o potencial econômico da tradição no município. Este fato é tão claro que a cavalgada particular sempre acontece antes ou depois do Circuito de Cavalgada, ou seja, fora do período junino quando não há outra cavalgada para disputar preferência e público. Isso nos remete à Castro (2015) quando ele afirma a existência de festas populares que são usadas como álibi para a promoção de eventos mercadológicos e de entretenimento.

Os vereadores e ex-vereadores que almejam continuar na vida política também encontraram nas cavalgadas a oportunidade de promover suas ações em Itaporanga d'Ajuda. Como dito anteriormente em 2017, a prefeitura foi obrigada a reduzir seus gastos e por esse motivo houve uma redução do número de cavalgadas no município, porém os vereadores viram na ausência da prefeitura a ocasião oportuna para criarem novas cavalgadas, promoverem seus povoados de origem e sua carreira política. A divulgação das cavalgadas se torna também a divulgação dos seus realizadores e patrocinadores como aconteceu com a Cavalgada da Amizade no povoado Chan e com a Cavalgada Top no assentamento Dorselina

Folador (Figuras 21 e 22), ambas organizadas por vereadores que também fazem oposição a atual gestão municipal. No ANEXO B trazemos outros panfletos como exemplos.

Figura 21 - Panfleto eletrônico de divulgação da Cavalgada da Amizade



Foto: Vereador Neginho do Sapé.
Fonte: Site Divulga Itaporanga, 2017.

Figura 22 - Faixa de divulgação da Cavalgada Top



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

Uma prática comum nos shows após as cavalgadas é a projeção de vídeos promocionais que destacam as benfeitorias dos gestores públicos. Nos intervalos entre as atrações, os gestores, prefeitos e vereadores aproveitam para dar visibilidade as suas atuações administrativas no município. Os vídeos normalmente destacam ações ligadas à assistência social, saúde, educação e obras de infraestruturas como construção de praças, quadras, escolas, postos médicos, calçamento de ruas e estradas nos povoados e na sede de Itaporanga d’Ajuda. O vídeo feito com tecnologia, produção e imagem profissional é reprisado inúmeras vezes até que a atração seguinte esteja pronta para iniciar o show. Esse é um exemplo das estratégias políticas traçadas pelos gestores que se apropriam do espaço da cavalgada com o objetivo de dar visibilidade à gestão pública vigente promovendo os políticos locais e estaduais.

No mesmo contexto, lembramos que eventos como esse “[...] não tem apenas uma natureza mercadológica, mas também uma finalidade político-partidária. Daí a importância de a concentração de pessoas acontecer em espaços estruturantes e de elevada visibilidade da malha urbana, como as praças” (CASTRO, 2015, p.45). Para o autor a praça é um elemento das cidades ocidentais projetado intencionalmente e acima de tudo como espaço de convivência e visibilidade.

A prefeitura em suas diferentes gestões sempre esteve envolvida com o casamento caipira, missa do vaqueiro, casamento dos tabaréus e depois com as cavalgadas. Os trabalhos de campo nos mostraram que as cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda foram apropriadas pela prefeitura de duas formas: uma apropriação histórica e uma apropriação explícita. A primeira acontece desde a época em que havia a separação do casamento caipira e a missa do vaqueiro, pois historicamente a prefeitura sempre disponibilizou o mínimo de infraestrutura para a realização da festa, como por exemplo, a instalação de palanques, iluminação e a liberação do uso dos espaços públicos.

A partir de 1996 com o Circuito de Cavalgadas a apropriação tornou-se explícita, quando a prefeitura assumiu todas as etapas de planejamento, organização e realização das cavalgadas. Foi na década de 1990 que os festejos juninos de Itaporanga d'Ajuda entraram para o circuito do estado, enquanto o governo estadual usava o slogan “Sergipe é o país do forró” o município usava “Itaporanga a capital sergipana do forró” e divulgava seus festejos juninos com single gravado por Erivaldo de Carira (Famoso forrozeiro sergipano) e por Elaine (Cantora itaporanguense). No trecho da música são destacadas as características positivas dos habitantes e da festa junina do município com sanfona, quadrilha e comidas típicas:

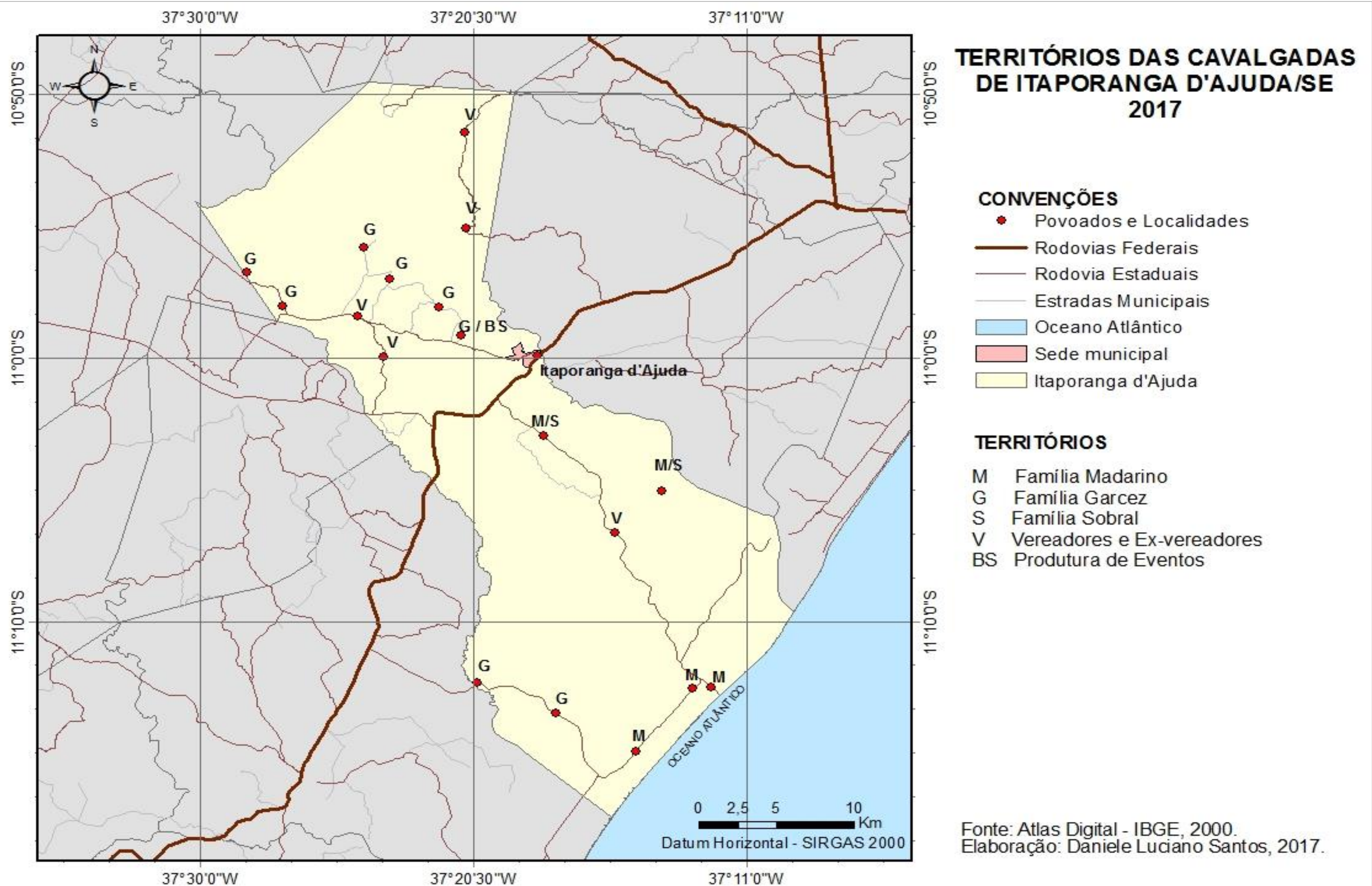
Itaporanga a capital sergipana do Forró: Eu também vou, eu quero ir/
Itaporanga São João igual eu nunca vi/ Se você for eu vou atrás/ Itaporanga
o forró é bom demais/ Eu nunca vi cidade tão hospitaleira/ O povo é bom
você precisa conhecer/ Lá a sanfona vai tocando a noite inteira/ É o São João
feito de amor só para você/ Eu também vou, eu quero ir/ Itaporanga São João
igual eu nunca vi/ Se você for, eu vou atrás/ Itaporanga o forró é bom
demais/ Tem alegria, tem concurso de quadrilha/ Comidas típicas gostosas
venham ver/ Para receber você a cidade vira festa/ É o São João melhor do
mundo pode crer. (ERIVALDO DE CARIRA; ELAINE, s/d)

A música passou a ser conhecida pelos itaporanguenses e juntamente com as cavalgadas tornou-se símbolo dos seus festejos. O auge das festas de São João em Itaporanga d'Ajuda corresponde ao intervalo entre os anos de 1996 a 2010, como mostramos anteriormente no capítulo 3, período de maior número de cavalgadas realizadas pela prefeitura e época em que a programação da festa era divulgada no âmbito estadual através das mídias de televisão, rádio e jornais.

Apesar das cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda serem conhecidas em todo estado de Sergipe, o público alvo sempre foi os itaporanguenses. Anos “correm”, famílias se reversam na prefeitura e assumem o poder no município, crises financeiras são atravessadas, mas as festas juninas nunca deixaram de ocorrer em Itaporanga d'Ajuda e os itaporanguenses continuam mobilizados para participarem das cavalgadas. Há ainda aqueles que moram em outros municípios e regressam na época da festa e das cavalgadas, ou seja, elas são feitas primeiramente pelos e para os itaporanguenses independentemente dos interesses imbuídos em cada cavalgada nos distintos territórios.

Após a exposição de como se deram a constituição dos territórios políticos e econômicos das cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda, o Mapa 4 traz a espacialização destes territórios. Destacamos que independentemente de quem promove, a ação da prefeitura sempre perpassa a organização das cavalgadas, seja como apoio seja como realizadora.

Mapa 4 – Território das Cavalgadas



Os sujeitos locais enquanto participantes (espectadores, cavaleiros, amazonas, vendedores ambulantes) configuram o principal motivo da permanência das cavalgadas. Não pode-se dizer que sem eles as cavalgadas não aconteceriam, mas entendemos que é por causa deles que elas permaneceram. Quando afirmamos que os interesses políticos determinaram em parte a expansão das cavalgadas em até treze distintos percursos, também estamos afirmando que os políticos locais querem firmar alianças com lideranças dos povoados e conquistar seguidores (eleitores) por meio da realização das cavalgadas. Portanto, esses possíveis seguidores configuram o motivo da realização e manutenção das cavalgadas. A importância dos sujeitos locais é refletida diretamente nas cavalgadas, a partir do momento em que eles conformam o volume da festa – o público alvo, os cavaleiros, as amazonas e até mesmo os espectadores, bem como os vendedores ambulantes e donos de barracas que comercializam comidas e bebidas antes, durante e depois das cavalgadas que são realizadas por causa dos sujeitos locais, por eles e para eles, mas que são em grande parte, também, moradores das localidades.

O significado da cavalgada para cada sujeito varia conforme a maneira que eles participam, se como realizador, como espectador, como vendedor, como cavaleiro ou amazona. Também varia entre os que viveram e não viveram a época o casamento caipira, entre aqueles que apenas cavalam, aqueles que vão para o show e aqueles que vão para ambos. Para os realizadores a cavalgada pode ser vista como “moeda de troca” para os políticos ou ainda como fonte financeira para os empresários, porém divulgada como cultura e tradição como destacado nos trechos de entrevistas retirados do material levantado:

A Cavalgada de Itaporanga é o resgate de uma tradição cultural em nosso município. Além de resgatar essa tradição é um grande atrativo de visitantes e turistas da região e até de outros estados. A nossa gestão tem o compromisso de não deixar acabar essa tradição secular (Ex-Prefeita Maria das Graças Souza Garcez – FOLHA LARANJEIRENSE, 2013).

Essa é uma festa cultural que já faz parte do nosso calendário junino e que cresce a cada ano. Mais uma vez milhares de pessoas acompanharam a Cavalgada mostrando a paixão do nosso povo por esta cultura. E isso nos faz trabalhar ainda mais para valorizar a nossa cultura (Ex-Prefeita Maria das Graças Souza Garcez - PREFEITURA DE ITAPORANGA D’AJUDA, 2014).

Pelo sucesso nos povoados por onde a cavalgada passou não temos dúvida nenhuma que teremos mais um recorde de público. É uma festa muito bem

organizada e segura e que enche os olhos de todos pela beleza e atratividade do evento. Graças ao apoio e empenho da nossa prefeita a cavalgada já é sucesso no estado e no Nordeste (Secretária de Cultura e Turismo Railda Araújo, JORNAL DA CIDADE, 2013).

Para os espectadores a cavalgada pode ser vista como um grande show/espetáculo feito para assistir e admirar, oportunidade aproveitada para realizar encontros como os familiares, os amigos e conhecidos. A cavalgada espetáculo corresponde não só ao que é produzido pela prefeitura ou empresário, mas também pelos participantes com suas roupas de couro, camisas organizadas e cavalos de raças bem equipados. A exuberância dos animais e montadores compõe, em parte, o espetáculo da cavalgada, feito para quem cavalga e quem assiste.

Eu adoro cavalgada. E essa do Povoado Sapé é muito animada e tranquila, assim como as cavalgadas realizadas nos demais povoados. Como é uma festa muito bonita que reúne uma de nossas tradições culturais, eu não podia ficar de fora. Por isso, vim para ver os cavalos de raças e as pessoas, dançar, me divertir e rever os amigos (ENTREVISTADO G).

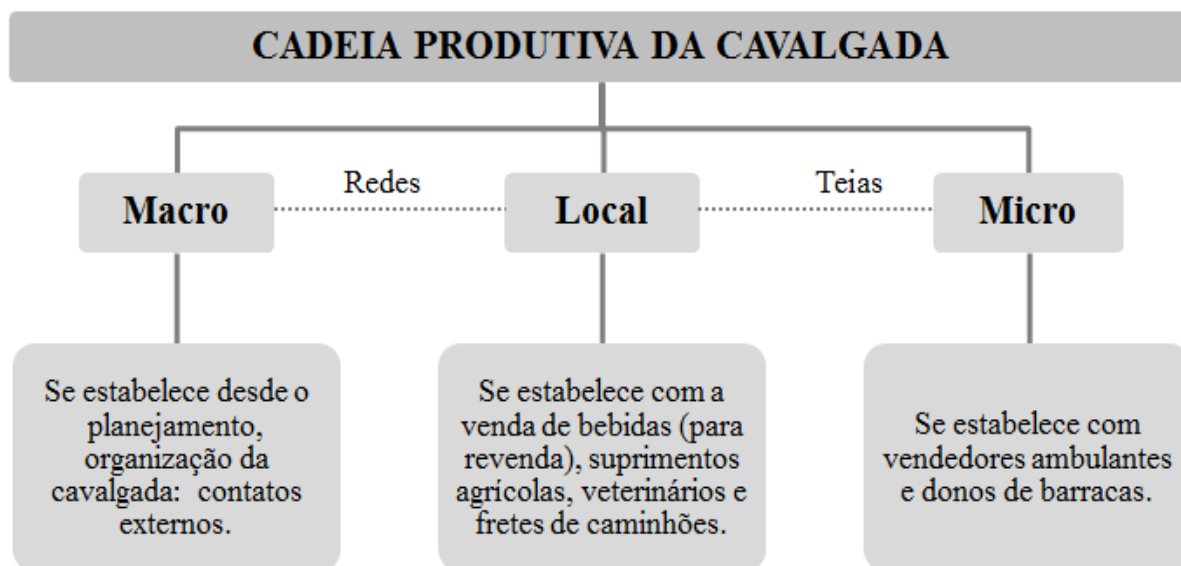
Para os vendedores ambulantes, donos de barracas e comércios locais a cavalgada é oportunidade para vender bebidas, comidas, chapéus, bonés, acessórios e artigos de couros, ração para cavalo entre outros produtos. Dito isso, compreendemos que juntamente com a cavalgada se estabelece uma cadeia produtiva, uma alimentando a outra. A cadeia produtiva que nos referimos corresponde às redes e teias de atividades geradoras de renda e não às etapas de transformação da matéria prima em produto final – tal como na Economia. Para compreendemos a complexidade da cadeia produtiva da cavalgada apreendemos três escalas inseparáveis a macro, a local e a micro.

Na escala macro a cadeia produtiva se estabelece desde os primeiros momentos de planejamento, organização e posteriormente concretização da cavalgada. Em cada etapa os realizadores fazem movimentos financeiros para custeamento da divulgação midiática em sites, emissoras de rádios e televisão, divulgação impressa de pôsteres e outdoor; custeios da infraestrutura como trio elétrico, palco, aparelhagem de som, telões de vídeos, camarotes, iluminação, equipamentos de contenção e segurança; e custeamento das atrações artísticas.

Na escala local, a cadeia produtiva se estabelece quando os comerciantes locais donos de supermercados alimentam seus estoques, sobretudo de bebidas, para serem vendidos e revendidos no período da cavalgada; quando os donos de lojas agrícolas esvaziam seus estoques de ração e vitamina para cavalo, celas, chicote, arreios, esporas, entre outros; quando donos de caminhões transportadores de carga viva alugam seus carros ou cobram fretes para transportar os cavalos até o local de saída da cavalgada.

Na escala micro a cadeia produtiva se estabelece quando vendedores ambulantes aproveitam os diferentes ambientes ao longo do trajeto da cavalgada para comercializarem seus produtos. Para eles todo local é oportuno para geração de renda, ou seja, “a cavalgada é tudo, é onde gera tudo, cultura e dinheiro”. Quando questionados “o que a cavalgada é para você?” os comerciantes ambulantes sempre respondiam algo relacionado a lucro, vendas, renda e dinheiro. Apesar de ser periódica a cavalgada mostra-se como oportunidade de sustento para muitas famílias locais, e para sujeitos que vem de fora e que vivem de vender em festas por todo o estado. Com base no exposto, entendemos que a dinâmica da cadeia produtiva da cavalgada estabelece a indissociabilidade de suas escalas macro, local e micro como representado na Figura 23.

Figura 23 - Síntese da Cadeia Produtiva da Cavalgada



Fonte: Trabalhos de campo, 2017.

Organização: SANTOS, Daniele Luciano. 2017.

Essa indissociabilidade entre as escalas da cadeia produtiva da cavalgada se estabelece no território em forma de teias e redes. A primeira se dá na conexão de sujeitos pelos laços ou vínculos sociais e a segunda se dá com a conexão e o fluxo entre lugares hierarquizados (BONNEMAISON, 2002).

Para quem cavalga o sentido da cavalgada também se distingue. Pois os mais novos ela assume o caráter de esporte - “o esporte da cavalgada”, para outros é brincadeira, diversão, animação. Há ainda aqueles que afirmam que “São João sem cavalgada não é São João” ou que “a cavalgada é a melhor coisa do mundo”, mas o que a maioria destaca é “a cavalgada é cultura e tradição de Itaporanga”. Quando se trata da subjetividade não podemos unidimensionalizar o sentido de algo e os significados que os sujeitos atribuem a ele. Nesse contexto, a cavalgada possui múltiplos sentidos e significados que são destacados a seguir.

A cavalgada como esporte foi a resposta mais frequente entre os entrevistados e não coincidentemente entre aqueles que disseram participar de todos os percursos de cavalgada no município. Diversão foi sem dúvida a resposta mais frequente dos jovens entre 20 e 30 anos que configura a maioria do público atraído nas últimas edições das cavalgadas. E tradição apareceu como a terceira resposta mais repetida e proferida pelos entrevistados maiores de 30 até os 62 anos, justamente aqueles que vivenciaram a época dos casamentos caipira, missas do vaqueiro e casamentos dos tabaréus.

O investimento na organização, na divulgação e na realização da cavalgada por parte da prefeitura também trouxe mudanças no perfil dos participantes. As atrações e shows de “artistas do momento” vêm atraindo jovens que compartilham o sentimento de topofilia pelo ambiente da festa. Em contrapartida, o aumento da comercialização de bebidas alcoólicas e da violência tem despertado nos mais antigos a topofobia. Segundo Tuan (2012) a topofilia é o sentimento de afeição ao lugar enquanto que a topofobia é a aversão. Entre aqueles que compartilham a aversão estão os que lembram saudosistas das antigas cavalgadas que remetiam a familiaridade do lugar e das pessoas como destacado pelo dono de bar entrevistado:

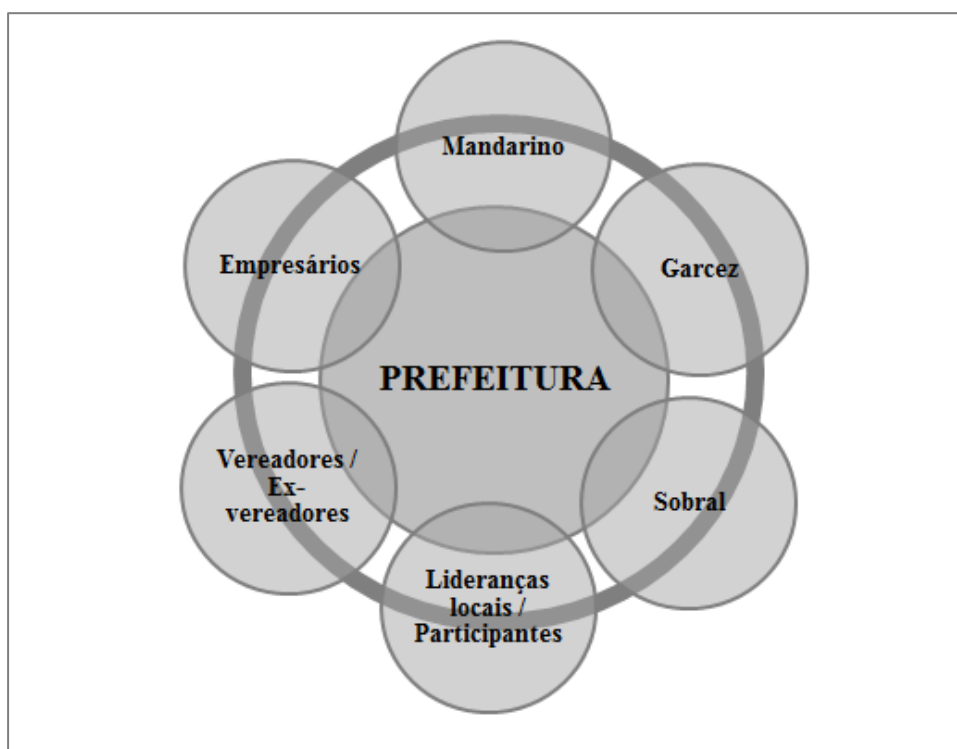
Já acompanhei muito, faz uns três anos que não vou. É tanta confusão e briga que fui me afastando. Muito menino novo cheio de cachaça e droga que se envolve em briga, fui ficando mais coroa e me afastando. Não participo desde que fui assaltado há três, vinha da cavalgada do Sapé quando o cara colocou uma arma no meu ouvido e começou a me ameaçar. Os meninos novos de hoje em dia não deixam a gente brincar direito, esse ano se alguém quiser eu alugo meu bar e saio. Está fazendo medo. É briga em cima de briga (ENTREVISTADO A).

O conteúdo da fala do entrevistado mostra que a violência se instaurou nas cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda, mesmo nos povoados que são tidos como locais tranquilos. A insegurança, típica do cotidiano de centros urbanos, chegou e alterou até mesmo a dinâmica de suas festas populares. Ao mesmo tempo em que uns se afastam devido ao sentimento de repulsa ao ambiente da cavalgada, outros ignoram os problemas citados e são atraídos pela atmosfera da festa composta por músicas, danças, bebidas, comidas, pessoas e encontros.

A cavalgada é uma tradição que já tem há muito anos e também é divertida. Hoje o que tem de melhor na cavalgada é o show porque não tem mais o casamento caipira, a quadrilha e a missa. É uma tradição que não deve acabar, porque é uma grande festa para se divertir e encontrar os amigos e outras pessoas (ENTREVISTADO B).

Famílias ou grupos políticos, empresários, comerciantes, vendedores ambulantes, cavaleiros, Amazonas e no passado também a igreja deram e dão formas, sentidos e significados distintos a cavalgada. De acordo com seus interesses cada um a seu modo contribui com a ressignificação da cavalgada enquanto festa popular ligada às tradições religiosas para condição de festa espetáculo ligada a tradições inventadas e reinventadas. Na Figura 24 foram representados os atores e sujeitos envolvidos na produção e permanência das cavalgadas, nela destacamos o papel e a participação da prefeitura de Itaporanga d'Ajuda que perpassa por todas as cavalgadas, seja elas públicas ou privadas, do passado ou do presente, a prefeitura sempre esteve envolvida ora como apoio, ora como realizadora.

Figura 24 - Existência e Permanência da Cavalgada de Itaporanga d'Ajuda – Sujeitos e Atores



Fonte: Trabalhos de campo, 2017.

Organização: SANTOS, Daniele Luciano. 2017.

Da cavalgada ao show, cavalcando entre sujeitos, festas e territórios entendemos que independente de quem organiza ou realiza, dos interesses implícitos e explícitos envolvidos na manutenção e permanência das cavalgadas, é inquestionável que se as cavalgadas deixassem de ocorrer o principal prejudicado seria o itaporaguense seja ele gestor público, comerciante, vendedor ambulante, espectador, cavaleiro ou amazona. No sentido político - *“Se acabar o prefeito sai perdendo, com o fim da cavalgada ele perde eleitores, como aconteceu com outros”* (ENTREVISTADO I), no sentido econômico *“[...] a comunidade perde porque não fatura, não vende ração, bebida comida, toda uma cadeia é prejudicada”* (ENTREVISTADO H), e no sentido simbólico *“[...] a importância maior é para a população, se acabar é o povoado que perde, é uma tradição que não pode deixar de existir”* (ENTREVISTADO C). Portanto, todos em algum modo perderiam e a possibilidade de prejuízo coletivo também pode impulsionar ações de manutenção e ressignificação das cavalgadas.

Assim, escalaremos as representações e os territórios das cavalgadas como festa popular e como evento político, estes distintos respectivamente, pelo sentido de patrimônio apropriado pelo saber fazer popular e pelo patrimônio instituído por normas legais, ou pela

repetição decorrente de interesses políticos e econômicos, como “moeda de troca” para a população.

3.2 TRADIÇÃO E ESPETÁCULO

Abordamos a história, as mudanças, os percursos, as relações e os interesses intrínsecos ao processo de ressignificação e permanência das cavalgadas em Itaporanga d’Ajuda e, a seguir a composição das diferentes paisagens ao longo dos trajetos e das formas de inserção/interação dos atores e sujeitos em cada uma delas. Buscamos em Cosgrove (2004) inspiração para ler a paisagem da cavalgada livre de distorções conscientes e, para identificar evidências dos seus significados:

Revelar os significados na paisagem cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira auto-conciente e, então, representar essa paisagem num nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos (Ibidem, p.103).

Para isso utilizamos as informações colhidas durante os trabalhos de campo com as entrevistas e preenchimento do quadro síntese dos elementos da cavalgada (APÊNDICE C) para descrever e buscar os significados dos locais de saída e chegada, das sonoridades, dos animais, das pessoas, vestimentas, ornamentações e locais dos shows.

Partimos do pressuposto de que toda paisagem é simbólica e, nesse sentido, nos fundamentamos em Cosgrove (2004, p.108) quando ele enfatiza que todas as “paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem”. Portanto, para entendermos os múltiplos significados das paisagens simbólicas é necessário lê-las como um próprio texto, ou seja, “a paisagem em todas suas expressões”.

Identificamos que a organização espacial dos povoados em Itaporanga d’Ajuda apresenta características semelhantes. Os povoamentos se deram nos arredores de largos e praças, igrejas católicas e escolas municipais que juntas compõem a centralidade ou nas palavras dos entrevistados “a sede do povoado” (Figuras 25, 26 e 27). Em determinadas situações a praça se quer existe, mas para quem mora no local a presença da igreja e da escola configura o ambiente como tal. No contexto das cavalgadas, essas informações são

importantes porque nos percursos as saídas e chegadas coincidem justamente com as “sedes dos povoados”, salvo os trajetos da Caueira e a do Rio Fundo do Abaís que partem de bares, e o da Nova Descoberta que sai das fazendas dos Sobral. Mesmo após a ressignificação os trajetos das cavalgadas mantiveram sua originalidade e a presença das Igrejas Católicas são testemunhos de um passado no qual a missa do vaqueiro fazia parte da festa popular.

Figura 25 - Praça do Povoado Salvador



Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

Figura 26 - Praça do Povoado Tapera



Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

Figura 27 - Praça do Povoado Nova Descoberta



Fotos: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

No período da cavalgada a tranquilidade do cotidiano típica dos povoados rurais dão lugar à agitação da dinâmica festiva. A paisagem de suas praças é alterada pelas bandeirolas, barracas, vendedores ambulantes, palanques, trios elétricos, o vai e vem dos cavalos e das pessoas (Figuras 28, 29 e 30). O silêncio, o som dos animais e das folhas das árvores é abafando pelos anúncios e músicas dos carros de som e pelas conversas eufóricas de volume exacerbado. Os cheiros das comidas e das bebidas as vezes misturados ao odor do suor e dos excrementos dos animais tomam a praça. Brandão (1989) afirma que ao olhar uma praça de uma cidade em festa podemos capturar o espetáculo da combinação de corpos, de gestos, de vestimentas e de situações, nesse contexto uma mistura de formas, sons e cheiros que despertam sensações, e compõe a paisagem das cavalgadas em Itaporanga d’Ajuda.

Figura 28 – Praça do Povoado Salvador antes da cavalgada



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 29 – Praça da Estação durante a cavalgada



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 30 – Praça do Povoado Gravatá depois da cavalgada



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2014.

Afirmamos sensações porque de acordo com Tuan (2013) a combinação entre os sentidos humanos e a familiaridade espacial enriquece nossa apreensão do mundo exterior. Nossa percepção do espaço depende da qualidade de nossos sentidos e também de nossa capacidade racional de extrapolá-los para além do que percebemos. Aquilo que vemos, ouvimos, tocamos, cheiramos, degustamos e processamos mentalmente nos possibilita experiências distintas e ampliam nossa noção do espaço. Associando as ideias de Tuan (Ibidem) com as de Cosgrove (2004) podemos afirmar que ter a noção espacial do ambiente da cavalgada por meio de nossas experiências sensoriais, indissociadas de uma sensibilidade contextual, nos permite ler a paisagem simbólica do seu próprio interior.

Os fogos de artifícios anunciam aos participantes o início da cavalgada. O trio elétrico se destaca na paisagem e contrasta com as centenas de cavalos contidos pelo pelotão da polícia montada (Figuras 31, 32 e 33). Em menor número está a presença de carroças, motos, carros e caminhões carregados de pessoas que desejam curtir a atração do trio elétrico e de vendedores ambulantes que aproveitam o percurso para vender suas mercadorias. Ao longo do trajeto a música dos carros de som disputa espaço com a do trio elétrico, que domina o ambiente e dita o compasso da cavalgada ao som dos tradicionais aboios e da contemporânea vaquejada ostentação – uma releitura do ritmo da vaquejada que utiliza instrumentos de metais e bateria.

Figura 31 - Tri elétrico à frente da cavalgada



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2017.

Figura 32 - Polícia Montada na segurança da cavalgada



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2017.

Figura 33 - Atração artística da cavalgada



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2016.

Conforme as contribuições de Castro (2015), no espaço público ocorrem tanto os eventos de diversão quanto as festas populares tradicionais. Os primeiros “fazem uso de áreas privadas para a promoção de eventos que posteriormente se estendem para o espaço público” (ibidem, p.44). Nesse contexto, na cavalgada o trio elétrico é um espaço privado móvel que se impõe no espaço público por uma questão de natureza mercadológica.

Os animais são os protagonistas da cavalgada, raça pura ou sem definição, os cavalos, os jumentos e os burros chamam atenção com seus acessórios, faixas, enfeites e crinas trançadas (Figuras 34, 35 e 36). Os equinos tomam as praças, as ruas, as estradas e durante as horas que antecedem a cavalgada são tratados com regalias por seus donos e montadores. Colocar ração e água, escovação da pelugem e crinas, manutenção de ferraduras e entre outros cuidados, são realizados como preparação dos animais para a cavalgada.

Figura 34 - Cavalo com faixa do Rancho Mourão



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 35 - Cavalo com crina trançada



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 36 - Cavalos com faixa e acessórios de couro



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O ir e vir dos caminhões transportadores de animais movimentam as rodovias, as estradas e as ruas. Caminhões de donos de fazendas e de haras ou fretados por grupos de cavaleiros, costumam realizar até três viagens, e descarregam os cavalos no local de saída da cavalgada onde os cavaleiros já os esperam (Figuras 37, 38 e 39). Esta é mais uma prática da cadeia produtiva da cavalgada que preserva os animais e os mantém descansados para realizar o percurso.

Figura 37 – Caminhão descarregando cavalos I



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 38 – Caminhão descarregando cavalos II



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 39 – Caminhão descarregando cavalos III



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Em Itaporanga d'Ajuda não foi encontrado registro de aluguéis de cavalos para as cavalgadas. Em vez disso identificamos o costume de empréstimo de animais, como bem ressaltou o entrevistado: *“aqui não existe a prática de aluguéis de cavalo, a prática aqui é de emprestar aos conhecidos, mas de alugar não. As pessoas vão de jegue, burro, cavalo e carroça, mas não deixa de participar”* (ENTREVISTADO B). O empréstimo de animais pela confiança, as relações de parentescos e proximidade entre os itaporanguenses influenciam diretamente na manutenção do volume de cavaleiros e amazonas em todas as edições das cavalgadas (Figura 40, 41 e 42). Filhos da terra que moram fora do município aproveitam o período de férias juninas para retornarem a suas origens e participarem das cavalgadas. Apesar dos gestores destacarem que o turismo em Itaporanga é beneficiado pelas cavalgadas, os turistas são minoria e o perfil principal dos participantes é ser itaporanguense.

Figura 40 - Cavalgada D'Ajuda



Foto: SOBRAL, Bruno.
Fonte: Site Cavalgada D'Ajuda, 2017.

Figura 41 - Cavalgada da Tapera



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2016.

Figura 42 - Cavalgada do Gravatá



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2016.

Os participantes homens, mulheres, crianças e idosos escolhem suas melhores roupas para a ocasião. As vestimentas variam entre roupas comuns e o tradicional xadrez, entre roupas que remetem ao vaqueiro e camisas organizadas que representam grupos de amigos, famílias, fazendas, ranchos e haras (Figuras 43, 44 e 45). É o momento de dar visibilidade não só aos organizadores e realizadores, mas também aos participantes, aqueles que fazem da cavalgada uma grande festa, um grande encontro.

Figura 43 - Camisa “Amigos da Sela”



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 44 - Camisa “Rancho Mourão”



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 45 - Camisa “Rancho Urbano”



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Pessoas se aglomeram nas margens das estradas na expectativa de assistir ao espetáculo da cavalgada. Os pontos de ônibus servem de abrigo e proteção contra o sol e a chuva, as varandas tornam-se verdadeiros camarotes, as casa são enfeitadas com palhas e bandeirolas, as calçadas são tomadas por famílias e cadeiras que conformam uma grande plateia (Figuras 46, 47 e 48). Durante o dia nos sítios e nas casas as pessoas aguardam a cavalgada com carros de som, churrasco e bebida, fazendo pequenas festas enquanto

aguardam a grande festa da cavalgada no fim da tarde, “é como se em Itaporanga houvesse apenas aqueles que gostam e participam cavalgando e aqueles que gostam e apenas assistem” (Entrevistado H).

Figura 46 - Casa enfeitada no na Tapera



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 47 - Famílias assistindo a cavalgada



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 48 - Pessoas aguardando a cavalgada



Foto: SANTOS, Daniele Luciano.
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O material utilizado na ornamentação das casas ao longo dos percursos varia de uma localidade para outra, um exemplo é a palha. Nos povoadas mais ao Norte é usada a palha de bananeira, ao deslocamos em direção ao Sul encontramos palhas de ouricurizeiro, e a medida que nos aproximamos da zona de praia encontramos a palha de coqueiro como adereço nas propriedades. Segundo Cosgrove (2004) quando destacamos que uma palha é colhida e apresentada como adereço ou ornamento, um objeto natural torna-se objeto cultural, ou seja, um significado cultural é introduzido a palha e em algumas situações a associa as bandeirolas que no ambiente natural não são relacionados a ela. Parafraseando Cosgrove (2004) dizer que a palha é um produto cultural não quer dizer que ela perdeu suas propriedades naturais, mas que em Itaporanga d’Ajuda foram acrescentadas a ela atributos culturais ligados à paisagem das cavalgadas.

O cavalgar entre festas se dá no deslocar de um ponto a outro, transpondo paisagens, espaços festivos e territórios. A cavalgada se encerra no espaço onde acontecem shows, normalmente cercado por barricadas de alumínio que impede a entrada dos animais, estes por sua vez são despachos para as propriedades dos seus donos nos mesmos caminhões que os levaram até o ponto inicial. Os shows apresentam características de “mega evento” com atrações que se diferenciam das que se apresentaram ao longo do percurso (Figuras 49, 50 e 51). Os aboios e o ritmo da vaquejada são substituídos pelo forró universitário (releitura contemporânea do estilo trio pé de serra), pelo arrocha (gênero musical proveniente da música

brega) e pelo sertanejo universitário (fruto da mistura entre o sertanejo, o brega e o arrocha). Os cachês cobrados pelos artistas e bandas à prefeitura de Itaporanga d'Ajuda correspondem ao tamanho do seu sucesso e, sua projeção no estado, no nordeste ou até mesmo no país.

Figura 49 - Show após a cavalgada no Sapé



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2016.

Figura 50 - Show após a cavalgada de Itaporanga d'Ajuda



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2016.

Figura 51 - Panorâmica da praça de eventos na sede

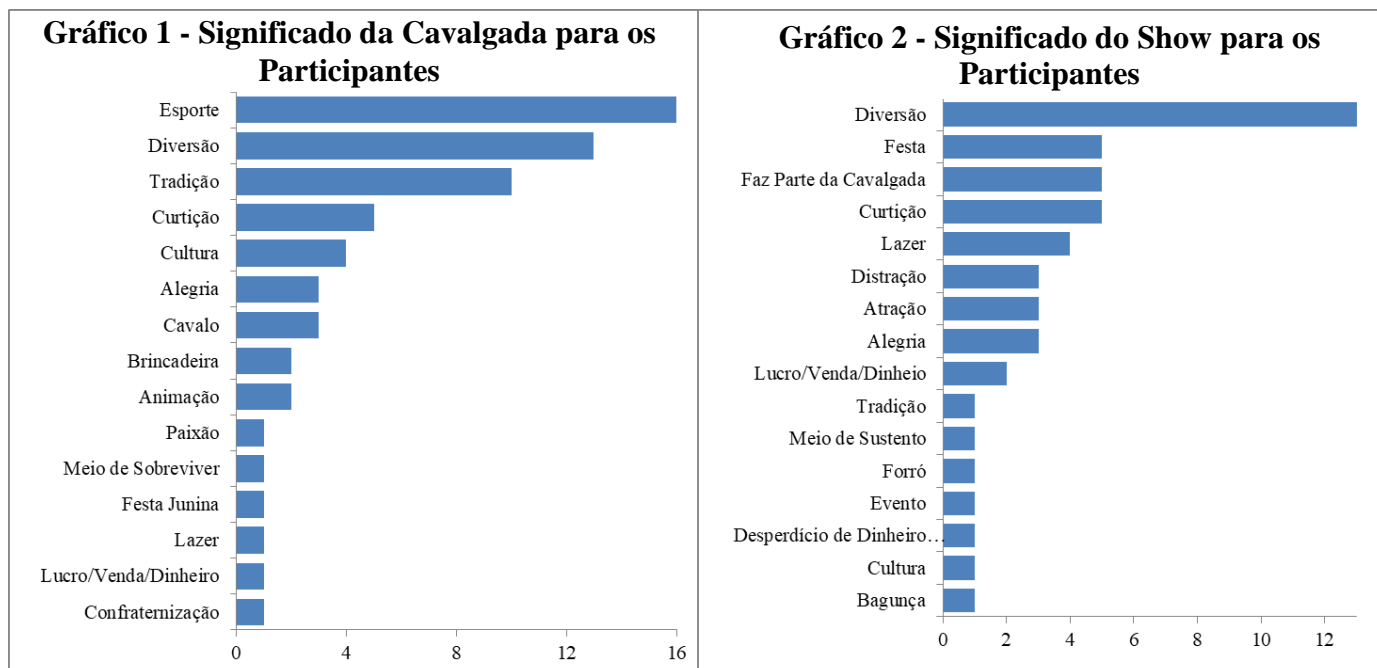


Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2017.

Para alguns participantes festa junina sem cavalgada e sem show não é São João, para outros ambos são completamente diferentes e sem relação alguma. Quando questionados o que o show significa para eles a maioria afirmaram ser um momento de diversão que compõe a cavalgada, outros o veem como momento de lazer e distração, mas também há aqueles que afirmam ser bagunça e desperdício de dinheiro público. Sobre os tipos de festas e seus participantes Castro (2015) afirma:

Há festas populares de densidade cultural relevante, outras em franco declínio no calendário e no cotidiano urbano e aquelas são usadas como alibi para a promoção de eventos mercadológicos e de entretenimento. Para os participantes dessas últimas, pouco interessa a memória, a transmissão e a oralidade; o importante mesmo é a explosão lúdica efêmera, a diversão (Ibidem, 2015, p. 44).

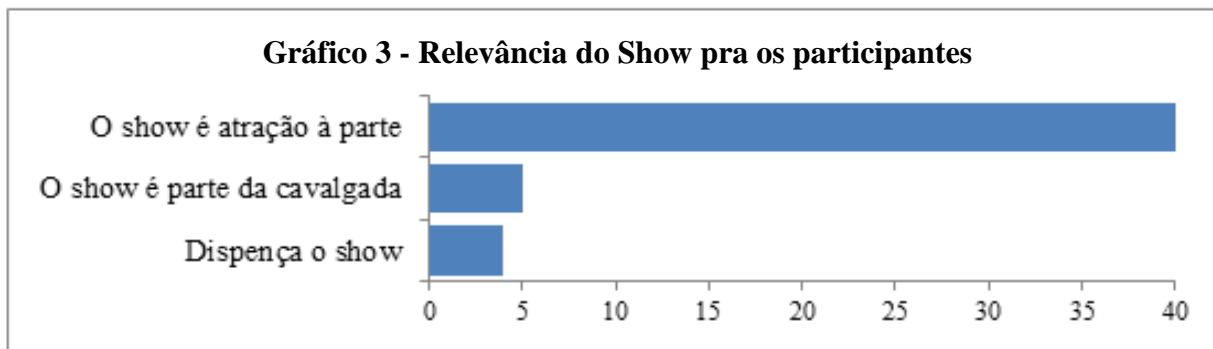
Nos Gráficos 1 e 2 estão representadas as respostas dos entrevistados durante o QUESTIONÁRIO – FESTA (APÊNDICE E). Por meio deles pode-se fazer a comparação entre os significados da cavalgada e os significados do show para aqueles que participam. Chamamos atenção às respostas mais e menos frequentes que se repetem e o teor positivo e negativo das respostas referentes a cavalgada e ao show respectivamente.



Elaboração: Daniele Luciano Santos.
 Fonte: Trabalhos de campos, 2017.

É interessante observar que entre os 49 participantes que responderam ao questionário, 29 disseram preferir a cavalgada, 19 afirmaram não ter preferência entre ambos e apenas 1 preferiu gostar mais do show. A cavalgada é vista principalmente como esporte, diversão e tradição, enquanto o show como diversão, festa e extensão da própria cavalgada. Para uns cavalgada e show são contrastantes, para outros são complementares. Destacamos que em ambos os gráficos, diversão e curtição aparecem entre as quatro respostas mais frequentes, a cultura que aparece como o quinto significado da cavalgada surge entre as opções de menor frequência no contexto do show, e o lazer que é mais representativo para o show do que para a cavalgada. O que não negam é que ambos compõem a identidade das festas juninas em Itaporanga d'Ajuda. Castro (2012, p.40) fundamenta-se em Duvignaud para enfatizar que “as festas juninas da atualidade seriam eventos híbridos e complexos que reuniriam elementos da representação e da participação”, em outras palavras, na cavalgada (festa de participação) a comunidade é inserida e compõe a festa e no show (festa de representação) há a separação entre o protagonismo da própria festa e os espectadores.

Afinal, qual a relevância do show para os participantes das cavalgadas? O Gráfico 3 indica que 40 entrevistados, ou seja, 80% deles reconhecem o show como uma atração completamente dissociada da cavalgada, porém não desejam que o mesmo pare de ser realizado. Isso nos indica que o show faz parte da ressignificação, mas não compõe a essência das cavalgadas.



Elaboração: Daniele Luciano Santos.

Fonte: Trabalhos de campos, 2017.

Sobre o público, fazem parte do show não só os que participam e assistem a cavalgada, mas também aqueles que vão especialmente e unicamente para assisti-lo. Apesar de não haver um controle do número de pessoas, o público do show é visivelmente maior e mais jovem do que o da cavalgada. Eles dividem espaço com os camarotes, destinados exclusivamente às representações políticas, com as barracas de serviços e vendedores ambulantes. Na maior cavalgada realizada pela prefeitura (povoado Salvador – Sede do município) o espaço da praça de ventos é criteriosamente ordenado e planejado para abrigar toda estrutura do show. Na Figura 52 delimitamos a área de 10.150m² correspondente a praça de eventos de Itaporanga d’Ajuda, e a disposição espacial dos elementos estruturais e funcionais durante as noites dos festejos juninos, inclusive para cavalgada e trazemos uma visão panorâmica da praça de eventos durante uma das noites de festa.

Figura 52 - Disposição Espacial dos Elementos da Praça de Eventos de Itaporanga d’Ajuda



Foto: Prefeitura de Itaporanga.

Fonte: Google Earth e Site da Prefeitura, 2017.

Elaboração: SANTOS, Daniele Luciano. 2017.

Sobre espaços de festividades Castro (2012) enfatiza que a regulação racional dos eventos festivos espetacularizados da contemporaneidade direcionaram muitas festas populares a sua normatização, ou seja, “[...] do ponto de vista da coletividade, o espaço público está cada vez mais normatizado, uma vez que as festas espetaculares são cada vez mais planejadas e previsíveis” (Ibidem, p.45). Nesse sentido a previsibilidade imposta pela limitação, estrutural e comportamental, coopera consideravelmente para o controle dos exageros individuais e coletivos estimulados pela efervescência festiva, ainda assim são presenciados comportamentos repudiados na cotidianidade e ações de transgressão dos limites normalmente associados ao consumo exagerado de bebidas alcoólicas.

Na Figura 52 identificamos três fileiras reservadas aos comerciantes donos de barracas previamente cadastrados. Aqueles provenientes do município de Itaporanga d’Ajuda são beneficiados com a isenção de taxa e apenas as barracas de outras localidades pagam um valor não divulgado para comercializar no espaço. Neste contexto, é inquestionável que o São João de Itaporanga movimenta periodicamente a economia do município, e favorece primordialmente os sujeitos locais. Em 2017 a prefeitura divulgou que reuniu 210 comerciantes na Praça de Eventos, distribuídos entre 40 bares, 30 barracas de drinks, 50 barracas de lanches e 90 vendedores ambulantes (Figuras 53, 54 e 55). Em nota divulgada a imprensa no ano de 2017, o prefeito Otávio Sobral destacou a importância do São João para a economia itaporanguense e reconheceu que o comércio informal é uma realidade do município.

Figura 53 - Vendedor ambulante



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2017.

Figura 54 - Barraca de Bebidas



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2017.

Figura 55 - Vendedor Ambulante



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2017.

Na praça de eventos de Itaporanga d’Ajuda também encontramos a elitização de espaços, um exemplo é o camarote, local privilegiado destinado às autoridades políticas como

deputados, senadores, governador, prefeitos e vereadores além dos seus aliados, familiares e artistas (Figuras 56 e 57). A presença desses atores torna visíveis alianças, trocas de favores e apoios. O camarote é um espaço de festa que reflete o poder daqueles que o frequenta, um espaço de reafirmação de relações de interesses políticos, usados para dar visibilidade aos gestores do executivo e do legislativo.

Figura 56 - Prefeito, Deputado e Senador no Camarote



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2017.

Figura 57 - Governador e Artistas no Camarote



Foto: Prefeitura de Itaporanga.
Fonte: Site da Prefeitura, 2017.

Diante das cavalgadas com os diferentes sentidos e significados, do envolvimento de diferentes atores e sujeitos, com relações e interesses distintos, nos questionamos: se a cavalcada Itaporanga d'Ajuda acabar quem mais irá perder? Nossa análise indica que todos de alguma forma serão prejudicados, os espectadores não poderão assistir o espetáculo das cavalgadas; os cavaleiros e amazonas não terão seu esporte, sua diversão e nem mesmo sua tradição junina; os donos de barracas e vendedores ambulantes não terão determinadas oportunidades periódicas de gerar renda e sustento familiar; os empresários também terão perdas financeiras; as famílias de tradição política, vereadores e ex-vereadores perderão situações convenientes para manter e conquistar eleitores; a prefeitura perderá uma das oportunidades de mostrar serviço e dar visibilidade a suas ações. Perante todos os possíveis prejudicados, os trabalhos de campo com as entrevistas nos indicou os participantes (cavaleiros, amazonas, vendedores e espectadores) como maiores perdedores, mas acreditamos que a possibilidade da perda coletiva com o fim das cavalgadas de alguma forma também contribui para a sua permanência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

“PARA QUE NOVAS ESTRADAS SEJAM CAVALGADAS”



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: “PARA QUE NOVAS ESTRADAS SEJAM CAVALGADAS”

Durante dois anos nossos esforços foram direcionados para a análise dos territórios das cavalgadas no município de Itaporanga d’Ajuda/SE e, para descortina-los, escolhemos seguir a “trilha” das sócio-espacialidades que mantém e impulsiona a realização dessa manifestação. Para início dessas considerações finais, trazemos os objetivos que traçamos expondo a forma em que eles foram alcançados. Em seguida apresentamos o que de fato compreendemos das cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda, sua essência, o que elas representam e significam, o que nos direciona para encerramento da nossa dissertação, mas não das inúmeras discursões que suscitaram.

A *priore*: nos comprometemos em traçar a linha do tempo das cavalgadas e seus cortejos. Tivemos o desafio de fazê-la desde a sua origem na Europa, sua chegada no Brasil, no contexto sergipano e posteriormente itaporanguense. Escrever sobre a história das cavalgadas foi uma das nossas conquistas, principalmente por não existir um registro oficial sobre elas. Nosso trabalho foi montar o quebra cabeça de pedaços de histórias e dos relatos dos entrevistados como se estivéssemos costurando uma colcha de retalhos. Com consciência e cautela conseguimos traduzir a evolução cronológica, funcional e estrutural das cavalgadas de Itaporanga d’Ajuda.

Empenhamos-nos em identificar as relações empreendidas pelos sujeitos e atores envolvidos na realização das cavalgadas. Sabíamos que em Itaporanga d’Ajuda elas transcendem a fronteira cultural, mas a complexidade das relações e do envolvimento entre produtores e participantes superou nossas expectativas. Não só o cultural/simbólico, mas também o econômico e, principalmente, o político movem as cavalgadas e determinam seus territórios no município. Compreendemos que as alianças, os interesses, os acordos firmados, os sentidos e os significados para os atores e sujeitos tornam esta manifestação uma mistura, uma continua sobreposição entre aspectos da materialidade e da imaterialidade que definem a existência e permanência das cavalgadas.

Os nossos esforços para compreender as práticas sócio-espaciais dos produtores e dos participantes até chegarmos aos territórios das cavalgadas nos possibilitou descobrir que a prefeitura se apropriou das cavalgadas, historicamente e explicitamente. Entendemos a

apropriação histórica porque mesmo antes de ser produtora das cavalgadas, a prefeitura dava suporte aos vereadores, líderes comunitários que organizavam as cavalgadas. Mas, identificamos a apropriação explícita a partir da criação do Circuito de Cavalgadas quando a prefeitura assume as cavalgadas do município e amplia consideravelmente o número, tornando-as explicitamente “moeda de troca política”. A institucionalização das cavalgadas pela prefeitura do município se dá quando a manifestação tradicional ressignificada é enquadrada nas normas da organização pública em benefício de interesses coletivos, políticos, econômico e/ou cultural. Esta multi-intervenção movimenta e possibilita aos produtores e participantes da festa novos usos, interesses e percepções, que alteram seu sentido.

A “evolução” da cavalgada em Itaporanga d’Ajuda revela que a sua realização não é mais uma expressão da cultura de indivíduos interioranos com modo de vida típico do ambiente rural, nem sequer dos vaqueiros do campo, pois atualmente, em sua organização intervêm líderes comunitários, vereadores, empresários e principalmente os gestores municipais. Em Itaporanga d’Ajuda as cavalgadas vêm se mantendo por meio das múltiplas ações e interesses desses múltiplos atores. Além da política, destacamos a lógica capitalista de venda e lucro que prepondera na realização das cavalgadas independentemente se promovida por líderes comunitários e políticos, prefeitura e empresários. Nesse contexto, a BS Produções reconhece o seu potencial econômico e repete o percurso exitoso da prefeitura, se repetindo nesse formato e percurso nos últimos onze anos. Em 2017 a da prefeitura ocorreu em 24 de junho data associada aos festejos juninos e, a particular da BS Produções em 06 de agosto.

Os significados da cavalgada para os participantes chamam atenção por ressaltarem apenas aspectos positivos que em ordem de importância aparecem como esporte, diversão, tradição, curtição, cultura, alegria, cavalo, brincadeira, animação, paixão, meio de sobrevivência, festa junina, lazer, lucro/venda/dinheiro e confraternização. Em contrapartida para os mesmos participantes, os significados dos shows, além de serem atrelados aos aspectos positivos já mencionados, também são relacionados às coisas negativas como desperdício de dinheiro público e bagunça. Apesar de serem sequenciados, para os participantes a cavalgada e o show são festas/eventos dissociados, alguns inclusive defendem a permanência do primeiro e dispensa o segundo. Neste contexto, entendemos que o show faz parte da ressignificação, mas não compõe a essência da cavalgada que por sua vez é

prestigiada não só por quem participa, mas também por aqueles que assumem a função de expectador.

Acreditamos que os aparatos de fabricação de camisas para padronização de cavaleiros e amazonas, ornamentação de cavalos, e estrutura dos shows realizados ao término do percurso permanecem como elementos redefinidores das cavalgadas tradicionais, mas também, no caso daquelas patrocinadas pelas prefeituras, como elementos definidores de uma falsa consubstancialidade que une a festa popular e o evento político. Vimos não só em Itaporanga d'Ajuda, mas em todo o território sergipano, que a manutenção das cavalgadas se dá em maior parte pela resistente satisfação dos participantes; pelo insistente interesse da iniciativa privada e pelo financiamento por parte dos gestores municipais e estaduais que enxergam nelas a oportunidade de visibilidade política. Entendemos que a cavalgada também possui o importante potencial econômico dentro e fora dos seus territórios, beneficiando a geração de lucro e renda para aqueles que direta e indiretamente contribuem para a sua manutenção e permanência, portanto existe uma cadeia produtiva multiescalar que alimenta e é alimentada pela cavalgada.

Quando averiguamos as bases materiais e simbólicas dos territórios da cavalgada identificamos relações de poder multiescalares e multidimensionais entre prefeitura, vereadores, famílias de tradição política, líderes comunitários e sujeitos locais. Relações que estabelecem múltiplos territórios e interferem direta e indiretamente em onde, como e quando a cavalgada ocorre. Nesse sentido, em Itaporanga d'Ajuda/SE ela é ao mesmo tempo uma tradição ressignificada de uma festa popular e um evento político inventado como circuito que atua nos principais povoados, inclusive as que surgiram em 2017 que é tanto manifestação tradicional quanto apropriação política; sua ocorrência no período dos festejos juninos faz de cada cavalgada uma festa e, de cada show, um evento na festa. Com base no exposto, compreendemos que a cavalgada de Itaporanga d'Ajuda é ao mesmo tempo tradição, ressignificação, festa e evento político que se renova continuamente; que os itaporanguenses asseguram a cavalgada porque são eles que a vivenciam e a experienciam em seu cotidiano, no seu querer, gostar e desejar as que estão por vir.

RERERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS



5. REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, Luiz Antônio. Estrangeiros em Aracaju II. In: **Serigy a história de um povo**. 2006. Disponível em: http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=52&titulo=Estrangeiros_Sergipe Acesso em: Outubro 2017.

BARROS, Mozart Brandão. **Cavalgada: conceitos e organização**. Alagoas: Viajar a cavalo, 2015. Disponível em: <https://viajaracavalo.com.br/cavalgadas-conceitos-e-organizacao/> Acesso em: Setembro de 2017.

BELZ Carlos Eduardo. **A Fotografia Científica**. Site Fotografia Científica, 2011. Disponível em <http://www.fotocientifica.com/2011/08/fotografia-cientifica.html> Acesso em: Maio de 2016.

BETTENCOURT, Dom Estevão Tavares. **As Cruzadas e a Terra Santa. Santa Sé vaticano: Congregação Para o Clero**. 2007. Disponível em: <http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/02CruzadasTerraSanta.html> Acesso em: Setembro de 2017.

BISPO, Antonio Alexandre. Migrações a centros de comércio e mudanças de práticas tradicionais. Das cavalgadas do Divino de zonas rurais inglesas à música de banda em Manchester e na integração de portugueses no universo britânico de Hong Kong. **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira**, v.137, n.15, 2012.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 83-132.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis – um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás**. Goiânia: Oriente, 1974. Disponível em <http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/cavalcadas.pdf> Acesso: dezembro de 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na Rua**. Campinas: Papirus, 1989. Disponível em http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/a_cultura_na_rua.pdf Acesso: em: Dezembro de 2016.

CARVALHO, Samanta Viana Castelo Branco Rocha. Manifestações Culturais. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.). **Noções básicas de folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Paraná: Editora UEPG, 2007. p. 64-66.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. Concepções de festa, os sentidos do festejar e as dimensões socioeconômicas, culturais e lúdicas das festas juninas. In: **Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 39-84.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. A Questão Cultural no Espaço Urbano de Pequenas Cidades na Contemporaneidade: Reflexões a Partir de Alguns Conceitos. In: **Cidades médias e pequenas: dinâmicas espaciais, contradições e perspectivas na relação cidade-campo**. Salvador: SEI, 2015. p.33 – 49.

CLAVAL, Paul. **O Território na transição da pós-modernidade**. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; ARRAIS, Tadeu Alencar. *É Geografia É Paul Claval*. Goiânia: FUNAPE, 2013. pp. 122 -143.

CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. 4 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

COELHO NETO, Agripino Souza. Componentes Definidores do Conceito de Território: a Multiescalaridade, a Multidimensionalidade e a Relação Espaço poder. In: **GEOgrafia**. Niterói, v. 15, n. 29, p. 23 -52, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural**. In: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <https://www.ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf> Acesso em Setembro de 2016.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-122.

COSTA, Sergio Paulo Muniz. **Idade Média**: Mil Anos no Presente. EdiPUCRS: Porto Alegre, 2017. Disponível em: <file:///E:/Origem%20das%20cavalgadas/IDADE%20M%C3%89DIA%20MIL%20ANOS%20NO%20PRESENTE%20-%20S%C3%89RGIO%20PAULO%20MUNIZ%20COSTA%20-%20Google%20Livros.html> Acessado em Setembro de 2017.

FALKEMBACH, Elza M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e Educação**. Universidade de Ijuí. ano 2. nº 7, julho /set 1987.p. 19-24.

FERREIRA, Norma S. D. A. As Pesquisas Denominadas “Estado Da Arte”. In: **Educação & Sociedade**. Ano XXIII, n. 79, p. 257-272, Agos. 2002.

FOLHA LARANJEIRENSE. **Circuito de Cavalgadas prossegue em Itaporanga**. 2013. Disponível em: https://kokalaranjeiras.blogspot.com.br/2013/07/circuito-de-cavalgadas-prossegue-em.html?_escaped_fragment_1 Acessado em: Outubro de 2017.

FONSECA, Tiago Miguel Pereira Martins da. **A Cultura na Rua**: Estratégia ou Entertentimento Cultural. Dissertação de Mestrado em Práticas Culturais para Municípios - Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa, 2012.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. In: **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

GURAN, Milton. Documentação fotográfica a pesquisa científica notas e reflexões. In: **XII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 2012.

HAESBAERT, Rogério. **Des-caminhos e perspectivas do território**. In: RIRAS, Alexandre Domingos; SPOSITO, Eliseu Savério; SAQUET, Marcos Aurélio. Território e desenvolvimento: diferentes abordagens. 2.ed. Francisco Beltrão: Editora da UNIOESTE, 2004a.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos território à territorialidade. Porto Alegre, 2004b. disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf> Acesso em 23 de mai. 2015.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (Ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades. In: ARAUJO, Frederico G. B; HAESBAERT, Rogério; BEZERRA, Amélia C. A. **Identidades e Territórios**: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007a.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. In: **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas**. Niterói, v. 1, n. 2 (4), p. 39 -52 Agos. 2007b.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Território e territorialidade**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009a, p.95-120.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2009b.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidades**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidades entre os conceitos da geografia. In:_____. **Viver no limite**: territórios e multi/territorialidade em tempos de insegurança e contenção. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

INFONET, Jornalismo. **Circuito de Cavalgadas prossegue em Itaporanga**. 2013. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/noticias/cultura/ler.asp?id=146740> Acesso em agosto de 2016.

JORNAL DA CIDADE. **Circuito de Cavalgadas prossegue neste final de semana em Itaporanga D'Ajuda**. 2013. Disponível em: <http://www.jornaldacidade.net/noticia-leitura/69/52689/circuito-de-cavalgadas-prossegue-neste-final-de-semana-em-itaporanga-dajuda.html#.Wo9d91TwZdg> Acesso em junho de 2017.

LAGARES, Mirne-Gleyde. **A festa de São João Batista: da Genealogia dos Lugares às Redes Sociais e a (re)Conformação do Território** (Dissertação). Goiânia: UFG, 2009. 126 f.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MARQUES, Luana Moreira; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. In: **Ateliê Geográfico**. Goiânia, v. 9, n. 3, p. 7 – 26, dez/ 2015.

MATTOS, Paulo de Carvalho. **Tipos de revisão de literatura**. São Paulo: UNESP, 2015.

OMENA, Jacira. **Cavalgadas Brasil: Agência e Operadora de Turismo Equestre**. 2016. Disponível em: <https://viajaracavalo.com.br/cavalgadas-brasil-2/> Acesso em Setembro de 2017.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Geografia e Pesquisa Qualitativa: Um Olhar Sobre o Processo Investigativo. **Geo UERJ** - ano 14, nº. 23, v. 1, 1º semestre de 2012 p. 4-18.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPORANGA D'AJUDA. **Circuito de Cavalgadas de Itaporanga atrai milhares de pessoas**. 2014. Disponível em: <http://netcustom.com.br/noticia.php?sa=88&cod=4363> Acessado em: Outubro de 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS Ernane César de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed, Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, João Paulo Pacheco. **A cavalgada de São Sebastião em Cambira – PR**. In: VII Congresso Internacional de História XXXV Encuentro de Geohistória Regional XX Semana de História. Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/746.pdf> Acesso em: Agosto de 2016.

SANTOS, David W. S. dos; LEANDRO, Hélio W. S. “Grandes Famílias” e estruturação do espaço do poder em Sergipe: Reconversões sociais e esferas de atuação. In: **Scientia Plena**. Aracaju, v. 6, n. 12(b), 2010.

SANTOS, Milton. Cultura Popular, período popular. In: **Por uma Outra Globalização: do pensamento único a consciência universal**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. p.142 – 147.

SANTOS, Milton. O Tempo (Os eventos) e o espaço. In: **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 93 – 108.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma abordagem territorial**. In: SAQUET, Marcos Aurélio & SPOSITO, Eliseu Savério. Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos. São Paulo, Expressão popular, 2009.

SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SILVA, Paula Junqueira Da. **Cavalaria jacuba e a valorização da identidade camponesa: patrimônio cultural e imaterial de Iporá-Go**. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária: Território em Disputa: Os Desafios da Geografia Agrária nas Contradições do Desenvolvimento Brasileiro. Uberlândia, 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TEIXEIRA, Maisa França. **Espaços e territorialidades do “festejar” da Catira no estado de Goiás** (Dissertação). Goiânia: UFG, 2012. 169 f.

TRIGUEIRO, Osvaldo. Festas populares. In: GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (org.). **Noções básicas de folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Paraná: Editora UEPG, 2007.p. 107 – 112.

TRIVIÑOS, A. N. S. **introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. 248 p.

TURATO, Egberto Ribeiro. Decidindo quais indivíduos estudar. In: _____. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 3351-368.)

VARGAS, Maria Augusta Mundim. Territórios de identidade nos territórios de planejamento. **Revista Anpege**, n. 1, v. 7, p. 99-109, out. 2011.

VARGAS, Maria Augusta Mundim; NEVES, Paulo Sergio da Costa. **Inventario Cultural dos territórios de Sergipe e elaboração de um atlas da cultura sergipana**. Relatório. Seplan/SE: Aracaju, 2009.

VARGAS, Maria Augusta Mundim; NEVES, Paulo Sergio da Costa. Olhares sobre identidade e festas em Sergipe. **Revista Geográfica de América Central**, n. 47, v. 2, p.01-15, II semestre, 2011.

APÊNDICES



APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



TÍTULO DO PROJETO: Territórios das cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda/SE

Mestrando (a): Daniele Luciano Santos **Orientadora:** Maria Augusta Mundim Vargas

Local da observação: _____ Data da observação: ____/____/____
Hora de início da observação: _____ hora de fim da observação: _____ Roteiro nº: ____

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

1. Paisagem do cotidiano (Observar e registrar)

- a) Elementos da paisagem cotidiana ligados à cavalgada (Rua, praça, campos);
- b) Descrever aspectos da dinâmica cotidiana que reflete ou é reflexo da cavalgada;

2. Paisagem da cavalgada (Observar e registrar)

- a) O roteiro da cavalgada (saída, chegada, praças, campos, ruas, estradas, etc);
- b) Do que consistem as cavalgadas (missa e procissão, trajetos-especificar, momentos de lazer, outros-especificar etc);

Observar e registara os seguintes aspectos:

- i. Tipos de vestimentas e seus significados (tradicionais ou não);
 - ii. Fogos, bandeiras, ornamentações com palhas e tecidos (chitas e chitões), cores e sons;
 - iii. A ocorrência de emoções originais (particulares e coletivas) em referência a cavalgada;
 - iv. O elemento da cavalgada que mais se sobressai na paisagem;
 - v. A presença de patrocínio e de apoio (verificar se há alguma identificação desta natureza em cartazes, panfletos, camisas adesivos, etc);
 - vi. Tipos de atrações e atrativos;
 - vii. Anúncios de competições e premiações;
 - viii. Quem participar (homens, mulheres, crianças);
 - ix. Há presença e/ou manifestações de artistas;
 - x. Presença de vendedores ambulantes;
 - xi. Os tipos de produtos comercializados;
 - xii. As atividades econômicas feitas na cavalgada ou relacionadas à ela;
- c) Cada espaço correspondente às ações identificadas acima (do entorno da festa; do município ou povoado; do cortejo, da praça, da quadra ou campo; igreja);
 - d) Elementos da cavalgada expressos na paisagem do cortejo-festa;
 - e) Descrever a sequência de percepção visível, auditiva, olfativa, tátil, gustativa e sinestética (junção);

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



TÍTULO DO PROJETO: Territórios das cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda/SE

Mestrando (a): Daniele Luciano Santos **Orientadora:** Maria Augusta Mundim Vargas

Local da entrevista: _____ Data da observação: ____/____/____

Hora de início da entrevista: _____ hora de fim da entrevista: _____ Roteiro nº: _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Identificação:

Nome:

Sexo: M () F ()

Idade:

Naturalidade:

Tempo de Residência:

2. Ocorrência, origem e evolução (Apenas para os produtores das cavalgadas)

- Em que época ocorre as cavalgadas?
- Tem data certa para iniciar as cavalgadas?
- Fale sobre o histórico das cavalgadas;
- As diferenças e semelhanças da forma de fazer as cavalgadas no passado e no presente?
- Se ocorreu mudanças foram em que (na forma, na composição, no número de pessoas envolvidas, no significado de fazer)?
- Quais os tipos de patrocínio e apoio à cavalgada?
- O que significa para quem produz? O que significa para quem participa (considerando as diferentes formas de participação)?
- Enfrenta dificuldades na realização? Discorra sobre.

3. Na cavalgada (Para todos)

- Gosta da cavalgada? Justifique.
- Qual o significado da cavalgada para você?
- Qual sua função na cavalgada? (produtor, participa à cavalo, participa como expectador, participa como atração artística)
- Qual a importância da cavalgada para quem produz, e para quem participa (nas diferentes formas de participação)?
- Qual a importância da cavalgada para o município?
- A cavalgada é mais importante para quem? Se acabar, quem perderá mais?

4. Disposições econômicas? (Todos, mas principalmente os vendedores ambulantes)

- Qual a principal motivação para comercializar na cavalgada?
- Qual a procedência do produto? (onde por quem é produzido)

5. Os animais da cavalgada (Todos, mas principalmente quem aluga cavalos)

- Procedência dos animais utilizados na cavalgada, registrar o transporte de animais.

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



TÍTULO DO PROJETO: Territórios das cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda/SE

Mestrando (a): Daniele Luciano Santos

Orientadora: Maria Augusta M. Vargas

Local da observação/entrevista: _____ Data da: ____/____/____

Saída _____ Chegada _____

Quadro dos Elementos da Cavalgada

6. Identificação:

Nome:

Sexo: M () F ()

Idade:

Naturalidade:

Tempo de Residência:

Profissão/Ocupação:

ELEMENTOS		COMENTÁRIOS
I. SAÍDA		
	Casa da liderança	
	Casa do Prefeito	
	Igreja	
	Praça/Largo	
	Outros (especificar)	
II. CHEGADA		
	Casa da liderança	
	Casa do Prefeito	
	Igreja	
	Praça/Largo	
	Outros (especificar)	
III. MÚSICA/PERCURSO		
	Trio elétrico	
	Carro e som	
	Som das casas	
	Outros (especificar)	
IV. ANIMAIS		
	Cavalos	
	Cavalos alugados	
	Outros animais	
	Carroças/charretes	
	Ornamentação	

V.	PESSOAS	
	Mais homens	
	Mais mulheres	
	Igual	
	Crianças	
	Idosos	
VI.	VESTIMENTAS	
	Camisas da cavalgada	
	Roupas típicas/ cavalgada	
	Roupas típicas de São João	
	Outros (especificar)	
VII.	PERCUSO	
	Ornamentação rua/ estrada	
	Ornamentação/ casas	
	Pt. Parada (especificar)	
	Venda de bebidas	
	Venda de bebida/comida	
	Venda de comida	
	Outros (especificar)	
VIII.	SHOW DA NOITE	
	Forró	
	Aboiadores	
	Pop	
	1 banda	
	2 - 4 bandas	
	Apresentações	
IX.	PRAÇA DO SHOW	
	Ornamentação	
	Barraca de bebida/comida	
	Barraca de acessórios	
	Música	
	Barracas de apoio	
	Camarotes	
X	OUTRAS INFORMAÇÕES	



APÊNDICE D
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



Título do Projeto: Territórios das cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda/SE

Mestrando (a): Daniele Luciano Santos Orientadora: Maria Augusta Mundim Vargas

QUESTIONÁRIO – FESTA

<p>Local: _____</p> <p>Data/Hora: _____</p> <p>Sexo: F() M() Idade: _____</p> <p>1- Você participa da cavalgada? Sim () Não ()</p> <p>2- Se _____ sim, _____ desde _____ quando participa? _____</p> <p>3- Em _____ quais _____ participa? _____</p> <p>4- Como participa? (assiste, cavalga, vende produto, atração _____ artística, _____ etc.)</p> <p>5- O que a cavalgada é para você? _____ _____ _____</p> <p>6- Participa do show após a cavalgada? Sim () Não ()</p> <p>7- Se sim, o que o show é para você? _____ _____</p>	<p>Local: _____</p> <p>Data/Hora: _____</p> <p>Sexo: F() M() Idade: _____</p> <p>1- Você participa da cavalgada? Sim () Não ()</p> <p>2- Se _____ sim, _____ desde _____ quando participa? _____</p> <p>3- Em _____ quais _____ participa? _____</p> <p>4- Como participa? (assiste, cavalga, vende produto, atração _____ artística, _____ etc.)</p> <p>5- O que a cavalgada é para você? _____ _____ _____</p> <p>6- Participa do show após a cavalgada? Sim () Não ()</p> <p>7- Se sim, o que o show é para você? _____ _____</p>
<p>Local: _____</p> <p>Data/Hora: _____</p> <p>Sexo: F() M() Idade: _____</p> <p>1- Você participa da cavalgada? Sim () Não ()</p> <p>2- Se _____ sim, _____ desde _____ quando participa? _____</p> <p>3- Em _____ quais _____ participa? _____</p> <p>4- Como participa? (assiste, cavalga, vende produto, atração _____ artística, _____ etc.)</p> <p>5- O que a cavalgada é para você? _____ _____ _____</p> <p>6- Participa do show após a cavalgada? Sim () Não ()</p> <p>7- Se sim, o que o show é para você? _____ _____</p>	<p>Local: _____</p> <p>Data/Hora: _____</p> <p>Sexo: F() M() Idade: _____</p> <p>1- Você participa da cavalgada? Sim () Não ()</p> <p>2- Se _____ sim, _____ desde _____ quando participa? _____</p> <p>3- Em _____ quais _____ participa? _____</p> <p>4- Como participa? (assiste, cavalga, vende produto, etc.)</p> <p>5- O que a cavalgada é para você? _____ _____ _____</p> <p>6- Participa do show após a cavalgada? Sim () Não ()</p> <p>7- Se sim, o que o show é para você? _____ _____</p>

APÊNDICE E



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



TÍTULO DO PROJETO: Territórios das cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda/SE
Mestrando (a): Daniele Luciano Santos **Orientadora:** Maria Augusta M. Vargas

Objetivo geral da pesquisa

Analisar os territórios das cavalgadas em Itaporanga d'Ajuda pelas práticas sócio-espaciais mantenedoras e propulsoras de sua realização.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que o objetivo da pesquisa me foi lido e explicado pelos responsáveis e que concordo em participar da mesma. Estou informado(a) de que não serei obrigado(a) a realizar nenhuma atividade para a qual não me sinta disposto(a); meu nome e dos demais participantes da pesquisa não serão divulgados; os responsáveis deverão fornecer informações sobre a pesquisa quando forem solicitadas; os participantes da pesquisa podem solicitar que suas informações sejam excluídas da pesquisa. Ao assinar este termo, passo a concordar com a divulgação das informações da pesquisa em ambientes acadêmicos, desde que respeitadas as condições acima, que me foram explicadas.

Entrevistado	Pesquisador	Data da entrevista
Antônio de Bindaivalves (tombado Pó)		27/06/17
Yori, Alexandre, Lima		27/06/17
Jefferson		27/06/17
Alcides		27/06/17
Natalia de S. Santos		06/07/17
Neusa Teixeira N. Costa		06/07/17
Maria Santos de Azevedo		06/07/17
SR. Edivaldo		06/07/17
DIANE M. A. DOS SANTOS		06/07/17
SR. José Antônio		17/07/17

ANEXOS



ANEXO A

LISTA DE MUNICIPIOS E SITES CONSULTADOS	
Municípios	Links
Amparo de Sao Francisco	http://infonet.com.br/
Aquidaba	http://www.aquidaba.se.gov.br/
Aracaju	http://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=71830
Araua	http://www.araua.se.gov.br/
Areia Branca	http://areiabranca.se.gov.br/
Barra dos Coqueiros	http://www.barradoscoqueiros.se.gov.br/
Boquim	http://www.boquim.se.gov.br/
Brejo Grande	http://www.brejogrande.se.io.org.br/
Campo do Brito	http://www.campodobrito.se.gov.br/
Canhoba	http://canhoba.se.gov.br/
Caninde de Sao Francisco	http://senoticias.com.br/se/
Capela	http://capela.se.gov.br/
Carira	http://www.carira.se.gov.br/
Carmopolis	http://carmopolis.se.gov.br/
Cedro de Sao Joao	https://agendacultural.online/category/agenda-cultural/aracaju/
Cristinapolis	http://cristinapolis.se.gov.br/
Cumbe	http://www.cumbe.se.gov.br/
Divina Pastora	http://www.divinapastora.se.gov.br/
Estancia	http://www.estancia.se.gov.br/
Feira Nova	http://www.feiranova.se.gov.br/
Frei Paulo	http://www.freipaulo.se.gov.br/
Gararu	http://www.gararu.se.gov.br/
General Maynard	http://generalmaynard.se.gov.br/
Gracho Cardoso	http://www.grachocardoso.se.io.org.br/
Ilha das Flores	http://ilhadasflores.se.gov.br/
Indiaroba	http://www.indiaroba.se.gov.br/
Itabaiana	http://www.itabaiana.se.gov.br/
Itabaianinha	http://www.itabaianinha.se.gov.br/
Itabi	http://senoticias.com.br/se/
Itaporanga d'Ajuda	http://itaporanga.se.gov.br/
Japarutuba	http://japarutuba.se.gov.br/
Japoata	http://japoata.se.gov.br/
Lagarto	http://www.lagarto.se.gov.br/v2/
Laranjeiras	http://www.laranjeiras.se.gov.br/
Macambira	http://macambira.se.gov.br/
Malhada dos Bois	http://malhadadosbois.se.gov.br/
Malhador	http://malhador.se.gov.br/
Maruim	http://www.maruim.se.gov.br/

Moita Bonita	http://www.moitabonita.se.gov.br/
Monte Alegre de Sergipe	http://www.montealegredesergipe.se.gov.br/
Muribeca	http://www.muribeca.se.gov.br/
Neopolis	http://www.neopolis.se.gov.br/index.php
Nossa Senhora Aparecida	http://nossasenhoraaparecida.se.gov.br/
Nossa Senhora da Gloria	http://gloria.se.gov.br/
Nossa Senhora das Dores	http://www.nossasenoradasdores.se.gov.br/
Nossa Senhora de Lourdes	http://nsdelourdes.se.gov.br/
Nossa Senhora do Socorro	http://socorro.se.gov.br/
Pacatuba	http://pacatuba.ce.gov.br/
Pedra Mole	http://www.pedramole.se.gov.br/
Pedrinhas	http://www.pedrinhas.se.gov.br/
Pinhao	http://www.pinhao.se.gov.br/
Pirambu	http://pirambu.se.gov.br/
Poco Redondo	http://pocoredondo.se.gov.br/
Poco Verde	http://pocoverde.se.gov.br/
Porto da Folha	http://portodafolha.se.gov.br/
Propria	http://propria.se.gov.br/
Riachao do Dantas	http://riachaododantas.se.gov.br/
Riachuelo	http://www.riachuelo.se.gov.br/
Ribeiropolis	http://ribeiropolis.se.gov.br/
Rosario do Catete	http://rosariodocatete.se.gov.br/
Salgado	http://www.salgado.se.io.org.br/
Santa Luzia do Itanhy	http://www.santaluziadoitanhi.se.gov.br/
Santa Rosa de Lima	http://www.santarosadelima.se.gov.br/
Santana do Sao Francisco	http://www.santanadosaofrancisco.se.gov.br/
Santo Amaro das Brotas	http://senoticias.com.br/se/
Sao Cristovao	http://saocristovao.se.io.org.br/
Sao Domingos	http://www.saodomingos.se.gov.br/
Sao Francisco	http://senoticias.com.br/se/
Sao Miguel do Aleixo	http://www.saomigueldoaleixo.se.gov.br/portal/
Simao Dias	http://simaodias.se.gov.br/
Siriri	http://www.siriri.se.gov.br/
Telha	http://telha.se.gov.br/
Tobias Barreto	http://tobiasbarreto.se.gov.br/
Tomar do Geru	http://tomardogeru.se.gov.br/
Umbauba	http://www.umbaubase.gov.br/

ANEXO B: Cartazes e Mídias digitais das Cavalgadas de Itaporanga d'Ajuda/SE

ARRAIÁ D'AJUDA 2014
ITAPORANGA D'AJUDA
SERGIPE 20, 21 e 24 de junho

DIA 20
 Rojão Diferente
CÉSAR MENOTTI E FABIANO
 Galã

DIA 21
 Alma Gêmea
CRISTIANO ARAÚJO SAMYRA SHOW

DIA 24
 CAVALGADA
 Galã das Vaquejadas
 Torcendo a cavalgada!
 Viola - Ferrô dos Plays

DIA 28 - 14h
 Concurso de Quadrilhas
 Ginásio de Esportes
 Gov. João Alves Filho

Patrocinado: **BRASIL**, **PETROBRAS**, **Banese**, **SERGIPE**

Realiza: **PREFEITURA DE Itaporanga**
 FAZ MAIS POR VOCÊ

São João de Itaporanga
 Venha curtir e se emocionar!

AGENDAS E FESTAS

Programação

Dia 22 - Quinta-feira

21h - Cabana de Luxo
 23h - Unha Pintada
 01h - Zezé di Camargo e Luciano
 03h - Avine Vinny

Dia 23 - Sexta-feira

21h - Farra de Barão
 23h - Xandy e Nanda
 01h - Samyra Show
 03h - Igor Ativado

Dia 24 - Sábado

Cavalgada
 16h - FORROZÃO ARGOLÃO DE OURO
 (Saindo da Praça do Povoado Salvador)

Praça de Eventos
 20h - Danielzinho e Forrozão
 Quarto de Milha
 22h - Sérgio Lucas
 00h - Rojão Diferente

8ª CAVALGADA D'AJUDA
ITAPORANGA D'AJUDA-SE

SÁBADO 10 MAIO/2014

NADA É IGUAL

REALIZAÇÃO:
VEREADOR BRUNO SOBRAL E AMIGOS

PEGAÇÃO . DANIELZINHO . EDU GUERRA
FORRÓ DE VAQUEIRO . RODRIGUINHO . ANDREZINHO

www.agendasergipe.com.br

DOMINGO 06 DE AGOSTO

11 anos de história e tradição!

CAVALGADA D'AJUDA
ITAPORANGA D'AJUDA-SE
2017

FORRÓ DOS **PLAYS** • **BIG LOVE** • **FARRA DE BARÃO** • **MIMI DO ACORDEON E DOUGLAS GAVIÃO**
JOBSON MASCARENHAS KLESSINHA SANDOYS PUXANDO A CAVALGADA

Uma Cavalgada movida pela paixão!!!

RCUITO DE CAVALGADAS
Povoado Tapera 2015

DOMINGO, 23 DE AGOSTO
SAINDO DO POVOADO TELHA AS 15H COM **NEGUINHO ABOIADOR**
PUXANDO A CAVALGADA
E NA CHEGADA NA PRAÇA SHOWS COM **MÁRCIA FELIPE**
A SENSÇÃO DO MOMENTO
PEDRO HENRIQUE



Comemoração dos FESTEIOS JUNINOS
ITAPORANGA D'AJUDA
SERGIPE
DOMINGO, 26 de Junho de 2016

Cavalgada saindo do Povoado Salvador as 15h com **RODRIGUINHO DO FORRÓ**
na praça de Eventos Shows com:
20h - **TARCINHO VAQUEIRO PLAYBOY**
22h30 - **AVIÕES DO FORRÓ**
00h - **KLESSINHA SANDOYS**



QUEM VAI SE APAIXONA!!!
QUEM FOI NUNCA ESQUECE!!!

MANIACOS 6 Anos

CAVALGADA D'AJUDA
ITAPORANGA-SE 2012

TODO MUNDO VAI
NOVA DATA
06 MAIO
ORG. BRUNO SOBRAL E AMIGOS

ATRAÇÕES CONFIRMADAS
MANO WALTER
FORRÓ DO TCHÊ
JEANNY (EX FORRÓ MAIOR)
FORRÓ DA PRESSÃO
RODRIGUINHO DO FORRÓ
ANDREZINHO E OS MORENOS
E MUITO MAIS

